



O Foco Evangélico de

Charles Spurgeon

STEVEN J. LAWSON


FIEL
Editora

UM PERFIL DE HOMENS PIEDOSOS



STEVEN J. LAWSON

O Foco Evangélico de

Charles Spurgeon

UM PERFIL DE HOMENS PIEDOSOS



“Steven Lawson, ele mesmo um grande pregador, surgiu em nossa geração como um dos melhores biógrafos de grandes pregadores. Seus trabalhos sobre João Calvino e Jonathan Edwards são, ambos, obras-primas. Steve tem a habilidade de ressaltar e explicar as características mais marcantes que fizeram de cada um desses pregadores singulares verdadeiramente importantes e influentes. Esta obra sobre Charles Spurgeon é igualmente brilhante, pois ressalta as convicções calvinistas de Spurgeon ao lado de seu zelo evangelístico – demonstrando por que essas duas características são perfeitamente harmônicas e igualmente essenciais para qualquer ministério verdadeiramente bíblico. Um trabalho que prende a atenção, este livro estimulará o seu entusiasmo pela sã doutrina junto com zeloso evangelismo”.

DR. JOHN MACARTHUR

Pastor, Grace Community Church

Sun Valley, Califórnia

“Charles Spurgeon foi pastor-teólogo modelo. Sua teologia ficou viva em seu apelo para que os pecadores se reconcilhassem com Deus. Lawson ressalta a necessidade de uma teologia alimentada por fervor evangelístico nesta excelente cartilha sobre o príncipe dos pregadores”.

DR. ED STETZER

Vice-Presidente de Pesquisa e

Desenvolvimento de Ministérios

LifeWay Christian Resources, Nashville, Tennessee

“Possuo pelo menos três dúzias de biografias diferentes sobre o príncipe dos pregadores, mas o novo livro de Steven Lawson sobre Charles Spurgeon terá lugar chave e proeminente na minha lista de favoritos daqui em diante. Dr. Lawson compreende o que fazia bater o coração do grande

pregador: o evangelho carregado de paixão pelas almas dos perdidos, mantida firme pelas doutrinas da graça. O ritmo claro desse pulso reverbera em todo esse livro, e é um ritmo cativante. Estou profundamente grato por isso, e espero que inúmeros leitores sejam comovidos, entrando no compasso dessa cadência.”

PHIL JOHNSON

Diretor Executivo, Grace to You

Curador, O Arquivo Spurgeon (www.spurgeon.org)

“Steven Lawson oferece análise sucinta e cativante do coração de um dos maiores pregadores de todos os tempos. O ministério de Spurgeon é lendário, mas o que animava e motivava sua vida e ministério, muitas vezes não é visto. Com amplos extratos das obras e sermões do próprio Spurgeon, este livro revela como o evangelho de Jesus Cristo provia tanto o poder quanto o conteúdo de sua pregação. Longe de distrair do evangelho, essas doutrinas historicamente conhecidas com Calvinismo, fizeram que Spurgeon entendesse a pessoa e obra de Jesus com maior clareza, pregando Cristo com maior paixão. Conquanto algumas pessoas que não aderem ao ponto de vista de Spurgeon sobre as doutrinas da graça talvez questionem como ele poderia ser calvinista enquanto ainda evangelista, Lawson demonstra claramente que o príncipe dos pregadores era evangelista ousado precisamente *em razão* de seu calvinismo. Há muita sabedoria neste livro, tanto para os pregadores quanto para aqueles que valorizam a boa pregação”.

DR. THOMAS K. ASCOL

Pastor líder, Igreja Batista da Graça, Cabo Coral, Flórida

“Por mais de trinta e seis anos, Steven Lawson tem tido interesse intenso no ministério de Charles Spurgeon. Em Abril de 1976, escreveu

um trabalho sobre as controversas teológicas de Spurgeon para uma classe de História dos batistas no Seminário Teológico Batista do Sudoeste. Naquele escrito, ele disse sobre Spurgeon: ‘Ele engrandecia a graça de Deus e glorificava o Filho de Deus’. Neste livro, Lawson demonstra como essas características do ministério de Spurgeon, bem como o compromisso integral com a infalibilidade da Escritura, seu evangelismo fervoroso centrado na graça, sua completa dependência da obra do Espírito Santo, e sua coragem pessoal fazem que Spurgeon transcenda os tempos como modelo para um ministério evangélico centrado na igreja. Todo cristão será encorajado pela descrição que Lawson faz da vida de Spurgeon, e sua análise do compromisso que compele a todo o conselho de Deus. Carregado de citações penetrantes de Spurgeon e pontuado com exortações úteis e pertinentes de Lawson, este é um livro para nós todos.”

DR. THOMAS J. NETTLES

Professor de teologia histórica

Seminário Teológico Batista do Sul

Louisville, Kentucky

O Foco Evangélico de Charles Spurgeon – Um perfil de Homens Piedosos Traduzido do original em inglês “The Gospel Focus of Charles Spurgeon” por Steven J. Lawson Copyright © 2012 por Steven J. Lawson

Publicado por Reformation Trust, Uma divisão de Ligonier Ministries,

400 Technology Park, Lake Mary, FL 32746

•

Copyright © 2012 Editora Fiel 1ª Edição em Português: 2012

•

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária
PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO
ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

•

Presidente: James Richard Denham III Presidente Emérito: James Richard Denham Jr.

Editor: Tiago J. Santos Filho Tradução: Elizabeth Gomes

Revisão: Tiago J. Santos Filho Capa: Chris Larson (ilustração: Kent Barton) Diagramação: Wirley
Correa (Layout) Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-230-8



Caixa Postal, 1601

CEP 12230-971

São José dos Campos-SP

PABX.: (12) 3919-9999

www.editorafiel.com.br

PARA IAIN MURRAY,
CUJOS ESFORÇOS DURANTE
MAIS DE MEIO SÉCULO
TÊM APRESENTADO A VERDADE REFORMADA
A UMA NOVA GERAÇÃO,
E CUJO LIVRO
THE FORGOTTEN SPURGEON,
TEVE IMPACTO DRAMÁTICO E DURADOURO
PARA O BEM DE MINHA VIDA

ÍNDICE

Apresentação: Seguidores Dignos de Serem Seguidos

Prefácio: Por que Spurgeon?

Capítulo 1: A Vida e o Legado de Spurgeon

Nascido e nascido de novo

Capela de New Park Street

Primeiras provas e triunfos

Uma onda crescente de reavivamento

O Tabernáculo Metropolitano

Adversidades e Avanços

Os Dias Finais

Capítulo 2: Fundamentos Inabaláveis

Autoria Divina

Inerrância Divina

Autoridade Divina

Verdade Divina

Compromisso com a Palavra

Capítulo 3: Graça Soberana

Depravação Total

Eleição Incondicional

Expição Limitada

Graça Irresistível

Perseverança

Graça Maravilhosa

Capítulo 4: Fervor Evangelístico

Ousadas Proclamações
Convites Abertos
Ternos Apelos
Argumentos Sãos
Persuasão Forçosa
Ordens de Autoridades
Severas Admoestações
Paixão pelas Almas Perdidas

Capítulo 5: O Coração do Evangelho

A Pessoa de Cristo
A Morte de Cristo
A Ressurreição de Cristo
A Exaltação de Cristo
Cristo é o Evangelho

Capítulo 6: Testemunho de Poder pelo Espírito

Esclarecimento Sobrenatural
Sabedoria Divina
Paixão Ardente
Entrega Constrangedora
Foco Intenso
Profunda Convicção
Triunfo do Evangelho

Conclusão: Queremos novamente pessoas como Spurgeon

Notas

Seguidores Dignos de Serem Seguidos

A través dos séculos, Deus tem erguido longa fileira de homens piedosos, aqueles a quem ele usa de maneira poderosa em momentos críticos da história da igreja. Esses indivíduos valorosos vieram de todos os tipos de vida – desde prédios cobertos de hera de escolas da elite até empoeiradas salas dos fundos de oficinas de artesãos. Surgiram de todos os pontos deste mundo – desde locais altamente visíveis em cidades de densa população até obscuros vilarejos nos lugares mais remotos. No entanto, apesar dessas diferenças, essas figuras centrais, troféus da graça de Deus, têm muito em comum.

Com certeza, cada um desses homens possuía corajosa fé em Deus e no Senhor Jesus Cristo, mas pode-se dizer mais ainda. Cada um tinha profundas convicções quanto às verdades que exaltam a Deus, conhecidas como as doutrinas da graça. Embora diferissem em questões secundárias de teologia, eles andavam ombro a ombro na defesa das doutrinas que exaltam a soberana graça de Deus, em seus propósitos salvíficos para o mundo. Cada um desses homens exaltava a verdade essencial de que “Do Senhor é a salvação” (Sl 3.8; Jn 2.9).

Como essas verdades afetaram a vida deles? Longe de deixá-los inativos, as doutrinas da graça inflamaram seus corações com reverente deslumbramento por Deus e humilhou suas almas diante de seu trono. Além do mais, as verdades da graça soberana deram coragem a esses

homens para promover a causa de Cristo sobre a terra. Tal fato não deveria nos surpreender, porque a história revela que aqueles que abarcam essas verdades recebem extraordinária confiança em Deus. Com uma visão maior de Deus, eles dão passos adiante e realizam a obra de muitos homens, deixando uma influência piedosa sobre as gerações futuras. Eles sobem com asas como águias, sobrevoando seus tempos na história. Quanto à experiência, as doutrinas da graça renovam seus espíritos, dando-lhes poder para servir a Deus em suas horas divinamente designadas.

Os Perfis de Homens Piedosos visam ressaltar figuras chaves dessa procissão de homens imbuídos da graça soberana de Deus. O propósito desta série é examinar como essas figuras utilizaram seus dons, dados por Deus, e suas habilidades, para promover o reino do céu. Por ser eles fortes seguidores de Cristo, seus exemplos são dignos de ser imitados hoje.

Neste volume, quero apresentar-lhes o respeitado pregador britânico Charles Haddon Spurgeon. A voz de Spurgeon trovejou com a verdade por toda a Inglaterra e além de lá, em uma época que a igreja tinha grande necessidade de pregação do evangelho calorosa, franca, sem impedimentos ou barreiras – e isso de uma linha calvinista. Apesar do declínio teológico e metodológico de seus dias, Spurgeon era profundamente dedicado à pregação de Cristo, e Cristo crucificado. À medida que o Senhor lhe dava poder, o seu púlpito se tornou um dos mais profícuos que o Reino de Deus conheceu em todos os tempos. Até os dias atuais, Spurgeon permanece conhecido como o “príncipe dos pregadores”, eminentemente digno de ser estudado nesta série.

Que o Senhor use este livro para dar-lhe profunda ousadia, a fim de que você, como Spurgeon, deixe uma marca indelével sobre este mundo. Que você seja fortalecido pelo evangelho a caminhar de modo digno da vocação a que foi chamado.

Soli deo gloria!

– *Steven J. Lawson*
Editor da Série

Por que Spurgeon?

Há mais de trinta anos, quando eu era jovem estudante de seminário teológico, fui confrontado com a verdade bíblica da soberania de Deus na salvação. Até então, eu havia visto a salvação como algo que envolvia cooperação entre Deus e o homem. Eu presumia que Deus oferecia a salvação, mas o homem tinha a capacidade de aceitar ou rejeitá-la. Sem esperar, a graça soberana de Deus, que é manifestada àqueles a quem escolheu desde antes da fundação do mundo, me foi apresentada. Para minha surpresa, meus olhos se abriram para contemplar a Deus como jamais o tinha visto antes.

Uma densa neblina se ergueu. De repente, eu via as verdades da Bíblia conhecidas como as doutrinas da graça. Surpreendentemente, vi que estavam ali o tempo todo. Meus olhos corriam pelas Escrituras e eu fiquei absorto pelo número infindo de versículos que ensinam a graça eletiva de Deus. Para cada versículo que aprendia, outros cem quase que saltavam das páginas da palavra de Deus, gritando por atenção. Do Gênesis ao Apocalipse, agora a Bíblia declarava: “A salvação vem de nosso Senhor”.

De início, tal descoberta foi arrasadora. Fui abalado no âmago de meu ser. Toda a minha orientação quanto à Bíblia estava em alvoroço. Este ensino bíblico esmagava o orgulho. Fui rebaixado ao pó; minha alma estava desolada. Mas ao mesmo tempo, tais doutrinas exaltavam a Deus e glorificavam a Cristo. Elas ergueram em mim um senso de maravilha por

Deus e me encheram de ânimo. A alegria inundava todo meu ser. Essas verdades gloriosas acenderam em mim um grande despertar, avivamento do qual ainda não me recuperei.

Porém, esse entendimento mais profundo da graça de Deus criou em mim um grande dilema. Como as doutrinas da graça soberana de Deus afetariam a minha pregação? Se Deus é soberano na salvação, então *por que* pregar o evangelho? Se devo fazê-lo, *como* pregar o evangelho? *Por que* testemunhar? *Por que* orar pelos perdidos? *Por que* me sacrificar pelo evangelho? Tais perguntas me assombravam, especialmente porque eu havia sido chamado para pregar. Pode ser que tenham desafiado a você também.

Enquanto lutava com essas questões, entrei na livraria do seminário para passar os olhos nos livros. Nesta ocasião, observei diversos volumes de sermões de autoria de Charles Spurgeon. Curioso, tirei um da prateleira e comecei a ler. Francamente, eu não estava preparado para o que encontrei. Ao examinar página após página, encontrei mensagem após mensagem saturada de verdades bíblicas sobre a graça soberana. Ao mesmo tempo, cada mensagem estava repleta de fervor evangelístico, em que Spurgeon instava com os pecadores para que se arrependessem e fossem salvos. Nunca havia lido algo assim antes. Os sermões eram como uma corrente elétrica a passar por minha alma. Chocaram meus sentidos e iluminaram minha mente.

Eis o que me cativou. Esse brilhante pregador, talvez o maior deles desde o apóstolo Paulo, era, por sua própria admissão, *calvinista* – reformado até o cerne, profundamente comprometido com as doutrinas da graça. Ao mesmo tempo, ele era *evangelista*. Como essas duas realidades aparentemente opostas podiam se encaixar? Como poderia alguém ser ferrenho calvinista *e ao mesmo tempo*, evangelista apaixonado?

Spurgeon mostrou a resposta. Por um lado, ele cria firmemente na soberania de Deus na salvação do homem. Por outro lado, estendia essa

oferta gratuita do evangelho para todos. Pregava claramente a doutrina calvinista, e no mesmo sermão, insistia que os pecadores perdidos clamassem pelo nome do Senhor. Tendo exposto as doutrinas da predestinação, ele advertia seus ouvintes que se eles recusassem a Cristo, o seu sangue estaria sobre suas próprias mãos. Em cada sermão, esse pregador prolixo expunha na soberana graça de Deus com inconfundível precisão. No entanto, o fazia com autêntica paixão pelas almas perdidas.

Concluí que isso significaria estar consumido pela glória de Deus na salvação de seus eleitos, e ao mesmo tempo, estar cheio de zelo inflamado por alcançar os pecadores com o evangelho. Aqui não existia um calvinismo frio e clínico, nada de ortodoxia morta, nada de religião dos “escolhidos congelados”, nada de repetir doutrinas reformadas para que pessoas tomassem ou largassem conforme escolherem. Não havia também evangelismo superficial que retratasse Deus como andando pelo céu, torcendo as mãos em desespero com esperança de que alguém o aceitasse. Em vez disso, havia o que os puritanos descreviam como fogo no púlpito, produzindo tanto a *luz* da verdade do calvinismo quanto o *calor* da paixão evangelística.

Em Spurgeon, vi um exemplo histórico do que Deus estava me chamando para ser e fazer. Finalmente, eu entendi que minha teologia reformada não era empecilho e sim uma base para lançamento do evangelismo. Aqui estava o melhor dos dois mundos. Eu já havia percebido claramente como essas duas verdades gêmeas se encontram na Bíblia. Agora, podia ver como elas se encaixam na pregação.

É trágico que hoje em dia muitos púlpitos ficam divididos entre um de dois extremos – a ortodoxia morta do hiper-calvinismo ou as inconsistências superficiais do arminianismo. No primeiro erro, as doutrinas da graça são sustentadas, mas com pouca paixão pelos perdidos e nenhuma oferta gratuita do evangelho para todos. No segundo erro, existe fervor de ganhar almas, mas a suprema autoridade de Deus na

salvação das almas dos homens é completamente negada. Entre esses opostos, fica o calvinismo bíblico, reivindicando o terreno alto tanto na mensagem quanto no ministério.

Neste breve livro, minha intenção é apresentar-lhe o surpreendente Charles Spurgeon. A minha esperança é que seu exemplo revolucione a sua abordagem do ministério do evangelho. Que você seja contagiado pela ousadia do foco das Boas Novas pregadas por Spurgeon, que continua a lançar sua ampla sombra sobre o terreno da igreja evangélica.

Além do mais, oro para que este livro o ajude a obter um entendimento correto de todo o conselho de Deus na Escritura. Meu desejo é que você aprecie a tensão entre a soberania divina na salvação do homem e a paixão incendiada no espalhar o evangelho. Somente o calvinismo bíblico faz as duas coisas.

Agradeço a equipe de publicação do *Reformation Trust* por seu compromisso com esses Perfis de Homens Piedosos da história da igreja. Greg Bailey, diretor de publicações, fez excelente trabalho ao editar este manuscrito e me encorajar no caminho. Chris Larson foi instrumento essencial em visionar esta série e supervisionar o belíssimo desenho gráfico deste livro. Tenho orgulho de minha associação com meu antigo professor, Dr. R. C. Sproul, e os ministérios *Ligonier*.

Quero ainda agradecer a Igreja Batista da Comunidade de Cristo, de Mobile, Alabama, a quem sirvo como pastor titular. Sou extremamente grato pelo apoio de meus colegas presbíteros e pela congregação, os quais me encorajam em meu ministério mais extenso. Quero expressar minha gratidão à minha assistente executiva, Kay Allen, que digitou este documento, e Keith Phillips, meu co-pastor na Comunidade de Cristo, que me ajudou a editar o manuscrito.

Finalmente, é importante que você saiba que minha família permanece como torre de encorajamento em minha vida e ministério pessoal. Minha

esposa Anne, e nossos quatro filhos: Andrew, James, Grace Anne e John, se firmam junto a mim na mensagem e missão deste livro.

A Vida e o Legado de Spurgeon

Não havia mais ressoante voz no púlpito vitoriano, nem pregador mais amado pelo povo, nem orador mais extraordinário, que Charles Haddon Spurgeon.¹

—Hughes Oliphant Old

Saudado como o maior pregador da Inglaterra do Século XIX, podemos defender que Charles Haddon Spurgeon foi o pregador mais proeminente de qualquer século. Considerado o expositor mais bem sucedido dos tempos modernos,² Spurgeon lidera virtualmente toda lista de pregadores de renome. Se João Calvino foi o maior teólogo da igreja, Jonathan Edwards o maior filósofo, e George Whitefield o maior evangelista, certamente Spurgeon lidera como seu maior pregador.³ Jamais um homem se postou atrás de um púlpito, semana após semana, ano após ano, por quase quatro décadas, pregando o evangelho com maior sucesso mundial e impacto duradouro do que Spurgeon. Até hoje, ele permanece sendo o “Príncipe dos Pregadores”.⁴

Através dos séculos, expositores como Martinho Lutero, Ulrich Zuínglio, João Calvino e inúmeros outros, tiveram compromisso de pregar expondo livros inteiros da Bíblia versículo por versículo. Contudo, não era essa a abordagem de Spurgeon. Embora fosse “pregador expositivo *por excelência*”,⁵ Spurgeon extraía suas mensagens de um livro da Bíblia diferente a cada semana. Esse estilo livre o destacou de outros grandes

pregadores, colocando-o primeiro e mais notavelmente, como *expositor evangelístico*.

Por todo seu prolífico ministério, Spurgeon era consumido por zelo pelo evangelho. Sua prática era isolar um ou alguns versículos como trampolim para a proclamação do evangelho. Ele afirmava: “Tomo o meu texto e sigo em linha direta até a cruz”.⁶ Cada vez que Spurgeon subia ao púlpito, ele visava intensamente a salvação dos pecadores mediante a proclamação da mensagem salvadora de Jesus Cristo. Como disse Hughes Oliphant Old, Spurgeon foi enviado “em um tempo determinado, a um lugar específico, para pregar o evangelho da salvação eterna das almas para a glória eterna de Deus”.⁷ Talvez ninguém possa ser comparado a Spurgeon como pastor evangelista.

Embora ele amasse profundamente a teologia, Spurgeon declarou: “Prefiro levar um pecador a Cristo que desvencilhar todos os mistérios da Palavra divina”.⁸ Ele tinha verdadeiro prazer na busca da salvação dos perdidos. Eis como Spurgeon descreveu a importância central do evangelismo em seu ministério:

Prefiro ser o meio para a salvação de uma alma da morte que ser o maior orador sobre a terra. Prefiro conduzir a mulher mais pobre do mundo aos pés de Jesus que ser o Arcebispo da Cantuária. Prefiro arrancar uma única brasa do fogo que explicar todos os mistérios. Ganhar uma alma, evitar que ela vá à cova, é um feito mais glorioso do que ser coroado na arena da controvérsia teológica... desvendar fielmente a glória de Deus na face de Cristo será, no julgamento final, considerado serviço mais digno que desvencilhar os problemas da Esfinge religiosa ou cortar o *nó gordiano* das dificuldades apocalípticas. Um de meus mais felizes pensamentos é que, quando eu morrer, será meu privilégio estar junto ao peito de Cristo, e sei que não gozarei do céu sozinho. Milhares já entraram ali, atraídos a Cristo no meu ministério. Ah! Que gozo será voar para o céu e encontrar uma multidão de convertidos antes e depois de mim.⁹

Entender esse foco evangelístico de Spurgeon é sentir o pulso do seu próprio coração. Compreender esse seu zelo evangelístico é tocar o nervo vivo de sua alma. Em termos simples, Spurgeon era compelido a pregar o evangelho e ajuntar os perdidos. Como expositor, Spurgeon possuía verdadeiro coração de um ganhador de almas.

Vamos iniciar nossa avaliação do ministério evangélico de Spurgeon considerando sua vida e legado extraordinários.

NASCIDO E NASCIDO DE NOVO

Descendente de huguenotes franceses e reformados holandeses, Charles Haddon Spurgeon nasceu em 19 de junho de 1834, em uma pequena casa em Kelvedon, Essex, Inglaterra. Muitos de seus antepassados protestantes tinham sido expulsos de suas terras natais pela perseguição, e se refugiaram na Inglaterra. Spurgeon costumava dizer: “Muito prefiro ser descendente de alguém que sofreu pela fé do que ter correndo em minhas veias o sangue de todos os imperadores”.¹⁰ Seu pai, John, e seu avô James, eram, ambos, ministros independentes que pastoreavam fielmente suas congregações. Charles foi o mais velho de dezessete filhos. Seu irmão mais novo, James, mais tarde serviria como seu co-pastor no Tabernáculo Metropolitano de Londres. Os filhos gêmeos de Charles também o seguiriam no ministério.

Quando sua mãe estava prestes a dar à luz ao segundo filho, o pequeno Charles, de dois anos de idade, foi mandado para Stambourne, cidade próxima, para morar com seu avô, onde permaneceria até os seis anos de idade. Durante esse período e em visitas subsequentes ao avô, Charles foi exposto a muitas obras puritanas, incluindo *O Peregrino* de John Bunyan, *O Chamado aos Não Convertidos*, de Richard Baxter, e *Alarme aos não convertidos*, de Joseph Alleine. Apesar da influência espiritual de sua família e de ter sido exposto a tais livros, Spurgeon permanecia não convertido. Ele relembra: “Desde minha mocidade eu ouvira o plano da salvação pelo sacrifício de Jesus, mas não sabia mais em minha alma interior do que se eu tivesse nascido e sido criado como *hotentote*. Lá estava a luz, mas eu era cego”.¹¹

No domingo pela manhã, em 6 de janeiro de 1850, aos quinze anos, Charles caminhava para a igreja no vilarejo de Colchester, quando uma tempestade de neve o impeliu a se abrigar em uma pequena igreja

metodista primitiva. Só havia uma dúzia de pessoas assistindo, e mesmo o pastor não conseguiu chegar. Um pastor leigo relutante foi à frente para explicar o texto de Isaías 45.22: “Olhai para mim, e sereis salvos, vós, todos os termos da terra; porque eu sou Deus, e não há outro”. Essa figura humilde exortava a pequena congregação a olhar pela fé somente para Jesus Cristo. Fitando os olhos no jovem Spurgeon, ele instou:

– Jovem, olhe para Jesus. Olhe, olhe! Olhe! Você nada mais tem a fazer do que olhar para Jesus e viver!¹²

Como uma seta mandada pelo arco do céu, o evangelho atingiu o alvo que intencionou. Escreveu Spurgeon: “Imediatamente eu vi o caminho da salvação. Foi como quando a serpente de bronze foi levantada, as pessoas olharam e foram curadas – assim aconteceu comigo”.¹³ Olhando pela fé para Cristo, foi convertido de forma dramática. Consumido pela alegria, mal podia se conter, “mesmo por cinco minutos, sem tentar fazer alguma coisa por Cristo”.¹⁴ Essa energia sem limites marcaria sua vida daquele momento em diante. Em 4 de abril, 1850, foi admitido à comunhão da Igreja Batista St. Andrews, sendo logo depois batizado e participando pela primeira vez da Ceia do Senhor.

Com zelo crescente, Spurgeon, aos dezesseis anos, pregou seu primeiro sermão em uma pequena casa em Teversham, perto de Cambridge. Seu dom para a pregação foi imediatamente reconhecido. Com apenas dezessete anos, Spurgeon foi feito pastor de uma igreja Batista rural no minúsculo vilarejo de Waterbeach. Na Capela Batista de Waterbeach, Spurgeon pregou o evangelho com poder extraordinário e resultados marcantes. Apesar de estar em uma vila conhecida por seus hábitos devassos, essa humilde capela batista cresceu nos dois anos seguintes, de quarenta para mais de cem membros.

CAPELA DE NEW PARK STREET

Relatos a respeito desse prodígio da pregação logo chegaram a Londres. Em 18 de dezembro de 1853, Spurgeon foi convidado a pregar na maior e mais famosa igreja Batista calvinista de Londres, a nova capela da Park Street. Essa igreja histórica, ferrenhamente calvinista, tinha sido pastoreada por homens ilustres tais como Benjamin Keach (1640-1704), John Gill (1697-1771), e John Rippon (1750-1836), mas tinha caído em sério declínio. Apenas umas duzentas pessoas estavam se reunindo em um prédio que havia sido construído para abrigar mil e duzentas. Após pregar ali por três meses, Spurgeon, aos dezenove anos, foi chamado para pastorear ali. Ele pastoreou fielmente o rebanho de New Park Street até a sua morte trinta e oito anos mais tarde.

Com a pregação de Spurgeon, a Capela de New Park Street cresceria instantaneamente. Dentro de poucos meses, a congregação estaria com quinhentos membros assistindo com regularidade. Depois do primeiro ano, o prédio não podia conter as multidões que vinham ouvir sua pregação. A capela foi aumentada para caber mil e quinhentas pessoas, e depois, mais quinhentas em pé. Assim mesmo, as pessoas estavam abarrotadas contra as paredes e pelos corredores, apertadas nos peitorais das janelas. Logo a igreja começou a distribuir ingressos para as pessoas assistirem até mesmo o culto do meio da semana.¹⁵ As ruas ficaram impedidas pelo trânsito no bairro em volta da capela. Londres não havia testemunhado surgimento tão meteórico desde os dias da pregação empolgante de George Whitefield.

Em meio a esse imenso crescimento, Charles conheceu Susannah Thompson, membro de sua congregação. Da amizade logo nasceu a atração, e os dois se casaram em 8 de janeiro de 1856, na Capela de New Park Street, que transbordava de convidados. O afeto que tinham um pelo

outro jamais diminuiu. Infelizmente, após o nascimento dos filhos gêmeos no fim de 1856, Susannah ficou semi-inválida. Confinada a sua casa durante longos períodos em toda sua vida adulta, Susannah não podia ouvir Charles pregar. Apesar dessa aflição, permaneceu como fonte de forte encorajamento para ele, supervisionando um ministério profícuo que oferecia os livros de seu marido para o uso de pastores e missionários.

Logo as multidões forçaram a mudança da igreja para Exeter Hall, um enorme prédio público onde cabiam quatro mil assentados, e lugar para mais mil pessoas de pé. Porém, mesmo essa grande estrutura foi insuficiente para conter as multidões crescentes. Centenas de pessoas eram mandadas embora a cada semana, e ficou claro que teriam de construir um prédio maior para a congregação que crescia tão rapidamente. Foram feitos planos para o que se tornaria o famoso Tabernáculo Metropolitano, a maior casa de culto protestante de todo o mundo.

Enquanto isso, Spurgeon mudou sua congregação crescente para um lugar ainda maior, o Salão Musical dos Jardins Reais de Surrey. Este imenso edifício, com três grandes sacadas, tinha lugar para doze mil pessoas sentadas. No primeiro culto, em 19 de outubro de 1856, a gigantesca estrutura ficou cheia desde o chão até o teto, e milhares foram mandados embora. Mas sucedeu a catástrofe: alguém na galeria gritou: Fogo! Seguiu-se o pânico e, enquanto as pessoas corriam para fugir, muitas foram pisoteadas e várias morreram—uma tragédia que deixou desolado o jovem Spurgeon.

Faltando apenas um domingo, Spurgeon voltou a pregar às imensas multidões. Com descrentes incontáveis assistindo, cada culto era ocasião de evangelismo. Spurgeon e outros conversavam com os convertidos às terças-feiras à tarde. Tantas almas perdidas foram salvas que Spurgeon disse que nunca havia pregado sermão no Salão de Música sem que Deus não salvasse alguém. Numa época quando Londres era a metrópole mais

famosa do mundo, seu povo abraçou Spurgeon como ninguém jamais aceitara outro pregador.

PRIMEIRAS PROVAÇÕES E TRIUNFOS

Contudo, nem tudo corria bem. Com a popularidade instantânea de Spurgeon, veio também forte oposição a ele. A imprensa londrina difamava-o como sendo religioso grosseiro com motivações egoístas. Repetidamente, foi objeto de zombaria, chamado de “demagogo de Exeter Hall”, “bufão do púlpito”, e “maravilha de nove dias”.¹⁶ Além disso, defensores da teologia arminiana o atacavam com o que julgavam ser o pior de todos os insultos, chamando-o de “pavoroso calvinista”. Por sua vez, os hiper-calvinistas o criticavam por ser aberto demais em oferecer o evangelho de graça a todos. Spurgeon admitia: “Meu nome é chutado pelas ruas como uma bola de futebol”.¹⁷

Providencialmente, essa perseguição atraiu mais aliados ao seu lado, especialmente pregadores jovens. Embora Spurgeon não tivesse grau universitário e não tivesse frequentado o seminário, fundou a Faculdade de Pastores (Pastor’s College) quando contava apenas vinte e dois anos de idade. Enfocando o treinamento de pregadores, não de acadêmicos, ele admitia somente aqueles que já estavam ocupando algum púlpito. Durante os primeiros quinze anos, Spurgeon assumia pessoalmente todas as despesas do curso com a venda de seus sermões semanais. Além disso, ele fazia palestras aos alunos às tardes de sexta-feira, destacando algum aspecto específico da pregação do evangelho. Essas palestras tornaram-se o texto de seu amado livro, *Lectures to my students* (Lições aos meus alunos). Durante sua vida, Spurgeon viu quase mil homens treinados ao ministério em sua faculdade.¹⁸

Em 1857, a Inglaterra sofreu uma trágica derrota na Índia, e foi proclamado um Dia de Humilhação Nacional. Em 7 de outubro, quando tinha apenas vinte e três anos, Spurgeon pregou no gigantesco Palácio de Cristal a um auditório de 23.654 pessoas – o maior ajuntamento de

peessoas em um recinto fechado de seus dias. Os trens corriam por Londres levando as pessoas a ouvir a mensagem extraída de Miqueias 6.9: “Ouvi, ó tribos, aquele que a cita”. Esse discurso nacional era forte declaração sobre a soberania de Deus sobre a Inglaterra. A derrota, disse Spurgeon, provinha de Deus com o intuito de humilhar a nação orgulhosa.

Por meio de seus sermões impressos, a influência de Spurgeon se espalhou por toda a Inglaterra e pelo mundo. Na segunda-feira de manhã, o sermão escrito de Spurgeon era entregue para ser editado, e na quinta-feira, era publicado.¹⁹ Estes sermões eram então vendidos por um *penny* cada, e assim, as mensagens eram chamadas “The Penny Pulpit” (O púlpito de um centavo). Mais de vinte e cinco mil cópias eram vendidas a cada semana. Esses sermões eram ainda telegrafados pelo Atlântico para os Estados Unidos, onde eram impressos pelos grandes jornais. Eventualmente, foram traduzidos para quarenta línguas e distribuídos por todo o globo. Os sermões eram vendidos por distribuidores de folhetos, lidos nos hospitais, levados às prisões, pregados por leigos, guardados com carinho por marinheiros e levados adiante por missionários.²⁰ Pela palavra impressa, estima-se que a congregação de Spurgeon chegava a não menos que um milhão de pessoas.²¹

UMA ONDA CRESCENTE DE REAVIVAMENTO

O ano de 1859 foi o mais extraordinário do ministério de Spurgeon. Foi o último ano em que sua igreja se reuniu no Salão de Música de Surrey. Um tempo de fervoroso reavivamento foi experimentado sob os sermões mais calvinistas, e no entanto mais evangelísticos, de seu ministério. Essas mensagens de poder do Espírito incluíram: “Predestinação e chamado” (Rm 8.30), “A necessidade da Palavra do Espírito” (Ez 36.27), “A história dos poderosos feitos de Deus” (Sl 44.1), e “O sangue da eterna aliança” (Hb 13.20).

No entanto, essa surpreendente estação nos jardins de Surrey terminou abruptamente. Spurgeon ficou sabendo que a igreja de New Park Street teria de compartilhar o local com programas de diversão aos domingos, que ele considerava uma quebra da guarda do dia de descanso. Spurgeon disse que mudaria os cultos, caso tais entretenimentos fossem permitidos. Mas os proprietários do *Music Hall* recusaram ceder. Por sua vez, o jovem pregador declarou: “Se eu cedesse, meu nome deixaria de ser Spurgeon. Não posso ceder naquilo que sei ser o certo, e não o farei. Na defesa do santo sábado do Senhor, o grito deste dia é: *Levantemo-nos e saiamos daqui!*”.²² Para não fazer concessões, Spurgeon mudou sua congregação de volta ao *Exeter Hall* com espaço bem menor, demonstrando ser homem de princípios e não pragmatismo.

Em 11 de dezembro de 1859, em seu último sermão no *Music Hall*, Spurgeon pregou sobre “O adeus do ministro”, fazendo uma exposição de Atos 20.26-27, em que anunciou ter declarado, nesse lugar, “todo o conselho de Deus”. Uma pessoa que assistiu escreveu suas impressões sobre a pregação de Spurgeon naquele dia:

Como ele se deleitou em sua pregação naquela manhã! Fazia muito calor, e ele limpava a transpiração de sua testa; porém seu desconforto não afetou o seu discurso. Suas palavras fluíam como uma torrente de sagrada eloquência... O Sr. Spurgeon pregou sincero sermão sobre haver declarado todo o conselho de Deus. Sempre há algo de triste em falar das últimas coisas, e eu saí de lá sentindo que uma das experiências mais felizes de minha mocidade pertencia ao passado. Assim também – na minha opinião – pertencia ao passado o período mais romântico até mesmo na vida maravilhosa do Sr. Spurgeon.²³

O TABERNÁCULO METROPOLITANO

Naquele mesmo ano, iniciou-se a construção do Tabernáculo Metropolitano. Em 15 de agosto foi firmada a pedra fundamental. Durante a cerimônia, Spurgeon declarou sua fidelidade inabalável às doutrinas da graça soberana de Deus: “Cremos nos grandes Cinco Pontos conhecidos como calvinismo. Olhamos para estes como cinco grandes lâmpadas que auxiliam em irradiar a cruz”.²⁴ Enquanto estava sendo construído o imenso prédio, Spurgeon viajou ao Continente europeu em junho e julho de 1860. Ao chegar em Genebra, na Suíça, foi recebido como um segundo Calvino. Insistiram que ele pregasse no púlpito do grande reformador e deram-lhe a oportunidade de vestir sua toga, rara honra que ele não podia recusar.

Em 18 de março de 1861, o Tabernáculo Metropolitano foi oficialmente inaugurado. Nesta grandiosa ocasião, Spurgeon pregou sobre uma visão geral das doutrinas da graça, para então convidar cinco outros pregadores a pregar especificamente sobre cada um dos cinco pontos do calvinismo. Tal ação revelou a firme fé de Spurgeon de que essas verdades exaltam a Deus e formam o coração do evangelho. Spurgeon cria que as doutrinas da graça soberana, longe de impedir o evangelismo, são grandes ganhadoras de almas. As verdades sobre o amor do Deus que elege e redime, infundiram na sua pregação poder para ganhar almas e trouxeram muitas almas para a fé em Cristo.

De tamanho sem paralelos, o Tabernáculo Metropolitano foi o maior santuário na história da igreja protestante. Com lugar para seis mil pessoas sentadas, acomodava um dos maiores rebanhos da igreja desde o tempo dos apóstolos.²⁵ Até a sua morte, trinta e um anos mais tarde, o Tabernáculo esteve cheio de manhã e de noite a cada domingo. Spurgeon pediu que cada membro deixasse de frequentar um culto a cada trimestre

para dar mais espaço para os não-convertidos se assentarem. Sua congregação era composta principalmente de pessoas comuns, de todas os tipos de vida, mas atraía também as elites, inclusive o primeiro ministro William Gladstone, membros da família real, dignitários do Parlamento, e pessoas notáveis tais como John Ruskin, Florence Nightingale e General James Garfield, que mais tarde foi presidente dos Estados Unidos.

Durante a semana, Spurgeon pregava até dez vezes em lugares diferentes de Londres e vizinhanças, incluindo áreas longínquas como a Escócia e Irlanda. A presença de Spurgeon em qualquer púlpito dava ousadia aos pastores locais e encorajava seus rebanhos. Com sua fama crescente, Spurgeon foi convidado repetidas vezes para pregar na América. No entanto, recusava esses convites transatlânticos, preferindo manter o Tabernáculo como centro de seu ministério.

As pessoas o advertiam de que ele se quebraria física e emocionalmente, sob o estresse de tão expansiva pregação, ao que Spurgeon respondeu: “Se eu fizer isso, estarei feliz e repetiria novamente o mesmo. Se eu tivesse cinquenta constituições [corpos], eu me alegraria em vê-las todas quebradas no serviço do Senhor Jesus Cristo”.²⁶ Acrescentou ainda: “Encontramo-nos capazes de pregar dez, doze vezes por semana, e descobrimos estar mais fortes devido a isso... ‘Ah’, disse um dos membros, ‘nosso pastor vai morrer disso.’[...] Mas esta é a espécie de trabalho que não mata ninguém. O que mata bons ministros é pregar a congregações sonolentas”.²⁷ Spurgeon encontrava força na pregação.

ADVERSIDADES E AVANÇOS

Logo maiores controvérsias envolveram Spurgeon. Em 1864, *entrou* no que veio a ser chamado *Controvérsia da Regeneração Batismal*, um confronto com a igreja anglicana, a qual afirmava ser o batismo necessário para a remissão dos pecados. Spurgeon via tal ensino como uma corrupção do evangelho, e assim, se pronunciou contra ela. Mas ao fazer isto, foi condenado por intrusão sobre a consciência dos membros da Igreja Anglicana. Spurgeon foi forçado a retirar-se da Aliança Evangélica, da qual era uma figura de destaque. No meio deste conflito, Spurgeon lançou uma revista mensal, *The Sword and the Trowel* (A Espada e Colher de Pedreiro), visando refutar os erros teológicos da época e defendendo a pureza do evangelho.

Spurgeon também estava ocupado com a propagação do evangelho. Em 1866, fundou a Associação Metropolitana de Colportores para a distribuição de literatura evangélica. De 24 de março até 21 de abril de 1867, o edifício do Tabernáculo estava sendo reformado, e os cultos de domingo passaram a ser realizados no *Agricultural Hall* de Islington. Mais de vinte mil pessoas assistiram cada um desses cinco cultos memoráveis, entre as maiores de todas as congregações a que Spurgeon se dirigiu. Naquele mesmo ano, inaugurou o Orfanato Stockwell para meninos. Em 1868, fundou albergues para os pobres. Em 1879, Spurgeon deu início ao orfanato para meninas. Ao todo, sob a liderança de Spurgeon, cerca de mil membros enérgicos estavam proclamando o evangelho de forma ativa pela cidade de Londres, em diversos ministérios. Além disso, 127 pregadores leigos estavam servindo em vinte e três centros missionários espalhados por toda a cidade de Londres. Em seu aniversário de cinquenta anos, foi lida uma lista de sessenta e seis organizações que Spurgeon fundara com o propósito de difundir a mensagem do evangelho.

Vários anos mais tarde, em 1887, Spurgeon entrou em mais um conflito, desta vez o maior de todo seu ministério, chamado de Controvérsia do Declínio (Downgrade Controversy). Ele falou em defesa do evangelho, confrontando o declínio doutrinário que prevalecia em muitos púlpitos. Comparou a Igreja Batista com um trem que havia alcançado o cume de uma alta passagem montanhosa e estava descendo vertiginosamente pela íngreme estrada, aumentando a velocidade enquanto mergulhava para baixo. Quanto mais ela descia a montanha escorregadia, maior seria sua destruição, contendia ele. Advertiu fortemente contra a diminuição da autoridade da Escritura, que resultava em divertimentos mundanos, técnicas de teatro de variedades, e, em muitas igrejas de seus dias, uma atmosfera parecida com a de circos.

Mas as palavras severas de Spurgeon caíram sobre ouvidos surdos. Em movimento ousado, ele se retirou da União Batista em 26 de outubro de 1887. Alguns diziam que ele deveria começar nova denominação, mas ele recusou. Na reunião anual da União Batista de 1888, foi acatada uma proposta de censura a Spurgeon. Em triste guinada da história, ela foi apoiada por seu irmão James, seu co-pastor no Tabernáculo, que acreditava, erradamente, que a proposta pedia a reconciliação. Essa controvérsia o entristeceu de tal modo que contribuiu para sua morte prematura apenas quatro anos mais tarde.

OS DIAS FINAIS

Em seus últimos anos, Spurgeon sofreu de diversos males físicos, incluindo doença dos rins e gota. Com o declínio de sua saúde, Spurgeon pregou o que seria seu último sermão no Tabernáculo em 7 de junho de 1891. Em grande sofrimento, afastou-se para descansar na cidade de Mentone, na Riviera francesa. Ali morreu em 31 de janeiro de 1892. O “Príncipe dos Pregadores” contava apenas cinquenta e sete anos de idade.

Foi feito um culto fúnebre primeiro na França. Então, o corpo de Spurgeon foi levado de volta a Londres, onde na quarta-feira, 10 de fevereiro, foram oficiados quatro cultos fúnebres – um para os membros do Tabernáculo, um para pastores e alunos, outro para obreiros cristãos, e outro ainda para o público em geral. Um sexto culto (e final) foi realizado no dia seguinte. Ao todo, cerca de sessenta mil enlutados prestaram homenagens a essa figura colossal. Um cortejo fúnebre de mais de duas milhas (3,2 km) seguiu o carro funerário do Tabernáculo até o cemitério em Norwood, com cem mil pessoas em pé ao longo do caminho. As bandeiras estavam a meio-mastro. Lojas e *pubs* permaneceram fechados. Era como se tivesse morrido um membro da família real.

Em cima de seu caixão, foi colocado uma Bíblia, aberta em Isaías 45.22 – o texto que o levara à fé salvadora em Cristo quando ele era adolescente. Até na sua morte, mediante isto, Spurgeon apontava as pessoas para Cristo. Com seu passamento, ele havia combatido o bom combate, acabado a carreira, e guardado a fé.

Durante os trinta e oito anos de seu ministério em Londres, Spurgeon testemunhou o crescimento de sua congregação de duzentos para quase seis mil membros. Durante esse tempo, ele recebeu 14,692 novos membros em sua igreja, quase onze mil mediante o batismo. No total, estima-se que Spurgeon tenha pregado pessoalmente a quase dez milhões

de pessoas. Eventualmente, um de seus filhos gêmeos, Thomas, o sucedeu como pastor do Tabernáculo em 1894. O outro filho, Charles Jr. tornou-se diretor do orfanato que ele fundou.

Até 1863, os sermões de Spurgeon venderam mais de oito milhões de cópias. Na época de sua morte em 1892, cinquenta milhões de cópias tinham sido vendidas. Até o fim do Século Dezenove, mais de cem milhões de sermões haviam sido vendidos em vinte e três línguas, cifra inigualável por qualquer outro pregador, antes ou depois dele.²⁸ Hoje em dia, este número é bem mais do que trezentos milhões de cópias. Um século após sua morte, havia mais obras de Spurgeon impressas do que de qualquer outro autor da língua inglesa.²⁹ Spurgeon é o pregador mais amplamente lido em toda a história.

Até os dias atuais, Spurgeon continua a exercer enorme influência no mundo cristão evangélico. Foi autor de 135 livros, editor de mais vinte e oito, e escreveu inúmeros panfletos, folhetos e artigos. Este corpo de trabalho não tem precedentes como projeto de publicação por parte de um único autor na história do cristianismo.³⁰ Com mais de três mil e oitocentas mensagens impressas, seus sermões compõem a maior coleção encadernada de escritos por um homem na língua inglesa. São coligidos em sessenta e três volumes,³¹ contendo cerca de vinte e cinco milhões de palavras.

Dado o impacto monumental que Spurgeon teve sobre a Inglaterra e por todo o mundo, certas perguntas surgem: O que fez que sua pregação fosse tão atraente? O que o inflamava a proclamar o evangelho da maneira que fez? O que deu a seu ministério evangelístico tanto poder de conversão? As respostas se encontram naquilo que é o tema central deste livro: o foco evangélico de Charles Spurgeon.

Fundamentos Inabaláveis

Para Spurgeon, a Bíblia era apenas isto: a palavra do próprio Deus, que quebra o coração e leva a alma diante do trono de Deus, trazendo-lhes o conhecimento redentor do Senhor Jesus Cristo. Sobre este fundamento, Spurgeon construiu toda sua teologia e seu ministério.¹

— Lewis A. Drummond

Durante todo seu ministério, a pregação de Charles Spurgeon repousava sobre esta rocha impenetrável – que a Bíblia é exatamente o que ela diz ser, palavra inspirada do Deus vivo. Quando ele subia ao púlpito, falava com confiança na infalível pureza e no poder salvador da Palavra de Deus. Para Spurgeon, quando a Bíblia fala, Deus fala.

A forte crença nas doutrinas da graça de Deus, por parte de Spurgeon estava arraigada e firmada nesta verdade. Ele não proclamava as doutrinas da graça soberana simplesmente porque os reformadores ou puritanos afirmavam sua crença nelas. Ele as afirmava porque estão claramente declaradas na Bíblia. Embora se considerasse forte calvinista, Spurgeon asseverou: “Não creio em algo simplesmente por ter Calvino afirmado, e sim, porque encontrei seu ensino na Palavra de Deus”.² Disse ainda:

O calvinismo não veio de Calvino; cremos que veio do grande Fundador de toda a verdade. Talvez Calvino tenha derivado grande parte dos escritos de Agostinho. Agostinho obteve suas ideias, sem dúvida, pelo Espírito de Deus,

pelo estudo diligente dos escritos de Paulo, e Paulo os recebeu do Espírito Santo, de Jesus Cristo.³

Embora em um todo, ele concordasse com Calvino e outros teólogos reformados, a fé de Spurgeon era fundamentada exclusivamente no que ele via ensinado claramente pelas Escrituras. Era como se fosse incorporação de *Sola Scriptura* – somente a Escritura.

Expressando sua fidelidade exclusiva à Bíblia, Spurgeon renunciou qualquer confiança nas tradições dos homens ou autoridades da igreja em si. Ele afirmava:

O Espírito Santo revelou grande parte da preciosa verdade e santos preceitos por meio dos apóstolos, e aos seus ensinamentos temos de dar atenção sincera; mas quando os homens citam a autoridade dos pais, e concílios, e bispos, não damos lugar para a sujeição nem por uma hora sequer. Podem citar Irineu ou Cipriano, Agostinho ou Crisóstomo, podem lembrar-nos dos dogmas de Lutero ou Calvino; podem achar autoridade em Simeon, Wesley ou Gill – nós ouviremos as opiniões desses homens com o respeito devido a eles *como homens*, mas tendo feito isso, negamos ter algo a ver com eles como autoridades eclesiásticas na igreja de Deus, porque ali ninguém tem autoridade a não ser “Assim diz o Senhor dos exércitos”. Sim, se nos trouxerem o concorrente consentimento de toda a tradição – se citar veneráveis precedentes com quinze, dezesseis, dezessete séculos de antiguidade, queimaremos tudo como lenha sem valor, a não ser que se coloque o dedo sobre a passagem da Escritura Sagrada que comprova ser essa questão vinda de Deus.⁴

Tal compromisso fundamental com a Bíblia era base sobre a qual Spurgeon construiu seu ministério. Dizia ele que aqueles que estão de pé nos púlpitos devem crer que a Bíblia não é palavra dos homens que a registraram, mas devem afirmar que é a Palavra escrita do Deus vivo. Iain Murray explica: “Eles têm uma mensagem para anunciar que não é deles, e

disso eles têm certeza. Duvidar que toda a Escritura seja dada por inspiração de Deus é perder instantaneamente a verdadeira autoridade requerida ao pregador e evangelista”. Em seguida, Murray acrescenta enfaticamente: “Nenhum homem pregará o evangelho corretamente se ele não crer inteiramente nele”.⁵ Desta forma exatamente, Spurgeon estava convencido de que a Bíblia era a revelação divina, a verdadeira Palavra de Deus.

Como disse John Piper, Spurgeon era um “pregador impelido pela verdade... crente na Bíblia”.⁶ Spurgeon testemunhou: “As palavras da Escritura emocionam minha alma como nada mais. Elas me erguem às alturas ou me arremessam para o chão. Rasgam-me em pedaços ou me edificam. As palavras de Deus têm muito mais poder que os dedos de Davi ao dedilhar sua harpa”.⁷ Recusando recorrer a divertimentos mundanos para atrair a multidão ou empregar truques evangélicos para apresentar uma resposta espúria, Spurgeon dependia da Palavra de Deus para o sucesso de seu ministério. Afirmou ele: “Prefiro falar cinco palavras deste livro do que cinquenta mil palavras dos filósofos. Se quisermos reavivamentos, temos de avivar nossa reverência pela Palavra de Deus. Se quisermos conversões, temos de colocar mais da Palavra de Deus em nossos sermões”.⁸ A sua pregação do evangelho era fundamentada na verdade bíblica.

Quando Spurgeon abria a Bíblia, contemplava um ensino claro a respeito da graça soberana de Deus na salvação do homem. Cria não haver escolha senão pregar tais verdades por serem elas o ensino do próprio Deus. Simplesmente não se afastaria dessas doutrinas da graça. No entanto, Spurgeon também descobriu que a Palavra de Deus ensina a necessidade da pregação do evangelho e da evangelização, e que é responsabilidade de toda pessoa crer no Senhor Jesus Cristo. Spurgeon tinha essas verdades gêmeas – a soberania divina e a responsabilidade humana – porque *ambas* são claramente ensinadas na Bíblia.

No presente capítulo, quero examinar as convicções de Spurgeon quanto às Escrituras. O que ele cria com respeito à infalibilidade e autoridade da Bíblia? Como entendia a proclamação do Evangelho? Nestas páginas, examinaremos o compromisso de Spurgeon com a Palavra de Deus, na qual encontrou a mensagem do evangelho que ele pregava com tanta paixão.

AUTORIA DIVINA

Primeiro, Spurgeon cria na autoria divina da Bíblia. Na Inglaterra do Século XIX, a Bíblia estava sob forte ataque da parte dos liberais e apóstatas. Mas Spurgeon permaneceu inabalável, guardando firme sua convicção de que a Bíblia é a inspirada Palavra de Deus. Acreditava que aqueles que questionam a Bíblia ou mantêm ideias baixas quanto à sua inspiração ou autoridade estão, em essência, sem direção e guia para dirigi-los, sem âncora para segurá-los. Spurgeon entendia que, se qualquer pregador abandonar o terreno elevado da inspiração divina da Escritura, não terá evangelho a que pregar. Com tal afastamento, ele remove de si a verdadeira fonte de poder na evangelização.

Embora a Bíblia tivesse sido escrita por autores humanos, Spurgeon acreditava que por trás dela está um só autor divino, o próprio Deus. Noutras palavras, havia muitos autores secundários, mas apenas um Autor primário. Ele cria que a inaudível voz de Deus é ouvida por meio de sua Palavra. Em sermão intitulado “A Bíblia”, pregada em 18 de março de 1855, Spurgeon afirmou:

Aqui está minha Bíblia. Quem a escreveu? Abro, e vejo que contem uma série de documentos. Os primeiros cinco foram escritos por um homem de nome Moisés; viro as páginas e encontro outros. Às vezes vejo Davi como escriba, em outras, Salomão. Aqui leio Miqueias, em seguida, Amós, depois, Oseias. Viro as páginas adiante para as mais luminosas do Novo Testamento. Vejo Mateus, Marcos, Lucas, João, Paulo, Pedro, Tiago e outros, mas quando fecho o livro, eu me pergunto: Quem é o autor? Esses homens reivindicam autoria conjunta? São eles os compositores deste gigantesco volume? Dividem entre si a honra? Não! ⁹

Aqui, Spurgeon declara que, conquanto os autores humanos fossem instrumentos que documentaram as Escrituras, não seriam o verdadeiro Autor. Afirmou então:

Este volume é o escrito do Deus vivo; cada letra inscrita com dedo do Todo-Poderoso, cada palavra, provinda de lábios eternos, cada sentença ditada pelo Espírito Santo. Embora Moisés tenha sido empregado para escrever com pena de fogo as suas histórias, Deus guiou essa pena. Ainda que Davi tocasse sua harpa, deixando doces e melodiosos Salmos emanar de seus dedos, foi Deus que moveu suas mãos sobre as cordas vivas de sua harpa de ouro. Talvez Salomão tivesse cantado cânticos de amor, ou produzido palavras de sabedoria consumada, mas Deus dirigiu seus lábios e tornou eloquente o Pregador. Se eu seguir o trovejante Naum, com seus cavalos a arar as águas, ou Habacuque, quando enxerga em aflição as tendas de Cusã, ou se leio Malaquias quando a terra queima como um fogo, se viro a página para o doce João, que fala de amor, ou o rude Pedro, falando do fogo que devora os inimigos de Deus; se volto meus olhos para Judas, que lança anátemas sobre os inimigos de Deus, em toda parte, ouço a voz de Deus que fala. É voz de Deus, não de homens.¹⁰

Com certeza, Spurgeon concluiu que toda palavra da Bíblia vem do próprio Deus: “São palavras de Deus as palavras, palavras do Eterno, Invisível, Todo Poderoso Jeová desta terra. esta Bíblia é a Bíblia de Deus, e quando a vejo, parece que ouço uma voz surgindo dela e declarando: Eu sou o escrito de Deus; abra minhas folhas, pois fui redigido por Deus; leia, pois ele é o meu Autor”.¹¹

Spurgeon estava plenamente convicto de que em toda página da Escritura se encontra a verdade absoluta de Deus. Quando a Bíblia fala, cria Spurgeon, Deus fala.

Ele ainda afirmava: “Cremos na plena inspiração verbal”.¹² Ou seja, a Bíblia por inteiro é inspirada e verdadeira. Disse ele: “Aceito como fato a inspiração das Escrituras”.¹³ Estava convicto de que “as Escrituras sagradas

são arquivo escrito daquilo que Deus falou”.¹⁴ Durante todo seu ministério, Spurgeon se firmou sobre a autoria divina das Escrituras.

INERRÂNCIA DIVINA

Em segundo lugar, Spurgeon se firmava sobre a inerrância divina da Bíblia, vendo-a como absolutamente pura e infalivelmente verdadeira. Disse ele: “Para nós, toda a palavra de Deus é pura”.¹⁵ Na mente de Spurgeon, não havia lugar para incertezas: “Temos de resolver, em nossas mentes, que a Palavra de Deus com certeza é a verdade, absolutamente infalível e está acima de qualquer questionamento”.¹⁶ Noutras palavras, ele cria que toda doutrina é verdadeira, todo ensino é certo, toda promessa é real. Spurgeon escreveu:

Esta é a Palavra de Deus. Vinde, examinai, vós críticos, vede se encontrais um defeito. Examinai desde seu Gênesis até o seu Apocalipse, encontrais um erro sequer. É um veio de puro ouro, não falsificado pelo quartzo, ou por qualquer outra substância terrena. É uma estrela sem poeira, um sol sem mancha, uma luz sem trevas, uma lua sem palidez, uma glória sem obscuridade. Ó Bíblia! Isso não pode ser dito quanto a qualquer outro livro, que é perfeito e puro – mas de ti podemos declarar toda sabedoria ajuntada em ti sem uma partícula sequer de insensatez. É este o juiz que acaba com a disputa; onde falham a sagacidade e a razão. É este o Livro não manchado por erros, que é puro, sem falsificação – a perfeita Verdade.¹⁷

A firme fé na infalibilidade da Palavra de Deus dava coragem na pregação de Spurgeon. Ele declarou: “Se eu não acreditasse na infalibilidade da Escritura – que é absolutamente infalível de capa a capa – eu jamais voltaria a subir neste púlpito”.¹⁸

Se a Bíblia não fosse confiável, ele entendia que não haveria verdade para se pregar. Ele disse: “Se eu não cresse na infalibilidade do Livro, preferia não possuí-lo”.¹⁹ Um livro falível, explicou Spurgeon, não vale à

pena ser pregado. Ele cria que somente um livro puro conteria a mensagem perfeita da salvação.

Spurgeon entendeu claramente que o poder do evangelho é fundamentado sobre a inerrância da Escritura: “Tudo no serviço ferroviário depende da exatidão da sinalização. Quando estes estão errados, vidas serão sacrificadas. Na estrada para o céu, temos necessidade de sinais sem erro, senão as catástrofes serão muito mais terríveis”.²⁰ Se a Bíblia conduz os homens de modo justo a Deus, terá de ser totalmente confiável. Sendo assim, nenhum pregador tem direito de alterar a mensagem bíblica, mudar suas palavras, atenuar suas doutrinas, ou reter qualquer verdade. Ele afirmou:

Tenho ouvido homens, quando orando, em vez de dizer ‘Faz certos teu chamado e tua eleição’ dizer ‘Faz certo teu chamado e tua salvação’. Pena eles não estarem nascidos onde Deus vivia – há tanto, tanto tempo – que poderiam ter ensinado Deus a escrever! Que imprudência além de todos os limites! Que presunção egoísta completamente desabrochada! Tentar ditar Àquele que é Todo Sabedoria – ensinar ao Onipotente e instruir o Eterno! Estranho que haja homens vis a ponto de usar a navalha de Jeoaquim para recortar e retirar passagens da Palavra por serem elas duras de engolir. Ó vós que não apreciéis certas passagens da Santa Escritura – assegurai-vos que vosso paladar está corrompido, e que Deus não suportará vossa mesquinha opinião. Vosso desgosto é a razão pela qual Deus a escreveu, porque não deveis ser aplacados. Não tendes direito de ser agradados. Deus escreveu aquilo de que não gostais: escreveu a verdade. Oh! Curvemo-nos diante dela, pois Deus a inspirou. É a pura verdade. Desta fonte jorra a água da vida – sem uma partícula sequer de terra; deste sol chegam raios de esplendor sem nenhum resquício misto de trevas. Bendita Bíblia! Tu és toda a verdade.²¹

Sendo que Spurgeon cria que a Bíblia é inerrante e infalível, ele via a si mesmo apenas como canal através do qual a mensagem de Deus deveria fluir. Portanto, sabia que deveria ter cuidado para não contaminar o rio

com os poluentes da opinião humana, não tentar redirecionar seu curso nem impedir seu fluxo. Ele tinha de ser simples entregador; não o editor. A verdade do evangelho deveria ser entregue a todos exatamente como ela foi escrita. Para Spurgeon, isso incluía as verdades sobre a graça soberana de Deus. Ele cria que deveria proclamar com fidelidade que Deus é Senhor de todas as coisas, incluindo a salvação dos homens.

AUTORIDADE DIVINA

Em terceiro lugar, Spurgeon cria fortemente na autoridade divina da Palavra de Deus. Asseverou ele: “Assim diz o Senhor – este é o lema de nosso estandarte, a única autoridade na igreja de Deus”.²² Cria ele que a autoridade suprema em todas as questões de fé e vida era a Palavra escrita de Deus. Escreveu: “Ó Livro dos livros! Foste escrito por meu Deus? Então eu me curvo diante de ti. Tu, Livro de vasta autoridade! És a proclamação do Imperador dos céus; longe de mim eu exercer minha razão para te contradizer!”²³ Ele acreditava profundamente que todas as especulações humanas e suas imaginações vãs tinham de se submeter às doutrinas ensinadas na Bíblia. Noutras palavras, as mentes falíveis dos homens tinham de submeter-se à infalível mente de Deus. Ele declarou:

Razão, teu lugar é ficar de pé e descobrir qual o significado deste Volume – não dizer o que o Livro deverá dizer. Vem, minha razão, meu intelecto, senta e escuta, pois estas são as palavras de Deus. Não sei como destacar mais esse pensamento. Ah! Se pudesses lembrar que esta Bíblia foi real e verdadeiramente escrita por Deus! Ah! Se tivesses sido admitido nas câmeras secretas do céu, se tivesses visto Deus tomando sua caneta e escrevendo estas palavras – então certamente tu as respeitarias. São os escritos de Deus tanto quanto se tivesse visto ele as escrever. Esta Bíblia é livro de autoridade. É um livro autorizado, pois Deus o escreveu. Ah! Trema, pois não a poderás desprezar. Marca sua autoridade, pois é a Palavra de Deus.²⁴

Spurgeon cria que a autoridade de qualquer pregador repousava somente sobre a autoridade suprema da Bíblia. “Considero uma única frase da Palavra de Deus como tendo mais certeza e poder do que qualquer descoberta de homens doutos de todas as eras”.²⁵ Estava convencido de

que tinha de falar precisamente o que dizem as Escrituras: “Eu me contento em viver e morrer como mero repetidor do ensino da Escritura, uma pessoa que nada pensou e nada inventou, senão que concluiu que deveria ser boca de Deus para seu povo, lamentando qualquer coisa proveniente de si mesmo que interferisse no que Deus diz”.²⁶ Em suma, Spurgeon acreditava que seu papel era ser eco da verdade encontrada na Bíblia. Qualquer sonegação dessa mensagem desacreditaria de sua autoridade.

Spurgeon era convicto de que os melhores sermões eram aqueles em que o pregador possuía poderosa confiança na Palavra: “É necessário teres grande fé na Palavra de Deus para seres ganhador de almas entre aqueles que a ouvem”.²⁷ Sendo assim, a sua pregação do evangelho era apoiada por sua dependência na autoridade da Escritura. Ouça Spurgeon ao estender seu convite ao evangelho: “Tendes qualquer esperança do céu que não suporte a prova de ‘Assim diz o Senhor’? Estais dependendo do quê? [...] Estais edificando sobre as vossas obras? Dependes de vossos próprios sentimentos? Dependes dos sacramentos? Estais confiando nas palavras de homens? [...] Edificai sobre a Palavra de meu Senhor e Mestre – confiai vossa alma a Jesus”.²⁸

Para Spurgeon, a autoridade bíblica é o firme fundamento sobre o qual a evangelização tem de ser construída.

VERDADE DIVINA

Em quarto lugar, Spurgeon cria que, se quisesse ser usado com efetividade na evangelização, teria de possuir conhecimento compreensivo das Escrituras. Consequentemente, o preparo de seus sermões era marcado por estudo detalhado do texto bíblico. Ele declarou aos seus alunos, certa feita: “Irmãos, sede mestres de vossas Bíblias. Se não tendes examinados outras obras, estejais à vontade com os escritos dos profetas e apóstolos. ‘Habite ricamente em vós a Palavra de Deus’”.²⁹ Conforme ele via, a profundidade na Palavra por parte de um ministro acaba determinando a amplitude de seu ministério.

Para obter tal profundidade, Spurgeon tinha como alvo perscrutar as profundezas da Bíblia. Escreveu: “Nossa ambição deverá ser a compreensão da Bíblia; temos de nos familiarizar com ela, assim como a dona de casa conhece sua agulha, o mercador conhece seu livro de contas, o marinheiro o seu navio”.³⁰ Acrescentou ainda: “É bendito comer da própria alma da Bíblia até que, no final, teu sangue seja *biblíneo* e a própria essência da Bíblia flua de ti”.³¹ Spurgeon seguia seu próprio conselho e buscava uma compreensão extensa das Escrituras.

Claro que um forte entendimento da Escritura não vem automaticamente. Spurgeon disse: “O ministério exige labor cerebral. O pregador tem de lançar seu pensamento no seu ensino, ler e estudar para manter em boa ordem a sua mente”.³² Noutras palavras, poder na pregação do evangelho exige estudo árduo. Ele admitia: “Quase nunca me preparo para o púlpito com prazer. O estudo para o púlpito é, para mim, o mais aborrecido trabalho no mundo”.³³ Mas entendia que se recusasse pagar esse alto preço, não teria razão nenhuma de estar no ministério: “Um preguiçoso não tem direito ao púlpito. É instrumento de Satanás na condenação das almas dos homens”.³⁴ De novo, ele advertiu: “Aquele que

deixou de aprender deixou de ensinar. Aquele que não semeia mais no estudo não poderá mais ceifar no púlpito”.³⁵ Mesmo um gênio como Spurgeon tinha o estudo bíblico como trabalho árduo. Mas profundidade na Palavra é absolutamente essencial se quisermos profundidade de convicção e sanidade de conversão.

Apesar de não ter recebido educação formal, Spurgeon era surpreendentemente bem-versado, culto e excelente no conhecimento “da maneira dos puritanos”.³⁶ Sua biblioteca pessoal, em sua casa em Westwood, tinha cerca de doze mil volumes de comentários bíblicos, teologias sistemáticas, auxílios linguísticos, histórias da igreja, e biografias cristãs. Spurgeon conhecia tão bem os seus livros que dizia poder andar no escuro em seu escritório e colocar as mãos sobre qualquer obra desejada. Lewis A. Drummond declara: “Ele podia classificar tudo que lia e possuía o dom singular de relembrar instantaneamente”.³⁷ Tal retenção o capacitava como hábil pensador e adestrado acadêmico.³⁸

Hugh Oliphant Old nota que Spurgeon era “leitor veloz que lia amplamente e perceptivamente os puritanos ingleses. Os puritanos produziram surpreendente quantia de literatura de diversos tipos, e Spurgeon lia e relia essa literatura”.³⁹ Por meio desta vasta leitura, Spurgeon adquiriu “rara combinação de clareza bíblica, coerência teológica, ânimo retórico, perspicácia de dicção, universalidade de apelo e urgência de aplicação”.⁴⁰ O resultado foi que ele estava bem preparado para pregar todo o conselho de Deus com poder comunicativo extraordinário.

Somente quem estivesse assim cheio da Escritura poderia pregar como fazia Spurgeon. Sua leitura voraz durante toda a semana permitia que ele entrasse em seu escritório no sábado à noite, selecionasse seu texto para o domingo de manhã, e se preparasse para pregar. Ele escrevia um esboço rudimentar, o único auxílio que levava até o púlpito. Repetia a mesma prática no domingo à tarde para o sermão de domingo à noite. Porque estava de tal modo saturado pela verdade bíblica, dizia que sempre que se

sentava à escrivaninha, era como se estivesse se preparando para pregar múltiplos sermões. Confessou: “Creio que em quase qualquer sábado de minha vida, preparo suficientes esboços de sermões, que se eu sentisse liberdade de pregá-los, me durariam um mês, mas não ousa usá-los assim como um marinheiro não ousa levar à costa uma carga de bens contrabandeados”.⁴¹ Spurgeon vigiava seu tempo de preparo de sermões de sábados à noite e não permitia nenhuma intrusão. Certa vez, um visitante não convidado veio à sua casa visitá-lo enquanto ele estava preparando para o domingo. Quando a empregada atendeu à porta, esta pessoa a mandou para Spurgeon, pedindo-lhe uma audiência. Spurgeon mandou que ela dissesse que era seu regulamento não atender ninguém nessa hora. O visitante respondeu: “Diga ao Sr. Spurgeon que um servo do Senhor Jesus Cristo deseja vê-lo imediatamente”. A empregada, assustada, levou a mensagem, mas Spurgeon respondeu: “Diga-lhe que estou ocupado com o meu Mestre e no momento não posso falar com os servos”.⁴² Esse compromisso com a Escritura era o padrão pelo qual Spurgeon acreditava que todo pregador deveria ser julgado: “Imploro encarecidamente que julgueis todo pregador, não por seus dons, não por seus poderes de elocução, não por seu status na sociedade, nem pela respeitabilidade de sua congregação, não pela beleza de sua igreja, mas por isto – ele prega a Palavra da verdade, o evangelho de vossa salvação?”⁴³ Um profundo compromisso com as Escrituras era o segredo do seu ministério evangelístico. Sem a Palavra de Deus, ele não tinha absolutamente nada para dizer.

COMPROMISSO COM A PALAVRA

O compromisso que Spurgeon tinha com a Bíblia o conduzia a ser rigidamente calvinista, no entanto plenamente evangelista. Ele acreditava resolutamente que os soberanos propósitos de Deus na salvação estão claramente ensinados na Escritura. Igualmente, afirmava de todo coração que a mensagem do evangelho devia ser pregada a toda criatura porque é ordenada na Palavra de Deus. Além do mais, afirmava que é responsabilidade de todo indivíduo confiar em Cristo porque isso também é ordenado pelas Escrituras. A crença de Spurgeon na origem divina da Escritura o tornava naquela mais potente arma – um evangelista calvinista. Ele não poderia descartar uma verdade em favor da outra, do mesmo modo que não poderia cortar uma página da Bíblia por preferir outra.

Perto do final de seu ministério, Spurgeon viu igrejas recorrendo a meios carnavais para atrair as multidões ao evangelismo. O púlpito foi substituído por um palco e o sermão por entretenimento. Com tal infiltração mundana, a verdade bíblica estava diluída e havia severa perda de poder na pregação evangelística. Sentindo urgência, Spurgeon declarou: “Por todo lado, existe apatia. Ninguém se importa se aquilo que está sendo pregado é verdadeiro ou falso. Um sermão é um sermão, qualquer que seja o assunto – desde que, quanto mais curto, melhor”.⁴⁴ Mas Spurgeon recusou fazer concessões ou transigir. Permaneceu consumido por uma única paixão pela verdade bíblica.

Embora a época implorasse por pensamentos de alívio, Spurgeon proclamava verdades de gume afiado: “Deus é minha testemunha – tenho rejeitado toda ideia de tentativas de eloquência ou oratória na minha pregação. Não me importo com o espalhafatoso espetáculo de discursar. Só quero lhes contar estas verdades em uma fala não envernizada”.⁴⁵ Ainda

que o evangelho estivesse sendo subvertido, ameaçando a autenticidade das conversões, Spurgeon se firmou sobre a pregação simples da verdade divina e testemunhou incontáveis novos nascimentos.

Spurgeon bebeu profundamente do poço da Escritura. Tinha se tornado fonte de onde sua verdade brotava. Ele havia penetrado os profundos reservatórios da graça soberana, e estas fluíam livremente das suas exposições bíblicas. Ele falava a linguagem da própria Escritura, declarando que a salvação é do Senhor. Dedicou-se a esse ímpeto centrado em Deus enquanto pregava o evangelho de Jesus Cristo.

Spurgeon representa a dedicação às Escrituras que todo pregador – sim, todo crente – deve possuir. Se quisermos focar nossas vidas no evangelho, também devemos confiar na divina inspiração e inerrância da Escritura. Precisamos nos entregar à sua autoridade, ser diligentes no nosso estudo da Palavra. Se quisermos ver as almas convertidas pelo evangelho, temos de ser poderosos *no* próprio evangelho.

Graça Soberana

Spurgeon foi um dos maiores evangelistas já visto pela Inglaterra, como também um dos mais firmes defensores das doutrinas da graça.¹

— James Montgomery Boice

Quando Charles Spurgeon apareceu em cena em meados do Século XIX, veio proclamando as doutrinas da graça soberana. Naquela época, o calvinismo não era mais a teologia dominante da Inglaterra, como fora nos tempos dos puritanos. Em lugar disso, as doutrinas da graça estavam se tornando obscurecidas da vista pública, descartadas como sendo empoeiradas e arcaicas relíquias de uma Europa primitiva do Século XVI. Supunha-se que a Inglaterra vitoriana havia amadurecido, e seus filósofos defendiam a autonomia do homem e não a soberania de Deus.

O ensino da Reforma quase desaparecera do cenário evangélico.

No entanto, em vez de ficar enfatuado pelos modismos teológicos da época, Spurgeon escolheu permanecer fiel aos antigos caminhos, aqueles expostos pelas Escrituras há muito tempo, incluindo os ensinamentos sobre a graça soberana. Disse ele: “Portanto, não é novidade, que estou pregando; não é uma nova doutrina. Amo proclamar estas fortes velhas doutrinas que são chamadas pelo apelido de calvinismo, mas que certa e verdadeiramente é a verdade revelada de Deus conforme vista em Cristo Jesus”.² Para Spurgeon, pregar a Bíblia significava pregar o calvinismo. Conforme ele via, o calvinismo era a necessidade da hora.

Essas verdades transcendentas – depravação total do homem, eleição incondicional, expiação limitada, graça irresistível e perseverança dos santos – afiavam o foco evangélico de Spurgeon. Ele declarou:

Não existe a pregação de Cristo e este crucificado a não ser que preguemos o que hoje em dia se chama de calvinismo. O calvinismo é um apelido, pois calvinismo é simplesmente o evangelho – nada mais. Não creio que estejamos pregando o Evangelho a não ser que preguemos a soberania de Deus em sua dispensação da graça; nem se não exaltarmos o amor que elege, imutável, eterno, sempre o mesmo, conquistador de Jeová. Não penso que possamos pregar o Evangelho a não ser que o baseemos sobre a redenção especial e particular dos seus eleitos e povo escolhido, nos quais Cristo operou sobre a cruz; nem consigo compreender um Evangelho que permita que os santos caíam depois de terem sido chamados.³

Spurgeon jamais sussurrou e, certamente, não falou baixinho sobre sua ligação às doutrinas da graça. Escreve Ernest Bacon: “A pregação de Spurgeon era totalmente calvinista. Ele estava profundamente imbuído do princípio dominante da teologia de Calvino – a soberania de Deus na criação, providência e redenção. De todo coração, cria que o calvinismo fosse a teologia da Bíblia”.⁴ Na verdade, Spurgeon sabia que o grande reformador de Genebra, Suíça, João Calvino, não era o autor dessas verdades, mas que elas tinham vindo de cima. Explicou Spurgeon: “Asseguramos e afirmamos vez após vez que a verdade pregada por João Calvino era a verdade que, muito tempo antes, o apóstolo Paulo escreveu em suas epístolas inspiradas, a qual é mais claramente revelada nos discursos de nosso próprio bendito Senhor”.⁵ Para Spurgeon, as doutrinas da graça não eram ensinamentos de homem qualquer, mas a verdade do próprio Deus.

Aqui estava o poder da mensagem evangélica de Spurgeon. Iain Murray escreve: “A força do ministério de Spurgeon estava em sua teologia. Ele

redescobriu o que a igreja havia, em sua maior parte, esquecido – o poder evangelístico da chamada *doutrina calvinista*. [...] Spurgeon via essas verdades como força motriz de um ministério evangélico”.⁶ Era convicção de Spurgeon que o evangelismo mais puro jorra das verdades calvinistas. Para ele, o evangelho nunca brilha mais do que através da lente das doutrinas da graça.

Ao examinarmos o foco evangelístico de Spurgeon, temos de reconhecer o seu compromisso com as doutrinas da graça. O que Spurgeon cria quanto a essas verdades? Como ele via os cinco pontos do calvinismo constituindo o cerne do evangelho? Como essas verdades deram ousadia à sua pregação do evangelho? Quero começar a responder essas perguntas, examinando os pensamentos de Spurgeon quanto a cada uma das cinco verdades que constituem as doutrinas da graça.

DEPRAVAÇÃO TOTAL

Primeiro, Spurgeon afirmava a doutrina fundamental da depravação do homem, que alguns chamam de *corrupção radical*. Compreendia claramente que, antes do evangelista ter condições de comunicar as boas novas da salvação, primeiro ele tem de comunicar a má notícia da condenação. A cortina de veludo preto, fundo do cenário do pecado do homem, tem de ser exposta antes que o brilho ofuscante do diamante da graça soberana de Deus possa ser visto. Isso começa com o ensino da Bíblia a respeito do pecado de Adão, que trouxe a morte à humanidade. Spurgeon asseverou:

No dia em que Adão comeu aquele fruto, morreu a sua alma. Sua imaginação perdeu a poderosa força de subir às coisas celestiais e ver o céu; sua vontade perdeu a capacidade de sempre escolher aquilo que é bom; seu juízo perdeu toda habilidade de julgar entre o certo e o errado com decisão e infalibilidade, embora tivesse ficado retido alguma coisa na consciência; sua memória ficou maculada, capaz de reter coisas más e deixar coisas justas deslizar para longe. Todos os seus poderes cessaram no que diz respeito à sua vitalidade moral. A bondade era a vitalidade de seus poderes – e isso desvaneceu. Virtude, santidade, integridade – era assim a vida do homem, mas quando elas partiram, o homem ficou morto.⁷

Contudo, o pecado de Adão não afetou apenas a ele mesmo. Sua natureza decaída se espalhou para toda a raça humana, de modo que toda parte de toda pessoa é empesteadada fatalmente pela morte espiritual. Spurgeon escreveu: “Como o sal tempera cada gota do oceano Atlântico, assim também o pecado afeta todo átomo de nossa natureza. Está ali tão tristemente, tão abundantemente, que, se não consegue detectá-lo, você estará totalmente enganado”.⁸ Acrescentou ainda: “O veneno do pecado se

encontra na própria fonte de nosso ser; envenenou nosso coração. Está no tutano de nossos ossos, e é tão natural para nós quanto qualquer coisa que nos pertence”.⁹ Ele acreditava que a pessoa por inteiro – mente, afetos e vontade – é poluída e envenenada pelo pecado original.

O resultado, dizia ele, um “próprio inferno de corrupção jaz dentro do melhor dos santos”.¹⁰ Spurgeon reconhecia que o pecado estava na profundidade da alma até do melhor entre os homens. Tal corrupção interior torna cada ser humano uma besta selvagem: “Não existe animal em lobo ou leão ou serpente mais brutal do que a besta que há no homem”.¹¹ Todas as pessoas estão espiritualmente mortas, incapazes de enxergar, desejar ou atender a mensagem do evangelho.

Quanto à vontade, Spurgeon disse: “Declaramos, pela autoridade das Escrituras, que a vontade humana é tão desesperadamente fixa no mal, tão depravada, de tal modo inclinada a todo erro, que sem a influência poderosa, sobrenatural, irresistível do Espírito Santo, nenhuma vontade humana será constrangida a crer em Cristo”.¹² Com essa declaração, Spurgeon afirmava que a capacidade volitiva do homem está paralisada, deixando-o incapaz de atender ao oferecimento gratuito de Cristo.

Consequentemente, Spurgeon resistia à ideia do livre arbítrio humano. Contendia que tal ensino eleva o homem ao lugar que é reservado apenas para Deus: “A doutrina do livre-arbítrio – o que faz? Eleva o homem ao lugar de Deus. Anula os propósitos de Deus, por eles não serem cumpridos a não ser que os homens se disponham. Torna em serva a vontade de Deus, pois ele espera pela vontade do homem”.¹³ Além disso, afirmava Spurgeon: “Se Deus requer do pecador, que está morto em seus pecados, que tome o primeiro passo, então ele requer justamente o que torna impossível a salvação, tanto debaixo do evangelho quanto debaixo da lei, pois o homem é incapaz de crer, como também é incapaz de obedecer”.¹⁴ Em palavras simples, Spurgeon dizia que nenhuma vontade humana é inteiramente

livre. Ela é ou escrava do pecado ou escrava de Cristo, mas jamais é completamente livre.

Para Spurgeon, era aí que começava a mensagem do evangelho. A mensagem salvadora da graça começa com a depravação total do homem. O ser humano é totalmente corrompido pelo pecado. Está espiritualmente morto, e é incapaz de salvar a si mesmo. Não poderia ser mais impotente nem mais desesperado.

ELEIÇÃO INCONDICIONAL

Em segundo lugar, Spurgeon cria tenazmente na doutrina da eleição incondicional. Por necessidade, esta verdade bíblica flui da crença na total depravação do homem. Sendo que a vontade humana é totalmente morta e incapaz de escolher Deus, Deus *tem* de exercer sua vontade soberana de salvar. Da massa da humanidade decaída, Deus fez uma escolha eterna e distinta. Antes da fundação do mundo, ele determinou quem ele salvaria. Spurgeon argumentava que, não fosse a escolha de Deus por seus eleitos, ninguém seria salvo.

Como todas as doutrinas acatadas por Spurgeon, ele cria nesta verdade porque estava convencido de que ela tinha suas raízes e fundamentos na Bíblia: “O que pode ser dito sobre a doutrina da eleição, é que ela está escrita na palavra de Deus com pena de ferro, e não há como descartá-la”.¹⁵ Em seu sermão intitulado “Eleição”, pregado em 2 de setembro de 1855, Spurgeon leu diversas passagens que ensinam esta verdade doutrinária de modo inequívoco. Entre os textos citados e explicados estão Lucas 18.7; João 15.16; 17.8-9; Atos 13.48; Romanos 8.29, 33; 9.11-13; 11.7; 1Corínios 1.26-29; Efésios 1.14; Colossenses 3.12; 1Tessalonicenses 5.9; 2Tessalonicenses 2.13-14; Tito 1.1; 1Pedro 1.1-2e 2João 1. Nesta exposição, Spurgeon declarou:

Bem no princípio, quando este universo estava na mente de Deus, como florestas ainda não nascidas estão no cálice da noz do carvalho, muito antes dos ecos acordarem as solidões, antes dos montes nascerem, e muito antes da luz lampear pelo céu, Deus amou suas criaturas escolhidas. Antes de haver qualquer ser criado – quando o éter não era ainda abanado pela asa de um anjo, quando o próprio espaço não tinha existência, quando nada havia senão Deus somente – mesmo então, naquela solidão da Divindade, naquela inescrutável e silente profundidade, as suas entranhas se moviam de amor por

seus escolhidos. Os seus nomes já eram escritos no seu coração, e eram então queridos para sua alma.¹⁶

Spurgeon ainda afirmou:

Desde o princípio Deus escolheu o seu povo; quando o éter não navegado ainda não fora abanado pelas asas de um único anjo, quando o espaço não tinha margens, nem havia nascido, quando reinava o silêncio universal, e nem voz nem sussurro chocava contra a solenidade do silêncio, quando não havia ser algum, nem movimento, nem tempo, e nada a não ser o próprio Deus, sozinho em sua eternidade.¹⁷

Na eternidade passada, Deus soberanamente colocou seus afetos sobre um povo peculiar, predestinando a sua salvação. Além disso, a eleição soberana, afirmava Spurgeon, não era baseada numa previsão divina, mas na pré-ordenação: “‘Mas’, dizem outros: ‘Deus os elegeu para a fé com base no conhecimento de antemão de que eles teriam fé’. Ora, quem dá a fé é Deus, e assim, ele não poderia tê-los eleito com base na fé que ele previu”.¹⁸

Spurgeon ainda negava que a eleição pudesse ser descartada como uma escolha de nações em vez de escolha por indivíduos. Ele declarou:

Seria uma mudança miserável sobre a terra concluir que Deus não tivesse escolhido pessoas e sim, nações. [...] Se ele não fosse escolher uma pessoa, seria muito mais injusto escolher uma nação, pois as nações são apenas a união de multidões de pessoas, e escolher uma nação pareceria um crime mais gigantesco – se a eleição fosse um crime – do que escolher uma única pessoa. Com certeza, escolher dez mil seria considerado pior do que escolher um; destacar uma nação dentre o restante da humanidade parece ser um exagero maior nos atos da soberania divina do que a eleição de um pobre mortal, que deixasse de fora outro.¹⁹

Sendo que a soberana eleição da parte de Deus dos pecadores individuais é ensinada claramente pela Escritura, Spurgeon insistia que ela deveria ser pregada:

Deus deu-me este grandioso livro do qual pregar, e se ele tiver colocado nele qualquer coisa que julgas não ser justo, vai reclamar com ele, não comigo. Sou simplesmente seu servo. Se o trabalho que ele manda que eu faça for objetável, não posso desculpá-lo. Eu te direi a razão pela qual tantas igrejas estão em declínio: porque esta doutrina não tem sido pregada.²⁰

Spurgeon reconhecia que uma recusa em pregar a verdade da eleição soberana impedia o crescimento da igreja. Tal pregação é necessária se homens pecadores devem receber a semente do evangelho.

Ademais, Spurgeon dizia que deixar de falar desta grande verdade é grave ofensa contra Deus:

Alguns de vós jamais pregastes sobre a eleição desde que fostes ordenados. Dizeis que “tais coisas são ofensivas”. Assim, preferis ofender a Deus que ofender aos homens. Porém, replicaís: “Tais coisas não são práticas”. Penso que o clímax de todas as blasfêmias do homem está centrada nessa declaração. Dizei-me que uma coisa que Deus colocou na Bíblia não deva ser pregada! Estais encontrando falta em meu Deus. Mas dizeis: “Será perigoso”. O quê? A verdade de Deus é perigosa?! Eu não quereria estar em vossos sapatos quando tiverdes de enfrentar vosso Criador no dia do juízo, após uma declaração dessas!²¹

De uma perspectiva positiva, Spurgeon corajosamente declarou que a pregação da eleição incondicional é uma pregação evangelística. Disse ele: “Jamais preguei esta doutrina sem ver conversões, e creio que nunca deixarei de ver”.²² Quando as pessoas lhe perguntavam como ele conciliava

a pregação da eleição com expandir o evangelho, ele afirmou: “Não há necessidade de conciliá-los, pois jamais brigaram um contra o outro”.²³ Ele estava certo. A soberania divina e o evangelismo andam de mãos dadas, a primeira, preparando o terreno e garantindo o sucesso do segundo.

Ainda que todos que estão no céu lá estejam por escolha de Deus, Spurgeon dizia que os que vão ao inferno estão ali por sua própria escolha. Testificou: “Da Palavra de Deus, entendo que toda a condenação é do homem, de cima até em baixo, enquanto a salvação é toda da graça, desde o princípio até o final. Aquele que perece escolheu perecer; o que é salvo foi salvo porque Deus escolheu salvá-lo”.²⁴ Noutras palavras, a salvação só é possível quando a vontade de Deus liberta das suas cadeias a vontade do homem.

EXPIAÇÃO LIMITADA

Em terceiro lugar, Spurgeon afirmava com força a doutrina da expiação limitada. Esta verdade ensina que Cristo morreu exclusivamente por aqueles que foram escolhidos pelo Pai, e, sendo assim, assegurou a salvação de todos pelos quais ele morreu. Tal redenção definitiva se coloca em contraste com a ideia arminiana que diz que Cristo não salvou *realmente* qualquer pessoa em particular com sua morte, mas *tornou possível* a salvação para todos. Spurgeon rejeitava inflexivelmente tal posição: “Uma redenção que pague o preço, mas não garante aquilo que pagou – redenção que chama Cristo de substituto pelo pecador, mas que ainda permite que este sofra – é totalmente indigna da nossa compreensão do Deus Todo-Poderoso”.²⁵ Uma crença assim nebulosa, insistia ele, desonra a Deus de modo grosseiro, especialmente no que se refere à sua justiça, e distorce o propósito salvífico de Cristo em sua morte substitutiva.

Com clareza de pensamento, Spurgeon resumiu a posição arminiana antibíblica e ilógica da seguinte maneira:

O arminiano afirma que Cristo, ao morrer, não o fez com intenção de salvar nenhuma pessoa em particular. Eles ensinam que a morte de Cristo em si mesma não assegura a salvação de um só homem vivo. Acreditam que Cristo morreu para possibilitar a salvação de todos os homens, e que ao fazer qualquer outra coisa, qualquer que queira poderá alcançar a vida eterna. Consequentemente, são obrigados a dizer que, se a vontade do homem não ceder e se entregar voluntariamente à graça, então a expiação de Cristo não terá valor. Afirmam que não houve particularidade e especialidade na morte de Cristo. De acordo com eles, Cristo morreu tanto por Judas no inferno quanto por Pedro que subiu ao céu. Acreditam que aos que foram designados ao fogo eterno, havia redenção tão certa e real quanto aquela que foi feita para aqueles que hoje se encontram diante do trono do Altíssimo.²⁶

Spurgeon negava fortemente que Cristo tenha morrido por todos os homens: “Se fosse intenção de Cristo salvar a todos os homens, como ele deve estar deploravelmente desapontado!”²⁷ Disse ainda: “Alguns insistem que Cristo tenha morrido por todos. Por que, então, todos os homens não são salvos? Porque nem todos os homens querem crer? Isso quer dizer que crer é necessário para tornar o sangue de Cristo eficaz para a redenção. Consideramos isso uma grande mentira”.²⁸ Noutro lugar, escreveu:

Alguns dizem que todos os homens são de Cristo por compra. Mas, amados, vós e eu não cremos em redenção tão falsa que não redima. Não cremos na redenção universal, que se estenda até aos que estavam no inferno antes da morte do Salvador, e que inclua os anjos caídos, bem como os homens não arrependidos.²⁹

Tal visão derrotista da morte de Cristo não tinha lugar na pregação de Spurgeon.

Ao contrário, Spurgeon cria que Cristo realizou sua missão salvadora para a qual veio ao mundo. Acreditava que Jesus veio salvar um número definido de pecadores, ou seja, aqueles a quem o Pai escolheu e lhe deu antes do início do tempo. Spurgeon insistia que Jesus não foi frustrado na cruz. Noutras palavras, Cristo não teria morrido em vão por aqueles que morressem na descrença. Jesus morreu triunfante por todos quantos o Pai lhe dera:

Cremos que Cristo, ao morrer, tinha em vista um objetivo, e esse objetivo certamente e além de qualquer dúvida seria alcançado. Medimos o projeto da morte de Cristo por seu efeito. Se alguém perguntar: “Qual o projeto de Jesus ao morrer por nós?” – respondemos a pergunta com outra: “O que Cristo fez?” Ou então, “O que Cristo terá feito mediante a sua morte?” Pois declaramos que a medida do efeito do amor de Cristo é a medida do projeto

da cruz. Não podemos diminuir nossa razão imaginando que a intenção do Deus Todo Poderoso pudesse ser frustrada, ou que o plano de algo tão grandioso quanto a expiação pudesse, por qualquer meio possível, ser perdido.³⁰

Está claro que Spurgeon entendia que a *intenção* da morte de Cristo definia a sua *extensão*. Explicou: “Cristo veio ao mundo com a intenção de salvar uma ‘multidão que não pode ser numerada’; cremos que, como resultado disso, toda pessoa para a qual ele morreu terá sem sombra de dúvida, de ser purificada do seu pecado e se colocará, lavada no sangue, diante do trono do Pai”.³¹ Acrescentou: “O quê?! Cristo sorveu em um tremendo gole de amor, esvaziando minha condenação, e eu poderia ainda ser condenado depois disso? Deus proíba! Seria Deus injusto a ponto de esquecer da obra do Redentor por nós e deixar que o sangue do Salvador fosse vertido em vão?!”³² Jesus não morreu em vão, pois nenhum daqueles por quem Cristo morreu perecerá no inferno, jamais.

Embora alguns chamem esta doutrina de *Expição Limitada*, Spurgeon insistia que tanto arminianos quanto calvinistas limitavam a expiação. Aqueles que ensinam que a morte de Cristo tornou possível a salvação limitam seu *efeito*, enquanto os que creem em uma expiação definida limitam sua *extensão*. Noutras palavras, os primeiros enxergam uma extensão ilimitada, mas um efeito limitado. Os últimos enxergam uma extensão limitada, mas um efeito ilimitado. Spurgeon explicava desta forma:

Com frequência dizem-nos que nós limitamos a expiação de Cristo por dizer que Jesus não fez uma satisfação por todos os homens, senão todos os homens seriam salvos. Nossa resposta para isso é que são nossos oponentes que a limitam – não nós. Arminianos dizem que Cristo morreu por todos os homens. Pergunta-lhes o que querem dizer com isso. Cristo teria morrido para assegurar a salvação de todos os homens? Dizem eles: “Certamente que

não”. Fazemos a próxima pergunta: “Cristo morreu para assegurar a salvação de qualquer indivíduo em particular?” Respondem eles: “Não”. São obrigados a dizer isso, se forem coerentes. Eles dizem: “Não; Cristo morreu para que qualquer homem seja salvo se...” – e então seguem certas condições para a salvação. Agora, quem é que está limitando a morte de Cristo? Ora, vós. Dizeis que Cristo não morreu para infalivelmente garantir a salvação de qualquer pessoa. Pedimos licença quando dizeis que nós limitamos a morte de Cristo. Dizemos: “Não, meu caro senhor, sois vós que fazeis isso.” Nós dizemos que Cristo assim morreu a fim de assegurar infalivelmente a salvação de uma multidão incontável, que mediante a morte de Cristo, não somente poderá ser salva, como também é salva, e não pode, por nenhuma possibilidade, correr o risco de ser qualquer coisa senão salva. Vós sois bem-vindos para vossa expiação – podeis guardá-la. Nós jamais renunciaremos a nossa por amor à vossa.³³

Resumindo as suas razões pelas quais cria na expiação limitada, Spurgeon declarou: “Prefiro crer em uma expiação limitada que é eficaz para todos quantos ela foi intencionada, do que uma expiação universal que não seja eficaz para qualquer pessoa, a não ser que a vontade humana se junte a ela”.³⁴ Simplesmente, ele cria que “Cristo veio ao mundo, não para colocar os homens em um *estado salvável*, mas em *estado de salvos*”.³⁵ Spurgeon acreditava que a expiação foi realizada por uma morte totalmente triunfal.

GRAÇA IRRESISTÍVEL

Quarto, Spurgeon afirmava a doutrina da graça irresistível. Esta é obra soberana do Espírito Santo, que convence, chama, atrai e regenera os pecadores eleitos. Tal obra repousa infalivelmente sobre a fé de todos quantos foram escolhidos. Todos aqueles que foram escolhidos pelo Pai na eternidade passada e todos pelos quais o Filho morreu são os que o Espírito traz à fé em Jesus Cristo. Ninguém eleito pelo Pai e pelo qual Jesus morreu deixa de crer. O Espírito Santo concede arrependimento e fé aos pecadores eleitos e garante a sua conversão.

Este chamado irresistível é diferente do chamado geral do evangelho. O primeiro é extensivo somente aos eleitos, e não poderá ser resistido. O segundo é estendido a todos quantos ouvem o evangelho, e sem o chamado efetivo do Espírito Santo, é resistido. Spurgeon explicou:

O chamado geral do evangelho é como o ‘cacarejo’ de uma galinha que ela sempre está fazendo quando seus pintinhos estão ao seu redor. Mas se existe algum perigo impendido, então ela dá um chamado muito particular, diferente do cacarejo ordinário, e os pintainhos vêm correndo com a maior pressa possível, e se escondem debaixo de suas asas para ficarem seguros. É este o chamado que desejamos – o chamado peculiar e efetivo de Deus para aqueles que são seus.³⁶

Este chamado efetivo sempre obtém seu efeito desejado – a salvação daqueles que pertencem a Deus.

O chamado soberano de Deus, afirmava Spurgeon, é muito mais poderoso do que qualquer resistência humana. “Um homem não é salvo contra sua vontade, mas é feito de vontade disposta pela operação do Espírito Santo. Entra no homem uma graça poderosa que não quer resistir

– ela o desarma, torna-o nova criatura – e ele é salvo”.³⁷ Isto quer dizer que ninguém está impossibilitado de ser salvo pelo poder de Deus:

Dificuldade não é uma palavra que existe no dicionário do céu. Para Deus nada é impossível. O réprobo, cuja boca é suja de blasfêmias, cujo coração é um inferno em si, cuja vida cheira as chamas do poço sem fundo – tal homem, se o Senhor olhar para ele e revelar seu braço de graça irresistível, ainda virá louvar a Deus e bendizer seu nome, vivendo para sua honra”.³⁸

Em suma, nenhum coração humano é tão obstinado a ponto de ser impossível ao Espírito conquistar e convertê-lo.

Spurgeon descreveu como o Espírito conquistara seu próprio coração relutante:

Quando primeiro ele veio para mim, não o desprezei? Quando ele bateu à minha porta, pedindo entrada, eu não o mandei embora, fazendo-o apesar de sua graça? Ah! Eu me lembro que tantas vezes eu o desprezei até que ele, pelo poder de sua graça efetiva, disse: Tenho de entrar e entrarei. Então ele mudou meu coração, e me fez amá-lo.³⁹

Assim como o Espírito Santo mudou o coração de Spurgeon, ele muda todos quanto são escolhidos pelo Pai, fazendo que creiam no Filho.

Spurgeon gloriava no triunfo da graça soberana de Deus. A vontade imutável de Deus, ele proclamava, é muito maior do que a obstinada vontade do homem:

Ah! Amo os “Eu quero” e “Eu faço” do Senhor! Não há nada para se comparar com isso. Que um homem diga “eu farei” – de que vale? “Eu vou” diz um homem, e não realiza – “Eu farei” e quebra a promessa. Mas não é assim com o querer de Deus. Se ele diz “Quero”, assim será. Ora, aqui ele disse: “Muitos

virão”. O diabo diz que eles não virão, mas eles vêm! Vós mesmos dizeis: Não viremos – mas Deus diz: Vireis sim! Existem aqui alguns que dão risada da salvação, zombam de Cristo, desprezam o evangelho. Mas eu vos digo: alguns de vós ainda vireis a ele. “O quê?!” Exclamais: “Poderá Deus me forçar a ser cristão?” Digo que sim, pois nisto está o poder do evangelho. Não pede o vosso consentimento, porém o obtém. Não diz: Aceitai, por favor. Mas no dia do poder de Deus, ele vos torna dispostos.⁴⁰

Spurgeon declarava ainda que a graça irresistível de Deus torna receptivos à oferta da salvação até os corações mais resistentes. Ouçam a sua enorme confiança na sua pregação do evangelho:

Se Jesus Cristo estivesse nesta plataforma nesta noite, o que muitas pessoas fariam com ele? Se ele viesse e dissesse: “Aqui estou. Eu te amo. Queres ser salvo por mim?” – nenhum de vós consentiria, se dependesse de vossa própria vontade. O próprio Jesus disse: “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia.” Ah! Queremos isso, e aqui o temos! Eles *virão*. Eles *virão* a mim! Podeis rir, podeis nos desprezar, mas Jesus Cristo não terá morrido em vão. Se alguns de vós o rejeitais, há também alguns que não o rejeitam. Se existem alguns que *não* são salvos, existem outros que *o serão*. Cristo *verá* a sua semente. *Prolongará* os seus dias, e o prazer do Senhor *prosperará* em suas mãos. Eles *virão*. E nada no céu, na terra ou no inferno poderá impedir que venham!⁴¹

Spurgeon tinha a coragem de um leão ao proclamar a mensagem salvadora de Cristo. Obtinha essa coragem da crença de que o Espírito Santo voltará os corações daqueles que foram escolhidos para crer em Cristo. Em termos simples, Spurgeon sabia que o Espírito garante que a palavra de Deus não volta vazia. A graça irresistível é a graça triunfante.

PERSEVERANÇA

Quinto, Spurgeon afirmava a doutrina da preservadora graça de Deus, às vezes conhecida como a perseverança dos santos. Esta verdade da Bíblia nos ensina que os crentes em Cristo jamais cairão da graça, pois é Deus que sustenta a sua fé. Spurgeon dizia: “Poucas doutrinas são mais vitais do que a perseverança dos santos, pois se um só filho de Deus perecesse, ou eu soubesse que um só pudesse perder a salvação, eu concluiria que inevitavelmente eu iria perdê-la, e suponho que cada um de vós pensaria o mesmo”.⁴² Spurgeon via a graça preservadora de Deus como um dos componentes principais do evangelho.

A verdade da graça preservadora, testificava Spurgeon, foi a isca que o atraiu a Cristo. Antes de ser salvo, Spurgeon observou outros que pareciam ter caído de sua profissão de fé. Tais aparentes exemplos de apostasia o faziam hesitar em fazer um compromisso de vida com Cristo. Disse ele:

Quaisquer boas resoluções que eu pudesse tomar, a possibilidade era que não valeriam nada quando a tentação me assediasse. Eu poderia ser como aqueles de quem se diz: “Enxergam o anzol do diabo mas não conseguem deixar de morder a sua isca.” Mas, que eu me desgraçasse moralmente, como alguns sobre os quais eu soube e ouvi dizer, era um perigo sobre o qual eu me retraía horrorizado.⁴³

A ideia de que pudesse começar a jornada para o céu e deixasse de completá-la aterrorizava Spurgeon. O resultado é que ele permanecia paralisado pela descrença.

Porém, quando Spurgeon ouviu a maravilhosa verdade de que todos que começam a vida cristã com certeza a completarão, ele não pôde resistir a entrega de sua vida a Cristo. “Quando ouvi e li com olhos maravilhados que

aquele que crê em Cristo Jesus seria salvo, a verdade penetrou meu coração com indescritíveis boas-vindas. A doutrina de que ele guarda os pés dos santos que nele confiam, tinha para mim um charme todo especial”.⁴⁴ Ele testemunhou em outro lugar:

Devo confessar que a doutrina da perseverança final dos santos foi uma isca que minha alma não pôde resistir. Parecia-me uma espécie de seguro de vida – segurança de meu caráter, segurança de minha alma, segurança de meu destino eterno. Sabia que eu não podia guardar a mim mesmo, mas se Cristo prometeu me guardar, eu estaria seguro para sempre. Eu almejava e orava por encontrar a Cristo, pois sabia que se eu o encontrasse, ele não daria uma salvação temporária ou falsificada, como pregam alguns, mas vida eterna que jamais poderia ser perdida.⁴⁵

Esta importante doutrina tornou-se um dos componentes-chaves do foco evangélico de Spurgeon. Sem ela, dizia ele, não seria capaz de pregar. “Se alguém conseguisse convencer-me que a perseverança final não seria uma verdade bíblica, eu jamais pregaria novamente, pois não teria nada de valor para pregar”.⁴⁶ A perseverança dos santos era simplesmente um elo essencial na inquebrável corrente dourada da salvação por ele pregada.

Spurgeon via esta doutrina como sendo ligada inseparavelmente à justificação pela fé: “Essa doutrina da final perseverança dos santos está unida à firmeza ou queda do evangelho, tanto quanto o artigo sobre a justificação pela fé. Se a deixarmos de fora, não vejo mais evangelho”.⁴⁷ Spurgeon estava de tal forma convencido disto, que em outro lugar ele escreveu: “A doutrina da perseverança final dos crentes parece que foi escrita com um raio da luz do sol que atravessa toda a Escritura. Se não for verdade, então nada mais na Bíblia é verdade. É impossível entendermos a Bíblia se ela não for verdade”.⁴⁸ Acrescentou ainda: “Se há na Escritura algo ensinado como certamente verdadeiro, é a doutrina da perseverança

final dos santos. Estou tão certo dessa doutrina claramente ensinada quanto estou da divindade de Cristo”.⁴⁹

Esta não seria uma doutrina secundária que fica na periferia da Escritura, mas uma verdade primária, imbuída no cerne da Bíblia e encontrada através de todas as suas páginas. Sendo assim, era impossível ele não pregá-la.

GRAÇA MARAVILHOSA

As boas novas da Bíblia são que Deus salva pecadores. Deus Pai escolheu salvar seus eleitos, deu-lhes ao Filho, comissionou o Filho a redimi-los, e enviou o Espírito a regenerá-los. Deus o Filho entregou sua vida por suas ovelhas, garantindo-lhes a salvação. Deus o Espírito concede arrependimento, fé e vida eterna àqueles que foram escolhidos. A salvação é a grande obra da maravilhosa graça do Deus trino.

Sem dúvida, as doutrinas da graça soberana de Deus foram pedras fundamentais do ministério evangélico de Spurgeon. Eram o combustível de alta combustão que dava poder à sua pregação abrasadora do evangelho. As verdades maravilhosas da suprema autoridade de Deus na salvação do homem atearam fogo em seu coração, e aticaram as chamas em seu púlpito.

Ao proclamar essas doutrinas, Spurgeon via a si mesmo como um em uma longa fila de sucessão de homens que também as havia pregado. Disse ele:

Por esta verdade, faço uma peregrinação ao passado, e enquanto vou, vejo mais claramente, pai após pai, confessor após confessor, mártir após mártir, levantando para dar as mãos comigo. [...] Tomando tais coisas como o padrão de minha fé, vejo a terra de povos antigos junto à de meus irmãos – contemplo multidões que confessam o mesmo que eu, e reconheço que esta é a religião da própria igreja de Deus.⁵⁰

Spurgeon enxergava a si como apenas mais um servo que havia lido com cuidado a Palavra de Deus, crido em seu ensino, e proclamado sua verdade.

Quando o cristianismo havia se afastado para longe dessas verdades fundamentais, Spurgeon não podia fazer nada senão ficar firme sobre a

Escritura, e assim, se postar ao lado dos grandes mestres da Bíblia do passado. Ele afirmou:

As antigas verdades pregadas por Calvino, por Agostinho, e por Paulo, são as verdades que hoje tenho de pregar; senão, serei falso para com minha consciência e meu Deus. Não posso dar forma à verdade. Não conheço o que seja burilar ou desbastar as toscas arestas de uma doutrina. O evangelho de João Knox é o meu evangelho. Aquilo que ribombou pela Escócia tem de trovejar novamente por toda a Inglaterra.⁵¹

Por meio de Spurgeon, o evangelho da graça soberana de Deus realmente reverberou pelos salões da cristandade. É nisto que está o poder do seu foco evangélico.

Como nos dias de Spurgeon, um calvinismo saudável é a grande necessidade da presente hora. Que proclamemos que a salvação é inteiramente do Senhor, tudo pela graça, começando e terminando com Deus. Que sejamos, como Spurgeon, ousados em nosso próprio ministério evangélico.

Fervor Evangelístico

Quase todo sermão continha, especialmente perto do final, um rogo dessa natureza – advertindo, implorando, pedindo, insistindo que o pecador viesse a Cristo. [...] Ele não pedia que as pessoas fossem à frente do auditório, levantassem a mão, assinassem um cartão, ou fizessem qualquer outra ação externa. Mas durante todo sermão, e especialmente quando estava chegando ao final, implorava que seus ouvintes não salvos cressem em Cristo, e esperava que eles o fizessem ali e naquela hora.¹

– Arnold Dallimore

Durante todo seu ministério profícuo, Charles Spurgeon procurou manter o equilíbrio que as Escrituras dão entre a soberania de Deus e a responsabilidade humana. Talvez nenhum outro pregador tenha mantido essas duas verdades mais cuidadosamente equilibradas. Tendo compromisso com todo o conselho de Deus, Spurgeon abraçava essas duas verdades com igual lealdade. Assumia tenazmente a soberania de Deus na salvação dos seus eleitos, mas estava igualmente convicto do mandado de oferecer o evangelho a toda pessoa. Enfatizar uma dessas verdades em detrimento da outra, ele cria, resultaria em um ministério desequilibrado.

Certa vez, perguntaram a Spurgeon como ele reconciliava a aparente contradição entre as duas verdades. Ele respondeu: “Jamais tive de reconciliar amigos. A soberania divina e a responsabilidade humana nunca brigaram. Não preciso reconciliar aquilo que Deus juntou”.² Confessou:

“Onde essas duas verdades se encontram, eu não sei, nem quero saber. Não me confundem, pois entreguei minha mente para crer em ambas”.³ Spurgeon assumia a soberania divina e a responsabilidade humana como sendo ambas ensinadas nas páginas da Escritura.

Mantendo esse equilíbrio, Spurgeon evitava um grave perigo ao evangelismo chamado de hiper-calvinismo. O hiper-calvinismo se atém com firmeza às doutrinas da graça, mas negligencia qualquer apelo urgente aos pecadores perdidos de se converterem. Iain Murray explica:

Para o hiper-calvinista, a pregação do evangelho significa a declaração dos fatos do evangelho sem fazer nada para persuadir os indivíduos a crer que as promessas de Cristo foram feitas para eles em especial, a não ser que haja evidência de que o Espírito de Deus tenha iniciado uma obra de salvação em seus corações, convencendo-os e tornando-os “sensíveis” à sua necessidade.⁴

Assim, o hiper-calvinismo rejeita o convite universal para que os pecadores creiam, defendendo que o evangelho só deve ser proclamado aos eleitos. Somente os que sentem o peso completo de seu pecado, supõem os hiper-calvinistas, deverão ser estimulados a buscar alívio no Senhor.

Spurgeon rejeitava firmemente tal erro, declarando ser o evangelho as boas novas para todas as pessoas. Embora cresse na eleição divina, instava que se pregasse Cristo a todos: “Cremos na predestinação; cremos na eleição e não eleição: não obstante, cremos ser imprescindível que preguemos a todos os homens: ‘Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo’ e se não creres, estás condenado”.⁵ Estava persuadido que é o dever de todo pregador proclamar o dom gratuito da salvação a todos os homens.

Sendo assim, a evangelização estava no coração de tudo que Spurgeon fazia. Disse ele: “Ganhar almas é a principal tarefa do ministro cristão; na verdade, deveria ser a ocupação principal de todo verdadeiro crente”.⁶ Spurgeon se gloriava na busca de conversões em seu ministério: “Deus nos

enviou a pregar para que, mediante o evangelho de Jesus Cristo, os filhos dos homens possam se reconciliar com ele. [...] Sendo a glória de Cristo o nosso objetivo principal, buscamos fazê-lo procurando... a salvação de pecadores”.⁷ De tal maneira Spurgeon era focado nesta tarefa que afirmou: “Prefiro ser o meio de salvar da morte uma alma do que ser o maior orador na face da terra”.⁸ Conforme escreveu Geoff Thomas: “Manter consistência na tensão da soberania divina e na responsabilidade humana significava que de todo coração e sem a mínima restrição, Spurgeon exortava as pessoas não convertidas a se arrependerem e crer, e vir a Cristo como Filho de Deus, recebendo-o imediatamente como Senhor e Salvador”.⁹ Spurgeon era primeira e principalmente, um evangelista.

De que modo Spurgeon procurava alcançar pecadores com a pregação de Cristo? Fez ele mais do que apenas apresentar o evangelho? Como ele instava para que o perdido fosse salvo? Este capítulo mostrará como Spurgeon chamava pecadores a crer em Cristo.

OUSADAS PROCLAMAÇÕES

Primeiro, Spurgeon proclamava o evangelho com ousadas proclamações. Nunca murmurava a mensagem da salvação, mas a declarava com força. Disse ele: “Sempre sinto que não cumpri meu dever como pregador do evangelho se eu descer do púlpito sem ter colocado claramente diante dos pecadores o caminho da salvação”.¹⁰ Não importava qual era seu texto, ele sentia que o sermão tinha de conter uma proclamação do evangelho.

Spurgeon cria que era requerido dele que se pregasse toda a verdade:

Os homens podem pregar uma parte do evangelho, podem até pregar apenas uma única doutrina proveniente dela, e eu não diria que um homem não tenha pregado o evangelho se apenas tivesse mantido a doutrina da justificação pela fé – “Pela graça sois salvos por meio da fé” – eu o colocaria como ministro de evangelho, mas não como quem pregue o evangelho todo. Nenhum homem pode dizer pregar o evangelho todo se deixar de fora com conhecimento e intenção, uma única verdade de nosso bendito Deus.¹¹

Spurgeon cria que a pregação do evangelho requer o anúncio de todas as verdades da Bíblia – tanto da lei quanto da graça, arrependimento e fé, o senhorio de Cristo e sua obra salvadora, negar a si mesmo e o perdão dos pecados, até mesmo céu e inferno.

Percebendo que muitos pregadores de seus dias procuravam tornar o evangelho mais palatável às pessoas não convertidas, Spurgeon advertiu contra o amolecimento de suas verdades:

Evitai um evangelho açucarado, assim como evitaríeis um açúcar amaciado pelo chumbo. Procurai o evangelho que rasga e rompe e corta e fere, entalha e até mesmo mata, pois é esse o evangelho que também vivifica. Quando o

tiverdes encontrado, prestai boa atenção nele. Permiti que penetre vosso mais íntimo ser. Como a chuva penetra o chão, orai ao Senhor para que o seu evangelho encharque vossa alma”.¹²

Ele sabia que o Evangelho é o poder de Deus para a salvação, e portanto, não precisa da ajuda dos pregadores para realizar sua obra. Declarou: “Pregai o evangelho, as portas do inferno tremem. Pregai o evangelho, os pródigos retornam a casa. Pregai o evangelho a toda criatura – é o mandado do Mestre e o poder do Mestre para todo aquele que nele crê”.¹³ Spurgeon cria que o evangelho deveria ser pregado implacavelmente, com ousadia e clareza.

Spurgeon agia com base nessa crença. Ele acreditava que um calvinista de fala suave seria uma contradição. Um pregador tímido, reservado, é um oximoro. Uma pessoa assim de comportamento indulgente trai as suas próprias convicções. Spurgeon insistia que o caminho da salvação por meio de Jesus Cristo devia ser proclamado com ousadia a todos os homens, e isso requer uma apresentação forte da verdade do evangelho de modo direto.

CONVITES ABERTOS

Em segundo lugar, Spurgeon fazia convites abertos a todos os descrentes, pedindo que cressem em Jesus. Reconhecia que os pregadores teriam de fazer mais do que apenas declarar os fatos do evangelho. Teriam de estender um convite aos que se encontram fora do reino do céu para que entrem nele.

Um exemplo deste convite está no sermão intitulado “Compeli-os a entrar”, extraído de Lucas 23, pregado em 5 de dezembro, de 1858, no Salão de Música dos Jardins Surrey. Spurgeon disse:

Nesta manhã o Rei dos Céus envia-vos um convite gracioso. Diz ele: “Tão certo como vivo, diz o Senhor, não tenho prazer na morte daquele que perece, mas que volte para mim e viva”. “Ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve; ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a lã”.¹⁴

Aqui, Spurgeon usou a própria palavra de Deus: Vinde – para convidar os pecadores perdidos a abraçar Cristo.

Em seu sermão “Vinde e bem-vindos”, baseado em Apocalipse 22.17, Spurgeon declarou: “O clamor da religião cristã é a palavra simples: vinde... ‘Vinde’ é o próprio lema do evangelho”.¹⁵ Em outro sermão, “Um convite sincero”, em Salmo 2.12, entregue em 3 de julho de 1859, Spurgeon empregou a mesma palavra com poder:

Pecadores, estais convidados a confiar em Cristo nesta manhã. Vinde – esta é vossa *única* esperança... é um convite aberto para a salvação. Toda alma no mundo que sente necessidade de um Salvador, e que anseia se salvar, poderá vir a Cristo... vinde, vinde para cá! Vinde agora – confiai em Cristo, e

descobrirás que são benditos todos aqueles que nele confiam. A porta da misericórdia não fica no meio-fio – permanece aberta, escancarada. Os portais do céu não estão apenas parados sobre a tranca; estão abertos, bem abertos, noite e dia. Vinde”.¹⁶

Resistindo o hiper-calvinismo de sua época, Spurgeon insistia tenazmente que o evangelho é sempre uma porta aberta, jamais fechada. Fica claro que ele não queria fazer o convite a não ser que seus ouvintes percebessem sua necessidade. Ele fazia o convite a todos. Não obstante o que os incrédulos acreditam ou deixam de crer, não importa onde estejam na vida, deverão ser insistentemente convidados a entrar no reino.

Spurgeon acreditava que muitos pastores de sua época eram tímidos demais em seus convites: “Como é amplo este convite! Existem alguns ministros que temem convidar os pecadores – então, por que eles são ministros?! Têm medo de realizar a parte mais importante do ofício sagrado... eu prego o calvinismo como elevado, firme e são, como de costume, mas sinto, e sempre senti, grande ansiedade por conduzir pecadores a Cristo”.¹⁷ Ele via essa “ansiedade” em favor dos pecadores como característica chave dos pregadores.

Spurgeon sentia também que muitos pregadores de seus dias enfatizaram as exigências da lei acima do convite ao evangelho. Ambos têm de ser proclamados, mas ele cria que os pregadores são essencialmente portadores das boas novas, não de más notícias: “A lei repele; o evangelho atrai. A lei mostra a distância entre Deus e o homem; o evangelho faz a ponte dessa distância, transportando o pecador através daquele grande abismo fixo que Moisés jamais pôde transportar”.¹⁸ Embora Spurgeon fosse grande admirador dos puritanos, ele notava que muitos deles enfatizavam tanto a lei a fim de trazer convencimento do pecado, que negligenciavam os convites ao evangelho. Por contraste, Spurgeon

ênfatizava continuamente que as portas do paraíso estão bem abertas.
Todo pecador é convidado a entrar.

TERNOS APELOS

Em terceiro lugar, Spurgeon apresentava o evangelho aos perdidos com apelos ternos e compassivos. Insistia que a mensagem salvadora de Cristo é boa nova, e deverá vir por meio da pregação em tons amorosos. Spurgeon estava cheio do amor pelas almas que estavam sem Cristo. Declarou:

Toda a minha alma tem agonizado pelos homens, cada nervo de meu corpo tem sido forçado, e eu poderia ter chorado a ponto de derramar meu ser através de meus olhos, levando toda minha estrutura numa inundação de lágrimas, se pudesse apenas ganhar almas. Em tais ocasiões, como pregamos! Como se tivéssemos diante de nós pessoalmente os homens, e os agarrássemos, implorando-lhes que venham a Cristo!”¹⁹

É necessário tal ternura, ele cria, para ganhar os corações.

É quase impossível encontrar qualquer sermão de Spurgeon que não tivesse algum apelo amável ao não convertido.

O afeto de Spurgeon para com os descrentes é indiscutivelmente refletido no sermão da primeira noite de domingo na Capela da New Park Street, em 18 de dezembro de 1853. Nessa mensagem: “A assembleia sem culpa”, de Apocalipse 14.5, o jovem Spurgeon descrevia como um ministro deveria ver as almas de homens e mulheres:

Como amo ver o homem que pode chorar pelos pecadores, cuja alma anseia pelos ímpios, como se pudesse, por qualquer e por todo meio, conduzi-los ao Senhor Jesus Cristo! Não posso entender um homem que se coloca de pé e faz um discurso frio e indiferente, como se não importasse pela alma de seus ouvintes. Acho que o verdadeiro ministro do evangelho terá um desejo real pelas almas parecido com Raquel, quando disse “Dá-me filhos ou eu morro!”

assim também ele clamará a Deus para que seus eleitos nasçam e voltem para casa. [...] Os pecadores podem afundar no golfo da perdição, mas tão poucas lágrimas são vertidas em favor deles! O mundo inteiro poderá ser varrido por uma torrente no precipício da aflição, contudo, quão poucos são os que clamam a Deus em seu favor! Quão poucos homens dizem: “Ah se minha cabeça fosse águas e meus olhos fonte de lágrimas, para que eu chorasse pelos mortos da filha de meu povo!” Não lamentamos a perda de almas, diante de Deus, conforme apraz aos cristãos.²⁰

Em outro sermão: “A Palavra de Cristo convosco”, pregado a partir de Mateus 11.28 no dia 12 de junho de 1881, Spurgeon conclamou, de modo cativante, os pecadores para a fé:

Cristo atrai a companhia dos tristes, e convida todos quantos estão desconfortáveis para se achegarem a ele. Que coração de amor ele certamente possui! [...] O Salvador tem coração tão grande que não proíbe os entristecidos de se aproximarem, todos eles: “Vinde um, vinde todos. Todos que estais tristes e sobrecarregados, podeis vir a mim nessa hora.” O amor do coração de meu mestre é tão grande, e a simpatia de sua natureza para com o homem é tão profunda, que se viessem todos quantos labutam ou se entristecem, ele não estaria exausto pela simpatia, mas ainda seria capaz de dar-lhes descanso nele. Contudo, é tão grande o coração de Jesus que ele vem fazer apenas bem aos homens, e começa fazendo bem àqueles que mais o querem.²¹

Em outro lugar, Spurgeon declarou: “É necessário que se tenha um verdadeiro desejo pelo bem das pessoas se quisermos ter influência sobre elas. Pois até os cães e gatos amam as pessoas que os amam”.²² Quando Spurgeon subia ao púlpito, nunca deixava de apelar com amor pelos pecadores perdidos, para que cressem em Cristo.

ARGUMENTOS SÃOS

Quarto, Spurgeon apresentava o evangelho com razões forçosas para que pecadores cressem em Cristo. Ele acreditava que deveria convencer o pecador a entregar sua vida a Cristo com o uso de argumentos racionais. Cria que tais argumentos eram necessários para remover toda desculpa dos incrédulos. Portanto, frequentemente, ele mostrava a irracionalidade da incredulidade.

No sermão que indiscutivelmente é apontado como mais evangelisticamente bem-sucedido, “Compeli-os a entrar”, Spurgeon começou seu apelo com as seguintes palavras:

Não sei quais os argumentos que eu devo usar com vocês. Apelo para seus próprios interesses. Oh, pobre amigo, não seria melhor reconciliar-se com o Deus do céu, do que ser seu inimigo? Que vantagem você tem ao opor-se a Deus? Você é mais feliz sendo seu inimigo? Responda, você que busca prazeres! Você encontrou deleites nesse cálice? Responda-me, homem cheio de autojustiça. Você encontrou descanso para a sola de seu pé em todas as suas obras? Ó você que vai estabelecendo sua própria justiça, eu o desafio a deixar a consciência falar. Descobriu ser ele um caminho feliz? Ah! meu amigo, “Por que gastas o dinheiro naquilo que não é pão, e teu labor no que não satisfaz? Atende diligentemente a mim, e come aquilo que é bom, e deleita-te em sua gordura.”²³

Em seguida, prevendo as objeções de seus ouvintes, Spurgeon mostrava a tolice, até mesmo a insanidade, de não vir a Cristo. A sua lógica é incontestável:

Diga-me, meu irmão, o que o impede de vir a Cristo. Ouço alguém dizer: “Ah, Senhor, é porque eu sinto-me demasiadamente culpado”. Isso não pode ser, meu amigo, não pode ser. “Mas senhor, eu sou o maior dos pecadores”. Amigo, você não o é. O maior dos pecadores morreu e foi para o céu há muitos anos. Seu nome era Saulo de Tarso, mais tarde denominado Paulo o apóstolo. Ele era o maior dos pecadores; sei que ele falava a verdade. Mas você ainda retruca: “Sou demasiadamente vil”. Não pode ser mais vil do que o *maior* dos pecadores. No máximo você seria o *segundo maior entre pecadores*. Ainda que fosse o maior entre os que hoje estão vivos, você ainda seria o segundo. Mas suponhamos que você seja o pior, não seria esta razão principal que deverá vir a Cristo? Quanto pior o homem, maior necessidade tem de ir ao hospital e procurar o médico. Quanto mais pobre, maior sua necessidade de aceitar a caridade de outro. Ora, Cristo não deseja quaisquer méritos que você tenha. Ele dá livremente. Quanto pior você for, mais bem-vindo você é.²⁴

Spurgeon procurava vencer também as objeções dos que diziam não poder vir a Cristo até que endireitassem suas vidas. Seu raciocínio era:

Permita-me fazer uma pergunta. Você acha que vai melhorar se afastando de Cristo? Se for assim, você conhece muito pouco do caminho da salvação. Não senhor! Quanto mais tempo ficar longe, pior será. Sua esperança ficará mais fraca, o seu desespero mais forte. O prego com que Satanás o prendeu se fixará mais, e você terá ainda menos esperança. Venha, eu imploro: lembre-se de que não existe vantagem nenhuma em demorar, mas com a demora, pode ser que tudo se perca.²⁵

Spurgeon mostrava que nenhum pecador poder se aperfeiçoar a fim de tornar-se aceitável para Deus.

Spurgeon previa outras objeções.

‘Mas’, clama outro, ‘sinto que não possa crer’. Não, meu amigo, e jamais crerás se olhares primeiro para tua própria crença. Lembra, não vim convidá-lo a fé,

mas o convido para Cristo. [...] Nossa primeira questão não tem a ver com fé, mas com Cristo. Vem, eu te peço, até o monte do Calvário, e vê a cruz. Contempla o Filho de Deus, aquele que fez céus e terra, morrendo por teus pecados. Olha para ele – não existe nele poder para salvar?²⁶

Ele instava com pecadores para que deixassem de olhar para si e olhassem para Cristo.

Spurgeon então tratava da objeção daqueles que insistiam que o momento não era oportuno:

Ouvi-te sussurrar que não era próprio o momento? O que devo dizer-te? Quando chegará a hora conveniente? Virá quando estiveres no inferno? Aquela será a hora conveniente? Virá quando estiveres em teu leito de morte, e o afogador estiver em tua garganta – será então o teu momento próprio? Ou quando o suor queimar sobre tua fronte, e então novamente, quando o suor gélido e viscoso estiver sobre ti – serão esses os teus momentos convenientes? Quando as dores estiverem torturantes, e estiverdes à beira do túmulo? Não senhor, a hora oportuna é agora, nesta manhã.²⁷

Ele procurava ajudar seus ouvintes a ver que não havia melhor hora para colocar em Cristo a fé.

Spurgeon sabia que muitos de seus ouvintes eram procrastinadores contumazes, sempre deixando para depois o compromisso com o evangelho. Ele levava a sério a injunção da Escritura: “eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação” (2Coríntios 6.2), e aconselhava-os a não esperar:

Lembra-te de que eu não tenho autoridade para te pedir que venhas a Cristo amanhã. O Mestre não deu nenhum convite para vir a ele na próxima terça-feira. O convite é: “*Hoje*, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração como foi na provocação, no dia da tentação no deserto”, pois o Espírito diz

*hoje. “Vinde agora, e arrazoemos” – por que deverias deixar para depois? Poderá ser o último aviso que recebes. Se deixares para depois, talvez não poderás estar outra vez chorando na capela. Talvez não ouças outro discurso sincero dirigido a ti. Pode ser que não tenhas outro rogo encarecido como o que faço agora. Poderás ir embora, e Deus poderá dizer: ele está entregue aos ídolos – deixe-o ir.*²⁸

Spurgeon também se dirigia aos que haviam recusado repetidos convites de se aproximar de Cristo e que agora estavam convencidos de não poder aceitá-lo.

Ouçó ainda outro clamor: “Oh! Sr. Spurgeon, não sabes quantas vezes já fui convidado e quantas vezes rejeitei o Senhor!” Não sei nem quero saber. Tudo que sei é que meu Mestre enviou-me para compelir-te a entrar. Então, vem agora. Podes ter rejeitado mil convites, não faz deste o milésimo primeiro.”²⁹

Spurgeon implorava em oração: “Ó Espírito do Deus Vivo, vem e derrete este coração que nunca se derreteu, compele-o a entrar! Não posso deixá-lo ir com desculpas tão fúteis”.³⁰ Ele se recusava a abandonar aqueles que repetidas vezes haviam rejeitado o evangelho.

Finalmente, Spurgeon se dirigia àqueles que estavam falsamente convencidos de serem convertidos:

Existem aqui alguns que são membros de igrejas cristãs, que professam ter religião, mas, a não ser que eu esteja em vós enganado – e estarei feliz se este for o caso – vossa profissão é mentirosa. Não viveis conforme dizeis crer. Vós a desonrais. Viveis na prática perpétua de ausentar-vos da casa de Deus, quando não em pecados maiores.³¹

Spurgeon procurava despertar do sono espiritual aqueles que dormem, visando remover quaisquer falsas esperanças que eles tivessem.

PERSUASÃO FORÇOSA

Quinto, Spurgeon transportava a proclamação do evangelho além do nível da razão para o nível da persuasão. Tendo apelado à mente de seus ouvintes, ele fez apelos forçosos aos seus corações, instando de modo até a constranger a crer. Estava convencido de que deveria exortar os descrentes a receber o evangelho sem demora.

Spurgeon declarou sinceramente: “Pregar o evangelho é, para nós, questão de vida e morte; lançamos nela toda nossa alma. Vivemos e nos alegramos se vós credes em Jesus e sois salvos; mas estamos quase prontos a morrer se vós rejeitardes o evangelho de Cristo”.³² Ele acrescentou ainda:

Não fui mandado apenas dizer-vos e continuar com meus próprios afazeres. Não – fui chamado a compelir-vos a entrar. [...] No mais íntimo de minh'alma estou falando a ti, meu pobre irmão, quando te rogo pelos merecimentos daquele que vive e esteve morto, e vive para sempre, que consideres a mensagem de meu Mestre, que ele pede que eu dirija a ti.³³

Spurgeon considerava ser o seu chamado insistir com seus ouvintes para crer em Cristo.

Cria ele que o grande perigo enfrentado pelos pecadores requeria que ele lutasse por sua atenção:

Eu estaria desprovido de humanidade se visse uma pessoa prestes a se envenenar e não corresse para destruir o copo; ou se visse alguém pronto a saltar da ponte de Londres e não o ajudasse a evitar tal malogro. Seria pior que um malévolo se agora, com todo amor, bondade e sinceridade, eu não insistisse contigo para agarrar-te à vida eterna. [...] Como no final terei de me apresentar diante do meu Juiz, sinto que não terei prova plena de meu

ministério se não insistir, com muitas lágrimas, que sejais salvos, que olhais para Jesus Cristo e recebais a sua gloriosa salvação. Mas isso não tem proveito? São todos os nossos rogos perdidos por vós – virais um ouvido surdo?³⁴

Spurgeon recusava ser repellido em suas apresentações do evangelho:

Vem agora, não serei diminuído por tuas recusas. Se minha exortação falhar, terei de fazer outra coisa. Meu irmão, eu te *imploro*, peço encarecidamente que pares e consideres. Não sabes o que estás rejeitando esta manhã? Estás rejeitando a Cristo, teu único Salvador. [...] não suporto que faças isto, pois lembro daquilo de que estás esquecido: vem o dia quando desejarás ter um Salvador. [...] Leitos de morte são coisas pedregosas, sem o Senhor Jesus Cristo. De qualquer modo, é terrível morrer.³⁵

Estava bastante claro que Spurgeon se importava pelas almas das pessoas a quem ele pregava.

Ele estava decidido a ser tão persistente na persuasão do evangelho quanto eram persistentes os pecadores em sua descrença. Disse ele:

Eu vos exorto por tudo que é sagrado e solene, tudo que é importante e eterno: por vossas vidas, fugi. [...] Estais ainda frios e indiferentes? O cego não permitirá que eu o conduza ao banquete? Meu irmão mutilado não porá sua mão em meu ombro, permitindo que eu o leve até o banquete? Não permitirá o pobre que eu ande ao seu lado com ele? Terei de usar palavras mais fortes? Terei de utilizar alguma outra compulsão para compeli-vos a entrar?³⁶

Ele buscava tocar os corações e agitar as emoções dos descrentes.

Spurgeon era incapaz de fazer uma apresentação estoica, uma declaração fria da verdade do evangelho. Estava plenamente consciente

que não estava fazendo palestras a alunos, mas pregava aos pecadores. Existe espaço para os dois tipos de comunicação, mas não no púlpito. A apresentação do evangelho, cria Spurgeon, exigia voz de persuasão com o calor de fogo.

ORDENS DE AUTORIDADES

Sexto, Spurgeon entregava o evangelho como ordem divina, que tinha de ser obedecida. O evangelho é imperativo, não apenas indicativo. Em sermão sobre 1João 3.23: “Ora, o seu mandamento é este: que creiamos em o nome de seu Filho, Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o mandamento que nos ordenou” – Spurgeon declarou: “A única autorização para o pecador crer em Jesus está no próprio evangelho, e na ordem que acompanha o evangelho: Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo”.³⁷ Assim, para Spurgeon, pregar o evangelho tornava necessário que ordenasse os pecadores a submeter sua vontade a Deus.

Em certa ocasião, Spurgeon perguntou: “Tu ainda o desprezas? Ainda o recusas? Então, devo mudar por um momento o meu tom. Não direi apenas a minha mensagem, convidando-te com sincero afeto e toda seriedade – vou além. Pecador, em nome de Deus, *eu te ordeno*, arrepende-te e crê”.³⁸ Spurgeon dava ordens semelhantes a pecadores muitas vezes. Noutro sermão, ele disse:

Este é o seu mandamento: ele não ordena que sintas alguma coisa, nem que sejas alguma coisa para te preparar para isto. [...] Não podes dizer: “não tenho o direito” – tens o direito perfeito de fazer aquilo que Deus requer que faças. Não podes me dizer que não estás apto: não existe falta de aptidão – a ordem te foi dada e é tua para ser obedecida, não disputada.³⁹

Spurgeon não apenas convidava os pecadores a vir a Cristo. Ele ordenava que viessem.

Uma das razões pelas quais Spurgeon pregava dessa forma é que entendia que o homem pecador, por sua natureza caída, sempre adia a

obediência a Deus. Tal descrença do evangelho é, na verdade, rebeldia contra Deus. Portanto, Spurgeon declarou:

Tu dizes: “Mas Senhor, não creio que essas coisas devam ser apressadas.” Apressadas? O que disse Davi? “Apressei-me e não demorei para guardar teus mandamentos”. Apressado? O que é o homem à beira da condenação e à borda do sepulcro? Não fales, senhor, sobre pressa quando é caso de vida ou morte – voemos velozes como o lampejo do relâmpago!⁴⁰

Para Spurgeon, a única resposta certa para o evangelho era a fé instantânea em Cristo.

Spurgeon até mesmo antevia o pedido do pecador de mais tempo para orar sobre a salvação, declarando que isso seria um passo de desobediência a Deus.

Dizeis, “sim... mas quero ir para casa orar a respeito”. Meu texto não diz que será a hora aceitável quando chegares em casa para orar; diz: “agora”, hoje. Já que eu o encontro *agora* no banco da igreja, *agora* é a hora aceitável. Se confiares em Cristo *agora*, serás aceito. Se no momento és capaz de lançar-te nos braços de Cristo, é agora a hora aceitável entre Deus e ti.⁴¹

Spurgeon insistia que os pecadores tinham de obedecer toda ordem de crer em Cristo.

SEVERAS ADMOESTAÇÕES

Sétimo, Spurgeon apresentava o evangelho com sérias e severas advertências aos pecadores perdidos. Se os apelos ternos, arrazoados sensatos, persuasões constrangedoras, e severas advertências não alcançassem o coração do incrédulo, ele acreditava que eram requeridas palavras mais fortes. Spurgeon dizia abertamente aos que persistiam na descrença que eles estavam em perigo de condenação eterna. Se não se arrependessem, ele avisava, com certeza pereceriam para sempre.

Muitas vezes Spurgeon enfatizava a natureza tênue da vida. Por exemplo, certa vez ele afirmou: “Tens certeza de que teu coração está bem? O sangue circula corretamente? Estás bem certo disso? Se estiveres, será por quanto tempo? Ah, talvez alguns aqui presentes não verão o próximo dia de natal. Pode ser que a ordem já tenha saído: “Põe tua casa em ordem, pois morrerás, e certamente não viverás”.⁴² Spurgeon era rápido em ressaltar que a ninguém é garantido o amanhã.

Também, ele procurava ajudar os ouvintes a imaginar como eles estariam morrendo ou mesmo como seria estar morto. Spurgeon advertiu: “Eu me imagino ao lado de teu leito, ouvindo teus gritos, sabendo que estás morrendo sem esperança. Não posso suportá-lo. Vejo-me de pé junto ao teu caixão, olhando teu rosto frio como barro, dizendo: ‘Este homem desprezou a Cristo, negligenciou a grande salvação’”.⁴³ Ele foi além, advertindo severamente que na morte alguns de seus ouvintes se encontrariam condenados ao inferno:

Há alguns aqui que, se fossem rotulados hoje pela manhã quanto a seu destino final, teriam de dirigir-se “ao inferno”. Sabes ser esse o teu caso. E quando chegarás ao final de tua jornada? Alguns que aqui se encontram ainda viverão mais cinquenta anos. Oro a Deus para que esta questão te assombre, e

que se nunca antes foste abençoado por ela, que agora seja a hora de responder: *Quando chegarás ao fim de tua jornada? Quando chegarás ao inferno?* Que nesta manhã, alguns de vós possam dizer de coração: “Estive indo nessa direção, mas, pela graça de Deus, eu paro agora, e não irei mais nem uma polegada para lá. Senhor, prepara-me para o céu. Dá que eu confie agora no Salvador, para que eu viva”.⁴⁴

Spurgeon também falava francamente com os descrentes que viria o dia quando não ouviriam mais tais avisos. Naquele dia seria tarde demais para responder o apelo gratuito do evangelho:

Tenho de acautelar-vos. Nem sempre tereis advertências tais como esta; vem o dia quando a voz de todo ministro será calada, pelo menos para vós, pois estareis frios na morte. Não será mais ameaçadora: será o cumprimento da ameaça. Não haverá mais promessas, nem proclamações de perdão e misericórdia; nada mais de sangue falando da paz, mas estareis na terra onde o sábado será engolido por noites eternas de miséria, e as pregações do evangelho serão proibidas porque não valeriam nada. Eu vos desafio, portanto, ouvi esta voz que ora se dirige à vossa consciência. Se não ouvirdes, Deus vos falará em sua ira, e vos dirá em forte desprazer: “Eu vos chamei e vós rejeitastes; estendi minha mão e vós a recusastes; portanto, zombarei de vossa calamidade; me rirei quando vier vosso temor”. Pecador, mais uma vez eu te advirto: Lembra que em breve tempo talvez terás de ouvir esses alarmes.⁴⁵

Spurgeon avisava que viria o tempo, antes do que esperavam os seus ouvintes. Na verdade, alguns que ouviram sua voz no passado recente já haviam perdido toda esperança de salvação:

Alguns de meus ouvintes que escutaram-me ano passado e nos anos que se passaram, hoje – digo *hoje e agora* – estão no inferno! *Agora*, onde nenhuma esperança poderá vir; *agora*, onde nenhum evangelho será pregado; *agora*,

quando eles lastimam amargamente o desperdício de seus sábados e oportunidades desprezadas; *agora*, quando a memória guarda um reinado terrível, lembrando-lhes de todos os seus pecados; *agora*, “onde o verme não morre e o fogo não se extingue”; onde roem em vão as suas línguas atormentadas pelo fogo; *agora*, “onde a ira de Deus é manifesta ao máximo na horrenda fogueira de Tofete”.⁴⁶

Ao enfatizar a condenação de outros, Spurgeon esperava despertar os corações de alguns para ouvir sua voz.

Naturalmente, essas severas advertências eram dadas com propósito amável. Spurgeon falava com compaixão, esperando que os pecadores incrédulos correriam para Cristo para a salvação. “Vinde, portanto, deixai que a ameaça tenha poder sobre vós. Não vos ameço para alarmar-vos sem causa; mas na esperança de que a ameaça de um irmão vos impila até o lugar onde Deus tem preparado o banquete do evangelho”.⁴⁷ No entanto, tal compaixão o levava a declarar o perigo que corria o pecador em termos bem claros: “Se não fores salvo, estarás sem desculpas. Vós, desde os cabelos brancos até os de tenra idade, se neste dia não assumirdes Cristo, vosso sangue estará sobre vossa própria cabeça”.⁴⁸ Pregando assim com tanta ousadia, Spurgeon viu a muitos salvos da ira vindoura.

PAIXÃO PELAS ALMAS PERDIDAS

Está claro que Spurgeon cria que o evangelho não deveria ser apresentado de maneira calma como apenas um conjunto de fatos. Pelo contrário, deve vir como ousada proclamação de convites abertos, ternos apelos, argumentos sãos, e forçosa persuasão. Tais apresentações deveriam incluir ordens autoritárias e severas advertências aos ainda obstinados corações e mentes. Spurgeon não se omitia nesta tarefa, mas se gloriava nela. Declarou ele: “Não invejo a coroa de Gabriel quando Deus me dá almas. Tenho pensado que prefiro estar aqui falando convosco e apontando para a cruz de meu Mestre do que estar lá em cima lançando minha coroa a seus pés, pois certamente não pode haver no céu maior alegria do que a de cumprir a vontade do Mestre ganhando almas para ele”.⁴⁹ Spurgeon tinha prazer na busca sincera da salvação de almas perdidas para o Salvador.

Um sermão que não ganhe almas, disse Spurgeon, é desperdício de energia do pregador:

Quando aquilo que vem de sua sementeira for infrutífero, o trabalho do semeador é desperdiçado; ele gastou seu esforço por nada. A pregação é a mais ociosa ocupação se a Palavra não for adaptada para entrar no coração, produzindo grandes resultados. Ó meus ouvintes! Se não vos converterdes, estarei perdendo tempo e esforço ao ficar em pé diante de vós!⁵⁰

Spurgeon sentia simplesmente que a pregação que não conduzisse a conversões não tinha nenhum sentido.

Não era simplesmente que Spurgeon desejava ver as pessoas vindo para a fé em Cristo. Ele *tinha* de ver os pecadores perdidos sendo salvos. Afirmou:

Meus irmãos, o fato é que *é necessário* uma obra de conversão aqui. Não podemos prosseguir como algumas igrejas que não têm convertidos. Não podemos, não queremos, não ousamos. Almas têm de se converter aqui, e se não puder trazer muitos ao novo nascimento em Cristo, que o Senhor permita que eu desça ao túmulo e não seja mais ouvido. Muito melhor que morramos do que vivamos, se não vermos almas salvas.⁵¹

Em outro lugar, Spurgeon disse enfaticamente:

Se os pecadores serão condenados, pelo menos que eles saltem para o inferno por cima de nossos corpos. Se eles quiserem perecer, que seja com os nossos braços segurando os seus joelhos, implorando que eles venham. Se tem de ser preenchido o inferno, pelo menos que o seja com o protesto de nossos esforços, e que nenhum vá até lá sem nossas orações e advertências por ele.⁵²

Para Spurgeon, nenhum esforço era excessivo quando se tratava de livrar uma alma da condenação.

Na Evangelização, a motivação suprema de Spurgeon era a graça soberana de Deus:

É por isso que pregamos! Se existem tantos peixes a ser pegos pela rede, irei e pegarei alguns! Porque são muitos os ordenados a serem pegos, eu espalho minhas redes com ávida expectativa. Nunca pude entender por que isso deveria suprimir nossos esforços e zelo. Parece-me que isso deveria ser o que nos motiva mais – que Deus tem um povo, e esse povo deva ser trazido para dentro.⁵³

Sabedor de que Deus tinha eleito alguns para a vida eterna, Spurgeon era confiante e apaixonado em seus apelos evangelísticos.

Spurgeon acreditava firmemente no ímpeto evangelístico. Via-o como principal propósito da pregação: “Se fui salvo por um evangelho simples, sou obrigado a pregar até a morte o mesmo evangelho simples, para que outros possam ser salvos por ele. Se eu deixar de pregar a salvação por meio da fé em Jesus, ponham-me em um asilo de lunáticos, pois com certeza minha mente terá desaparecido”.⁵⁴ Ele permaneceu fiel a esta missão por todo o seu ministério.

O Coração do Evangelho

Ele amava proclamar “a glória de Deus na face de Jesus Cristo”. Cristo – era este o tópico que absorvia tudo no ministério de Spurgeon, e este nome tornou o seu labor no púlpito em “um banho nas águas do Paraíso”.¹

– Iain H. Murray

Na segunda-feira, 25 de março de 1861, Charles Spurgeon, com apenas vinte e seis anos de idade, subiu pela primeira vez ao púlpito do recém construído Tabernáculo Metropolitano. Estava prestes a pregar o sermão inaugural naquela que, em sua época, era a maior casa de adoração protestante de todo o mundo. Para essa histórica ocasião, Spurgeon escolheu como assunto o grande tema de todo seu ministério. Mas esta mensagem seria mais que um sermão. Seria a declaração do que ele cria ser o próprio coração do evangelho.

Após subir ao púlpito, Spurgeon anunciou que o texto seria Atos 5.42: “E todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo.” (ARA) Perfeitamente adequada para a ocasião, essa passagem realçava a verdade central do ministério dos apóstolos assim como servia para definir a vida e o ministério de Spurgeon. “Em certo sentido, o texto que ele pregou primeiro quando o Tabernáculo Metropolitano foi inaugurado, em 1861, sempre foi seu texto,”² diz Iain Murray. Em termos simples, Spurgeon *sempre* esteve pregando o Cristo crucificado.

Estando a mensagem evangélica de Spurgeon repousando firmemente sobre a Palavra escrita, era certo que ele proclamasse as excelências do Verbo Vivo. O ponto central do primeiro sermão no Tabernáculo era a pessoa e obra de Jesus Cristo. Spurgeon disse:

Proponho que o assunto do ministério desta casa, enquanto a plataforma estiver de pé, e enquanto ela for frequentada por adoradores, seja a pessoa de Jesus Cristo. Nunca me envergonho de ser um calvinista convicto. [...] Não hesito em assumir o nome batista. [...] Mas se me perguntarem qual o meu credo, penso que devo responder: “É Jesus Cristo” [...] O corpo da divindade a que devo me ater para sempre, que Deus me ajude, é Cristo Jesus, a soma e substância do Evangelho, sendo, ele mesmo, toda a teologia, a encarnação de toda preciosa verdade, a incorporação pessoal e toda gloriosa do caminho, da verdade e da vida.³

Estas pungentes palavras definiam de maneira sucinta o entendimento que Spurgeon tinha do evangelho. Ele cria que o coração do evangelho é Cristo. Afirmou: “Quanto menos valor dermos a Cristo, menos se tem do evangelho em que crer... quanto mais desejamos pregar o evangelho, mais precisamos proclamar a Cristo”.⁴ Para Spurgeon, nenhum assunto cativa mais, nenhuma verdade satisfaz mais, nenhum nome poderoso é mais, do que o nome de Jesus. Ele declarou: “Prega Cristo – é este o ímã. Ele atrairá para si aqueles que são seus. [...] Se quisermos ver conversões, tem de haver... mais constante pregação de Cristo. Cristo tem de estar em todo sermão e estar em cima e embaixo de toda teologia que for pregada”.⁵ Em outro lugar disse: “Faz de Cristo o engaste do diamante de todo sermão”.⁶ Não importava qual o texto do pregador, Spurgeon acreditava, o assunto tinha de ser Cristo.

Sem Cristo, Spurgeon não tinha nada a pregar: “As vezes me pergunto se vós não cansais de me ouvir, porque só fico martelando sobre este único prego. Comigo, ano após ano, é ninguém senão Jesus! Nada senão Jesus!”.⁷

Ele era de tal maneira consumido por Cristo na sua pregação que certa vez comentou: “Sei de alguém que disse que eu estava sempre batendo a mesma tecla e por isso ele não viria mais me ouvir. Mas se eu pregasse um sermão sem Cristo, ele viria. Ah, então ele não virá enquanto esta língua tiver movimento”.⁸ Ele simplesmente recusava pregar se não pregasse a Cristo.

Spurgeon via o sermão sem Cristo como mensagem sem o evangelho, pois Cristo é o marco de toda verdadeira pregação evangélica. Ele declarou:

É terrível, horrível mesmo, um sermão que não fale de Cristo. É uma cisterna rota, nuvem sem chuva, árvore duas vezes morta, arrancada pelas raízes. Abominável coisa é dar pedras em lugar de pão aos homens, ou escorpiões em vez de ovos – mas é o que fazem aqueles que não pregam a Jesus. Sermão sem Cristo! É como falar de pão sem farinha. Como alimentar assim a alma?⁹

Declarou então com ênfase: “Os homens perecem por Cristo não estar ali”.¹⁰ Para Spurgeon, um sermão sem Cristo é vazio de qualquer poder salvador.

Consumido pela graça soberana e por fervor evangelístico, Spurgeon estava determinado a sempre pregar Cristo. De que modo ele proclamou a pessoa e obra de Cristo? Procuraremos resposta a esta e outras perguntas ao considerarmos o foco singular de Spurgeon – Cristo.

A PESSOA DE CRISTO

Primeiramente, Spurgeon declarava a gloriosa pessoa de Cristo. Ele cria que o evangelho começa com o anúncio da verdadeira identidade de Jesus – o Deus-homem. Spurgeon o apresentava como possuindo todos os atributos divinos, co-igual e co-eterno com Deus Pai. Spurgeon declarou que Cristo “É o Alfa, o primeiro e primordial, o primogênito de toda criatura, o Deus eterno”.¹¹ Mas jamais ignorou o fato de que Jesus também fosse homem. “Ele não é o homem divinizado. Não é a Divindade humanizada. É Deus. É homem. É tudo que é Deus, e tudo que é o homem conforme Deus o criou”.¹² Spurgeon afirmou que a proclamação do evangelho exige que se faça conhecida de Cristo sua absoluta divindade bem como sua humanidade sem pecado.

Quanto à divindade de Cristo, Spurgeon declarou com ousadia:

Não é possível que alguém que negue a divindade de Cristo seja cristão. Ele recusa deliberadamente o único caminho de fugir da ira vindoura. [...] Não posso entender, nem acreditar que tal homem entre pelos portais de pérola, se ele duvida ou desacredita da divindade de nosso bendito Senhor e Salvador Jesus Cristo, rejeitando a âncora básica de nossa mais santa fé.¹³

Em palavras simples, “Se Cristo não for Deus, nós não somos cristãos”.¹⁴ Disse ainda:

A fé que salva a alma é crer numa pessoa, depender inteiramente de Jesus para a vida eterna. [...] Temos de crer que ele é Filho de Deus. Temos de compreender com forte confiança o grande fato de que ele é Deus, pois nada, senão um Salvador Divino, poderá nos salvar da ira infinita de Deus. Quem rejeita a verdadeira e própria divindade de Jesus de Nazaré não é salvo.¹⁵

Spurgeon entendia claramente que Jesus é inteiramente Deus e porque tal verdade é essencial para o entendimento de sua obra expiatória.

Quanto à humanidade de Jesus, Spurgeon declarava que o Filho Eterno de Deus tornou-se homem, contudo sem pecar. Cristo viveu sua vida na terra em perfeita obediência à lei de Deus:

Durante toda sua vida ele jamais cometeu ofensa contra a grande lei da verdade e da justiça. A lei estava em seu coração; era sua natureza ser santo. Podia dizer para o mundo todo: “Quem me convence do pecado?” Até mesmo seu juiz vacilante perguntou: “Que mal fez este homem?” [...] Era o Cordeiro de Deus sem mácula, sem defeito algum. Assim como ele não cometeu pecado algum, também não havia quanto a nosso Senhor nenhum pecado de omissão. [...] O Senhor não conhecia pecado de pensamento. Sua mente jamais produziu desejo ou querência do mal. Nunca houve no coração de nosso bendito Senhor desejo de algum prazer errado, nem desejo de fugir de sofrimento ou vergonha envolvido em seu serviço.¹⁶

Afirmando ainda a santidade do Senhor, Spurgeon declarou:

Jamais veio daqueles olhos benditos algum olhar maldoso; nunca seus lábios deixaram cair palavra impensada; nunca seus pés foram para uma tarefa errada, nem suas mãos para feito do mal; pois seu coração estava cheio de santidade e amor. Por dentro como também por fora, o nosso Senhor não tinha nenhuma mácula. Seus desejos eram tão perfeitos quanto os seus atos.¹⁷

Com tais palavras, Spurgeon declarava poderosamente que não havia em Cristo nenhuma imperfeição moral.

Juntando a divindade e a humanidade de Jesus, Spurgeon asseverou:

Temos de aceitar este Filho de Deus como *Jesus*, o Salvador. Temos de crer que Jesus Cristo, Filho de Deus, por amor infinito aos homens, tornou-se homem, para salvar seu povo de seus pecados. [...] Temos de olhar para Jesus como *Cristo*, o ungido do Pai, enviado ao mundo na tarefa da salvação, não que os pecadores pudessem salvar a si mesmos, mas que ele, sendo poderoso para salvar, pudesse trazer muitos filhos para a glória.¹⁸

O evangelho começa e termina, dizia Spurgeon, com a eterna divindade de Cristo unida a sua humanidade sem pecado.

A MORTE DE CRISTO

Segundo, Spurgeon proclamava firmemente a morte salvadora de Cristo. Colocando o dedo sobre o nervo vital da mensagem do evangelho, ele afirmava: “O coração do evangelho é a redenção, e a essência da redenção é o sacrifício substitutivo de Cristo”.¹⁹ Ou seja, Jesus Cristo morreu morte vicária no lugar dos pecadores, o justo pelos injustos. Spurgeon acreditavam que toda doutrina deveria se alinhar com esta verdade.

“Em sua morte, Jesus carregou o pecado sobre a cruz”. Spurgeon declarou: “Jesus se tornou iniquidade de seu povo. Ainda que ele mesmo permanecesse inocente, não possuindo pecado pessoal, sendo incapaz de pecar, ele tomou sobre si os pecados dos outros”.²⁰ Acrescentou ainda:

Cristo tomou sobre si, realmente, literalmente e verdadeiramente, os pecados que pertenciam a todos quantos creem nele, e esses pecados realmente se tornaram seus pecados – não que ele os tivesse cometido, nem tivesse alguma parte neles, mas porque consentiu que lhe fossem imputados, pelo que ele veio ao mundo, e ali estavam os pecados de todo seu povo sobre os seus ombros.²¹

Para Spurgeon, a transferência de nossos pecados para Cristo é a glória do evangelho.

Além do mais, Spurgeon proclamava que a morte de Cristo cumpriu aquilo de que os sacrifícios do Antigo Testamento eram sombra:

Jesus é o maior de todos os sacrifícios; o primeiro de todas as ofertas pelas quais é feita a Deus a expiação de nossos pecados. [...] Todos os outros sacrifícios ordenados por Deus eram figuras, representações, símbolos e

sombras dele mesmo. Existe apenas um sacrifício pelo pecado, nunca houve nem poderá haver outro.²²

Afirmando ainda que o sistema de sacrifícios do Antigo Testamento apontava adiante para a morte de Cristo, ele disse:

Jesus é o Cordeiro de Deus da manhã, morto desde antes da fundação do mundo, bem como o Cordeiro do fim da tarde, oferecido nestes últimos dias por seu povo. [...] A expiação pelo pecado é encontrada plenamente no Filho de Deus. Somente nele há remissão dos pecados, pois só no seu sangue existe eficácia para satisfazer plenamente a lei.²³

No evangelho, cria Spurgeon, o centro de gravidade está na morte substitutiva de Cristo.

Por meio desta obra, argumentou Spurgeon, o Filho de Deus fez perfeita expiação pelo pecado:

Não há mais nada para Deus fazer. “Está consumado”. Não há nada que possas fazer. “Está consumado”. Cristo não precisa mais sangrar. “Está consumado”. Tu não precisas mais chorar. “Está consumado”. Deus o Espírito Santo não precisa mais demorar devido à tua falta de dignidade – nem tu precisas demorar por tua incapacidade – “está consumado”.²⁴

Esta morte triunfal era a principal doutrina da teologia de Spurgeon: “Todos os outros tópicos da Sagrada Escritura são importantes, e nenhum deve ser negligenciado, mas a morte do Filho de Deus é o sol central de todos esses luminares menores. É o grande Alfa e Omega. Não é apenas eminente – é preeminente conosco”.²⁵ A verdade culminante da Escritura, afirmava ele, é a morte de Cristo pelos pecados de seu povo:

A grande doutrina, a maior de todas elas, é esta: Deus, tendo visto os homens perdidos em razão dos seus pecados, tomou aquele pecado que eles tinham e o colocou sobre seu Filho unigênito, fazendo-o ser pecado por nós, ainda que ele não conhecesse pecado algum. Em consequência dessa transferência de pecado, aquele que crê em Cristo Jesus é tornado justo e reto.²⁶

Spurgeon se deleitava na proclamação da morte de Cristo.

Para Spurgeon, proclamar a expiação de Cristo é a principal tarefa da igreja.

Nossa única tarefa aqui embaixo é proclamar: “Eis o Cordeiro!” Algum de vós foi enviado por Deus com outra mensagem? Não pode ser. A única mensagem que Deus deu para seu povo proclamar é a salvação por meio do Cordeiro – salvação pelo sangue de Jesus. [...] Nossa ocupação é falar de Jesus. Não temos nada a dizer que não esteja implícito na revelação que Deus nos deu em Jesus Cristo.²⁷

Spurgeon praticava aquilo que pregava – a morte de Cristo era a verdade central de seu ministério de púlpito.

Neste dever sagrado, Spurgeon via a si mesmo como soldado leal cuidando de seu encargo:

“Há alguns anos, recebi ordens de meu Mestre de ficar a postos ao pé da cruz até que ele volte. Ele ainda não voltou; pretendo permanecer ali até que venha”.²⁸ Utilizando figura semelhante, noutro lugar Spurgeon declarou:

Como a sentinela romana em Pompeia permaneceu em seu lugar até mesmo quando a cidade foi destruída, eu me firmo na verdade da expiação, ainda que a igreja esteja sendo enterrada sob esfervecientes chuvas de lama das heresias modernas. Tudo mais pode esperar, mas esta única verdade de Deus tem de ser proclamada com voz de trovão.²⁹

Spurgeon via claramente como sua principal incumbência mostrar aos pecadores a morte expiatória de Cristo.

A RESSURREIÇÃO DE CRISTO

Terceiro, Spurgeon afirmava a ressurreição corporal de Jesus Cristo. A cruz de Cristo, cria ele, não tem poder a não ser pelo túmulo vazio. O triunfo do Salvador sobre a morte é o fundamento sobre o qual repousa a cruz salvadora. Ele afirmava ser “a ressurreição de Cristo a pedra fundamental da doutrina cristã”,³⁰ e “Pedra angular do arco do cristianismo”.³¹ Sem ela, “todo a construção do evangelho cairia ao chão”.³² Para Spurgeon, a ressurreição de Cristo era essencial para a proclamação do evangelho. Não existe evangelho sem o Cristo ressurreto.

A ressurreição é doutrina essencial, afirmava Spurgeon, por causa do que nos diz sobre Cristo:

A divindade de Cristo tem sua prova mais certa na ressurreição. A soberania de Cristo também está jungida à ressurreição de Cristo. Nossa própria regeneração depende de sua ressurreição. E com toda certeza, nossa ressurreição final repousa nisto. O fio prateado da ressurreição perpassa todas as bênçãos, desde a regeneração até nossa glória eterna, e liga todas.³³

Sem dúvida, Spurgeon cria ser a ressurreição o elemento chave do evangelho.

Spurgeon via o significado teológico da ressurreição de Cristo como sendo ligada inseparavelmente à cruz. A ressurreição de Cristo vindicava a crucificação. Disse Spurgeon:

Ele morreu pelos nossos pecados e... ressuscitou para nossa justificação, ou seja, para nosso pleno acerto de contas. Como a cruz pagou nossa dívida, a ressurreição tomou a carta de fiança e a rasgou em pedaços. Agora nada consta, nos documentos da eternidade, contra qualquer alma que crê no

Senhor Jesus Cristo. A sua ressurreição da morte nos livrou de toda e qualquer acusação. “Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós”. Essa ressurreição nos limpou de todos os pecados que seriam atribuídos a nós.³⁴

Spurgeon se alegrava em apresentar a ressurreição como garantia de que a expiação de Cristo foi aceita pelo Pai como pleno e perfeito pagamento pelos pecados de seu povo. Mostrava de maneira vívida a figura da ressurreição como o triunfo glorioso de Cristo sobre o poder da morte e das forças do inferno:

Ali ele jazia, dormindo o grande sono da morte em nosso lugar. Quando acordou, desamarrou o pano e a mortalha, colocando a mortalha em um lugar e dobrando os panos de sepultamento, pois não tinha pressa. Os dobrou e colocou tudo no seu lugar, e quando tudo estava acabado, ele, no esplendor de sua vida ressurreta, foi até a porta aberta onde seu servo havia levantado o portal para o Senhor, e saiu de lá na majestade do corpo ressurreto. Ressuscitou da morte, e naquele momento Deus colocou o selo sobre a libertação de toda alma pela qual Cristo foi substituto.³⁵

Nos seus sermões, Spurgeon proclamava a mensagem do túmulo vazio. Declarou: “Cristo o Senhor, a quem vós e eu matamos por nossos pecados, ressurgiu da morte. Não está sobre a cruz; não está no túmulo”.³⁶ Declarou também: “Sendo que Cristo ressuscitou dos mortos, todos os pecados daqueles que nele confiam são apagados”.³⁷ Somente um Salvador vivo é poderoso para salvar. Um salvador morto não tem vida e não pode salvar. Durante todo o seu ministério, Spurgeon proclamou que Cristo é o Senhor ressurreto, poderoso para salvar.

A EXALTAÇÃO DE CRISTO

Quarto, Spurgeon declarou o soberano senhorio de Cristo. Depois de sua ressurreição, Jesus ascendeu ao céu, onde está assentado à destra de Deus Pai, na posição de honra e autoridade suprema. Spurgeon tinha prazer em proclamar esta verdade em sua pregação, pois o evangelho requer que pecadores chamem por este Cristo entronizado para salvá-los. Declarou ele: “Deus valoriza tanto seu Filho que não existe como colocá-lo alto demais. Ele o coloca à sua mão direita. [...] O grande Deus vê céu e terra como pouco para Cristo, e o magnifica grandemente acima de tudo, com Rei dos reis e Senhor dos senhores”.³⁸ Em outro local, afirma: “O lugar à destra de Deus, a que hoje ele é exaltado, é o lugar de poder. Ali está o Mediador, o Filho de Deus, o homem Cristo Jesus, enquanto seus inimigos estão sendo sujeitados sob ele. [...] Ele reina sobre todas as coisas mortais; rege os movimentos das estrelas; governa os exércitos do céu”.³⁹ Spurgeon fielmente conduzia seus ouvintes a chamar por este Senhor que reina.

Ele cria que o evangelho exige que o pecador se humilhe diante do Senhor Jesus Cristo. Sem essa submissão, não há salvação, Spurgeon acreditava: “Não acredito ser possível alguém realmente receber Cristo como Salvador sem que o receba como Senhor”.⁴⁰ Em outra ocasião, declarou: “Se Cristo for teu hoje, tens de permitir que ele tenha domínio sobre tua vida. ‘Ele tem de reinar’. Ele é Mestre e Senhor para aqueles que pedem a salvação de suas mãos. [...] Tem de ser assim, ou a salvação será impossível. Aqueles que servem o pecado não são salvos, nem o podem ser, a não ser que sirvam o Cristo de Deus”.⁴¹ Aqueles que desejam ser salvos, insistia Spurgeon, têm de dobrar o joelho e confessar que Jesus é Senhor.

Estendendo esse ponto, Spurgeon afirmou: “Tens de aceitar Jesus como teu líder e comandante. [...] tens de te entregar em amável obediência a ele, ou ele não estará casado com tua alma.[...] É necessária a obediência a

Jesus se tivermos fé nele”.⁴² Dito simplesmente, “Não tens Cristo como Salvador se ele não for também teu Senhor”.⁴³ Insistia que a fé verdadeira necessita plena submissão a Cristo.

Spurgeon insistia que no evangelho, não há espaço para crença fácil: “Não é preciso dizer à pessoa que realmente foi salva pela graça que ela está sob solene responsabilidade de servir a Cristo. A nova vida que nele está claramente diz isto. Em vez de ver como um fardo, ele se submete com alegria – corpo, alma e espírito – ao Senhor”.⁴⁴ As exigências do senhorio de Cristo são parcela não negociável da mensagem do evangelho.

Sendo assim, Spurgeon cria que o evangelho devia ser proclamado como decreto real de Cristo exaltado. Quando o evangelho é apresentado, os homens deverão ouvir a ordem de crer em Cristo ou sofrer destruição eterna. Declarou:

Ele é Senhor que pode salvar ou destruir. O Cristo que morreu sobre a cruz tem em suas mãos todas as coisas. Nesta manhã, ele pode enviar a salvação até os confins da terra, para que multidões creiam e vivam. Pois a ele Deus exaltou com sua mão direita para ser Príncipe e Salvador, que dá o arrependimento e o perdão dos pecados. Ou poderá virar a chave de modo contrário, fechando a porta contra esta geração rebelde, pois ele abre, e ninguém poderá fechar, e fecha, e ninguém poderá abrir”.⁴⁵

Spurgeon afirmava que os pecadores poderão ser salvos da justa ira de Deus, mas somente cedendo, em humilde submissão a Jesus Cristo. Embora a salvação seja oferecida livremente, ela requer uma entrega decisiva ao soberano Senhor.

CRISTO É O EVANGELHO

Cristo – crucificado, ressurreto, exaltado – era o foco de todo o ministério de Spurgeon. Ele declarou: “Esta é a soma: meus irmãos, pregai a Cristo, sempre e para sempre. Ele é todo o evangelho. Sua pessoa, seus ofícios, sua obra têm de ser nosso tema único e que a tudo compreende”.⁴⁶ Para Spurgeon, pregar o evangelho significava pregar a pessoa e obra de Cristo. Como ele disse: “Quanto mais queremos pregar do evangelho, mais de Cristo devemos proclamar”.⁴⁷

Um sermão saturado de Cristo, dizia Spurgeon, possui poder divino. “A pregação de Cristo é o chicote que flagela o diabo. A pregação de Cristo é trovejar e relampejar cujo som faz sacudir todo o inferno”.⁴⁸ Porém, o inferno apenas ri da pregação quando Cristo não for preeminente nela. “Um sermão que não conduza a Cristo, ou do qual Jesus Cristo não for centro do começo ao fim, é o tipo de sermão que fará com que os demônios deem risada, mas que poderá fazer os anjos de Deus chorar”.⁴⁹ Com certeza, a pregação do evangelho por Spurgeon fazia chorar os demônios e jubilar os anjos.

Em 1862, quando contava apenas vinte e oito anos, Spurgeon anunciou ousadamente:

Se eu tivesse apenas mais um sermão a pregar antes de morrer, seria a respeito de meu Senhor Jesus Cristo. Penso que, quando chegarmos ao final de nosso ministério, lastimaremos que não tenhamos pregado mais sobre ele. Tenho certeza de que nenhum pastor se arrependerá por ter pregado demais ao Senhor.⁵⁰

Jesus Cristo era verdadeiramente o tema central de seu último sermão. Em 7 de junho de 1891, Spurgeon pregou sua mensagem de despedida e,

como sempre fizera, exaltava o Senhor Jesus Cristo:

Servir a Jesus é céu.[...] Ele é o mais magnânimo dos capitães. Nunca houve igual entre os príncipes mais bem escolhidos. Sempre estive na parte mais difícil da batalha. Quando o vento sopra frio, ele sempre escolhe o lado mais duro da montanha. O peso maior da cruz sempre está sobre seus ombros. Se ele pede que carreguemos um fardo, ele o leva também. Se existe algo gracioso, generoso, bondoso e terno, sim, amor superabundante e em profusão, sempre o encontramos nele. Nestes mais de quarenta anos eu o tenho servido – bendito seja seu nome! Nada tenho recebido dele senão amor. Ficaria feliz em servir-lhe mais quarenta anos no mesmo precioso serviço aqui em baixo, se isso for do agrado dele. O seu serviço é amor, paz e alegria. Ah! Que tu entres nele imediatamente! Deus te ajude a alistar-te sob o estandarte de Jesus hoje mesmo. Amém!⁵¹

Esse grande pregador passou sua vida e seu ministério proclamando Cristo. Foi apropriado que ele encerasse seu ministério de pregação com esta nota triunfal. Até o final, o foco evangélico de Spurgeon permaneceu inalterado.

Testemunho de Poder pelo Espírito

A verdadeira explicação do ministério de Spurgeon se encontra, portanto, na pessoa e no poder do Espírito Santo.¹

– Iain H. Murray

N o Tabernáculo Metropolitano, duas escadarias curvas, uma de cada lado, conduziam da plataforma inferior para o púlpito elevado, onde Charles Spurgeon pregava. Quando o cântico congregacional terminava, o grande pregador começava a subir para o púlpito. Enquanto Spurgeon subia a escada, ele o fazia com os passos vagarosos de um homem de pesado porte. Muito mais pesado, porém, era a enorme responsabilidade que ele sentia. Sabendo que estava prestes a pregar para os milhares que ali se encontravam, bem como aos múltiplos milhares por meio da página impressa, pesava sobre ele a gravidade do momento.

Sendo assim, em cada um dos quinze degraus, Spurgeon declarava para si mesmo, silenciosamente, uma confissão de fé pessoal: “Eu *creio* no Espírito Santo. Eu *creio* no Espírito Santo. Eu *creio* no Espírito Santo”.² Podemos estar certos de que, depois dessas afirmativas, Spurgeon entrava no púlpito confiante no poder do Espírito Santo para capacitá-lo a pregar o evangelho. Dominado por esse dever monumental, Spurgeon pregava com aguçada consciência de sua desesperada necessidade do poder todo-suficiente do Espírito Santo.

Em palestra a seus alunos na Escola de Pastores, Spurgeon reiterou a necessidade que todo pregador tem de possuir tal consciência do poder do Espírito no ministério do evangelho:

“Creio no Espírito Santo.” Tendo pronunciado esta frase como credo, espero que possamos também repeti-la como solilóquio devoto forçado aos nossos lábios pela experiência pessoal. Para nós, a presença e obra do Espírito Santo são base para nossa confiança. Se não crêssemos no Espírito Santo teríamos de abandonar, há muito, o ministério, pois “Quem é suficiente para tais coisas?” Nossa esperança de sucesso, bem como a força para continuar o serviço, estão em nossa crença de que o Espírito do Senhor repousa sobre nós.³

Spurgeon cria que o evangelho só teria avanço à medida que o Espírito capacitasse a ele bem como outros pastores para proclamá-lo. Disse ele:

A não ser que o Espírito Santo abençoe a Palavra, nós que pregamos o evangelho somos os mais miseráveis dentre os homens, por tentarmos uma tarefa impossível. Entramos em uma esfera onde nada senão o sobrenatural adiantará. Se o Espírito Santo não renovar os corações de nossos ouvintes, nós não o podemos fazer. Se o Espírito Santo não os regenerar, nós não o faremos. Se ele não enviar a verdade para habitar nossas almas, nós estaremos falando como aos ouvidos de um cadáver.⁴

Declarou ainda: “Para nós, como ministros, o Espírito Santo é absolutamente essencial. Sem ele, nosso ofício é apenas um nome”.⁵ Novamente, Spurgeon confessou: “Se não tivermos o espírito que Jesus prometeu, não poderemos cumprir a comissão que Jesus ordenou”.⁶ Ele acreditava que nenhuma capacidade humana seria suficiente para difundir o evangelho com sucesso.

Consequentemente, Spurgeon via claramente o que os pregadores devem fazer:

Sendo a conversão uma obra divina, temos de tomar cuidado para depender exclusivamente do Espírito de Deus, olhando para ele para obtenção do poder sobre as mentes dos homens. [...] Não deveríamos nós orar de forma mais importuna pela unção sagrada? Não deveríamos, na pregação, dar maior alcance à sua operação? Não fracassamos em muitos de nossos esforços, justamente porque ignoramos na prática, quando não na doutrina, o Espírito Santo?⁷

Estava claro que para ele “Creio no Espírito Santo” era mais do que uma frase decorada. Era a confissão de sua necessidade mais profunda e sua plena confiança.

Este capítulo enfocará o entendimento de Spurgeon do papel do Espírito Santo no ministério do evangelho. Como o Espírito age na promoção do evangelho? Como o Espírito dirige as palavras do crente na apresentação do evangelho? Que efeito tem o Espírito sobre a pessoa que ouve o evangelho? Spurgeon tratava desses assuntos com frequência, ao afirmar o ministério de poder do Espírito Santo.

ESCLARECIMENTO SOBRENATURAL

Primeiro, Spurgeon cria que o Espírito Santo instrua sua mente, dando-lhe um entendimento claro do evangelho. Tal esclarecimento começava quando abria a Bíblia na doce solidão de seu escritório. Spurgeon comentou: “Em nosso trabalho de gabinete, no doce labor em que estamos sozinhos com o Livro diante de nós, é que temos necessidade do auxílio do Espírito Santo. [...] Ele toma as coisas de Cristo, e as mostra a nós. [...] Por sua luz, todas as coisas são vistas de maneira certa”.⁸ Ele entendia que é somente na medida em que o Espírito Santo dá esclarecimento divino que podemos compreender corretamente o evangelho.

Essa obra iluminadora, enfatizava Spurgeon, é um dos principais ministérios do Espírito, não somente para o pregador, como também para seus ouvintes: “É um dos ofícios especiais do Espírito Santo iluminar seu povo. Ele o faz dando-nos sua Palavra inspirada, mas o Livro jamais é entendido espiritualmente pela pessoa sem o ensino pessoal de seu grande Autor”.⁹ Spurgeon estava persuadido que o mesmo Espírito que inspirou infalivelmente as Escrituras deverá revelar interiormente suas verdades. Sem a luz divina do Espírito, a Bíblia permanece um livro fechado.

Contudo, Spurgeon cria que a obra iluminadora do Espírito não nega a responsabilidade de estudar a Bíblia diligentemente, nem tira a necessidade de ler as obras de grandes teólogos e mestres bíblicos. Em vez disso, o ministério do Espírito na verdade requer que se dê esforço máximo aos estudos. Disse ele: “Sou responsável para me entregar à leitura e não tentar o Espírito por efusões impensadas”.¹⁰ Deixar de estudar, ele cria, o tornaria superficial em lidar com a Escritura.

Spurgeon possuía mais que dez mil livros. De intelecto brilhante, leu a grande maioria desses volumes e jamais pregava sem consultá-los diligentemente. Por esta razão, muitos de seus sermões se leem como

verdadeiras teologias sistemáticas. No entanto, Spurgeon nunca se esquecia de que, enquanto estudava, dependia totalmente do Espírito Santo para conduzi-lo à verdade. Afirmou:

A seu modo os comentaristas são bons – mas dá-me o ensino do Espírito Santo. É ele quem torna clara a passagem. Quão frequentemente descobrimos nossa total incapacidade de compreender algum aspecto da verdade divina. Perguntamos ao povo de Deus, e eles nos ajudaram um pouco. Contudo, não nos satisfizemos até o levarmos ao trono de graça celeste e implorarmos o ensino do bendito Espírito. Então, foi-nos aberto, e pudemos comer dele espiritualmente. Não era mais casca e carapaça, dura de ser digerida. Era-nos pão, e pudemos comer e nos fartar.¹¹

Spurgeon estava convicto de que o Espírito Santo devia ser o principal professor do pregador, dando-lhe entendimento verdadeiro da Palavra de Deus. Ele cria que, se um pregador não fosse ensinado pelo Espírito, acabaria fracassando como porta-voz do evangelho.

SABEDORIA DIVINA

Segundo, Spurgeon insistia que o Espírito Santo tinha de dar sabedoria piedosa para dar uma apresentação equilibrada do evangelho. Somente com o auxílio do Espírito, afirmava Spurgeon, é que ele podia comunicar o evangelho com equilíbrio acertado e ênfase apropriada.

Observando o ensino superficial comum nos seus dias, Spurgeon disse: “Alguns que evidentemente compreenderam uma parte do evangelho deram proeminência indevida a uma parte dela, exibindo assim um cristianismo distorcido”.¹² Além disso, ele declarou: “Certas doutrinas importantes do evangelho poderão ser proclamadas em excesso de modo a lançar nas sombras o resto da verdade”.¹³ Noutras palavras, Spurgeon acreditava que alguns estavam falhando ao não proclamar toda a verdade, até mesmo deixando de enfatizar algumas doutrinas devido às aparentes contradições.

Isso era fato especialmente na questão das verdades com respeito à soberania de Deus e a responsabilidade humana. Por exemplo, o hiper-calvinismo enfatizava a soberania de Deus acima da oferta gratuita do evangelho, enquanto o arminianismo enfatizava o oferecimento gratuito do evangelho acima da soberania de Deus. Spurgeon afirmava: “A fidelidade requer que demos aos nossos ouvintes um evangelho quádruplo do qual nada foi omitido e no qual nada é exagerado”.¹⁴ Ele reconhecia sua necessidade de sabedoria divina ao apresentar as diversas facetas da mensagem do evangelho sem permitir que uma verdade distorcesse outra.

Todo mensageiro do evangelho, contendia Spurgeon, precisa da sabedoria dada por Deus a fim de selecionar o texto certo no tempo certo para o povo certo: “Necessitamos sabedoria na seleção de uma parte específica da verdade que seja mais bem aplicável ao tempo e ao povo reunido. Precisamos igual discrição no tom e modo em que essa doutrina

será apresentada”.¹⁵ Como um que não pregava versículo por versículo através dos livros da Bíblia, Spurgeon prestava especial atenção em sua necessidade de tal sabedoria. Dizia também: “Precisamos de sabedoria na maneira de dizer as coisas para diferentes grupos de pessoas”.¹⁶ Spurgeon reconhecia a necessidade de *insight* divino quanto ao que dizer e como dizê-lo.

Somente o Espírito, enfatizava Spurgeon, nos dá essa sabedoria prática. Ele declarou: “O Espírito Santo é chamado de *Espírito de sabedoria*, e precisamos grandemente dele nessa capacidade, pois o conhecimento pode ser perigoso quando desacompanhado de sabedoria, que é a arte de usar corretamente aquilo que sabemos”.¹⁷ Ainda enfatizou que “O Espírito de Deus te ensinará a usar o cutelo sacrificial que divide as ofertas; mostrará também como utilizar as balanças do santuário para pesar e misturar as preciosas especiarias na quantidade correta”.¹⁸ Acrescentou ainda: “A sabedoria é proveitosa para a direção, e quem a possui ressalta cada verdade na sua própria estação, vestida de suas vestes mais apropriadas. Quem poderá nos dar essa sabedoria senão o bendito Espírito?”¹⁹ Além disso, ele declarou: “Para sermos mordomos fiéis e entregar as porções certas de carne para a casa do Mestre, carecemos de teu ensino, ó Espírito do Senhor!”²⁰

Uma vista geral dos sermões de Spurgeon revela que ele mantinha equilíbrio correto na pregação do Antigo e do Novo Testamento, entre a soberania divina e a responsabilidade humana, a lei e a graça, e muitas outras áreas de teologia. A fim de dar plena mostra do evangelho, ele buscava sabedoria espiritual e o Espírito lhe concedia esse conhecimento em grande medida.

PAIXÃO ARDENTE

Terceiro, Spurgeon insistia que o Espírito tem de acender o fogo interior de uma paixão santa pela pregação do evangelho. Estava bem cômico de que é uma coisa conhecer o plano da salvação, e outra, sentir suas verdades de maneira profunda. Spurgeon estava firmemente convencido de que o Espírito faria que o evangelho ardesse dentro de seus ossos como fogo enquanto ele pregava, dando-lhe paixão por Deus, por sua verdade, e por aqueles a quem pregava.

O Espírito de Deus... pode fazer-te sentir teu assunto até que este o empolgue, e poderás ficar deprimido a ponto de sentir-se esmagado em terra, ou elevado como por asas de águia, sentindo-se, além do assunto, o objeto, até que almejas a conversão dos homens e edificação dos cristãos a algo mais nobre do que ainda conheciam. Ao mesmo tempo, existe contigo outro sentimento, ou seja, um desejo intenso que Deus seja glorificado por meio da verdade que estás entregando. Estás consciente do profundo sentimento junto às pessoas a quem falas, fazendo com que lamente por algumas por tão pouco saberem, e por outras saberem muito e ainda assim o terem rejeitado.²¹

Enquanto proclamava o evangelho, Spurgeon confiava no Espírito para mantê-lo em estado “devocional”: “È especialmente obra do Espírito Santo nos manter em estado ‘devocional’ enquanto estamos discursando. esta é uma condição muito almejada – de continuar em oração quando se está ocupado com a pregação”.²² Reconhecia que o Espírito tem de queimar a verdade no coração do mensageiro: “O que pode ser pior do que falar sob influência de um espírito orgulhoso ou irado? [...] Mas oh! queimar em

nosso coração secreto enquanto incendiámos diante dos olhos de outros! Isso é obra do Espírito de Deus”.²³ Disse ainda:

Em nossos púlpitos necessitamos que o espírito de dependência seja misturado ao de devoção, para que desde a primeira palavra até a última sílaba, estejamos olhando para aquele que é fonte para nossa força. É bom sentir que embora tenhamos continuado até o presente momento, se porventura o Espírito Santo nos deixasse, estaríamos bancando os tolos antes de terminar o sermão.²⁴

Se quisesse comunicar o evangelho com efetividade, Spurgeon reconhecia que seus afetos tinham de ser inflamados pela verdade sobrenaturalmente.

Sem essa chama sagrada, Spurgeon sabia que a proclamação do evangelho que ele fazia seria feita de modo mecânico, decorado, sem zelo. Essa entrega trairia a mensagem que ele pregava. Somente com o auxílio do Espírito ele poderia se colocar no púlpito “adorando o Deus majestoso e conscientemente presente, com todas suas faculdades despertadas e animadamente empolgadas em capacidade máxima, com todos os pensamentos e poderes da alma ocupados na contemplação da glória de Deus, exaltando o Amado de nossa alma ao se dirigir ao povo”.²⁵ Esta era a paixão que incendiava a alma pelo poder do Espírito.

Spurgeon acreditava que o espírito deveria acender o fogo em seu coração antes de ele poder difundir o evangelho aos seus ouvintes: “O Espírito Santo os moverá, mexendo primeiramente em teu coração. Se tu consegues descansar sem que eles sejam salvos, eles também descansarão. Mas se estiveres repleto de agonia por eles, se não suportas que eles estejam perdidos, logo descobrirás que eles também estão inquietos”.²⁶ Ou seja, fogo no púlpito logo se espalha em fogo na congregação. Spurgeon sabia que não podia pregar sem o fogo aceso pelo Espírito Santo.

ENTREGA CONSTRANGEDORA

Quarto, Spurgeon acreditava que o Espírito Santo torna a sua pregação constrangedora. Apesar de sua extrema capacidade natural, Spurgeon permanecia dependente do Espírito a fim de proclamar a verdade de modo efetivo. Sobre essa dependência, Spurgeon afirmou: “Precisamos do Espírito de Deus para abrir nossas bocas a fim de que mostremos os louvores do Senhor, ou não falaremos com poder”.²⁷ Ele entendia que o Espírito teria de guiá-lo em todas as coisas, desde a escolha das palavras até o tom da sua apresentação do evangelho. “Requeremos o Espírito Santo também para incitar nossa fala”.²⁸ Acrescentou: “Seria melhor dizer seis palavras no poder do Espírito Santo do que setenta anos de sermões sem o Espírito”.²⁹ Pelo poder do Espírito, as boas novas saíam de Spurgeon com autoridade de transformação de vidas.

No púlpito, Spurgeon cria que o Espírito Santo faz que o evangelho corte fundo nas almas de seus ouvintes:

Pregar o evangelho não é pregar certas verdades *sobre* o evangelho, pregar sobre as pessoas, mas pregar *às* pessoas. Pregar o evangelho não é falar sobre o que é o evangelho, mas falá-lo ao coração, não por teu próprio poder, mas pela influência do Santo Espírito – não ficar aí parado falando como se estivéssemos nos dirigindo ao anjo Gabriel, dizendo-lhe certas coisas, mas falando de homem para homem, derramando o coração no coração de nosso igual. Isto, eu considero, é pregar o evangelho, e não murmurar de algum manuscrito seco e obscuro [...] Pregar o evangelho é proclamar com língua de trombeta e inflamado zelo as insondáveis riquezas de Jesus Cristo, para que os homens ouçam, e entendam, voltando-se para Deus em pleno propósito de coração.³⁰

Com esta declaração, Spurgeon explicou que o Espírito fez dele como o soar de uma trombeta, arrebatando com o evangelho os corações da congregação. Declarou: “O pregador tem de saber que realmente possui o Espírito de Deus e quando ele fala existe uma influência sobre ele que o capacita a falar conforme Deus quer. Se não for assim, ele deverá sair imediatamente do púlpito – não tem o direito de estar ali. Não foi chamado para pregar a verdade de Deus”.³¹ Em palavras simples, Spurgeon estava convicto de que o Espírito tem de dirigir sua pregação até a alma de seus ouvintes.

Na apresentação da verdade, Spurgeon acreditava que nada – inclusive a ligação insalubre com suas anotações – deveria perturbar sua concentração. Consequentemente, levava consigo a púlpito apenas um esboço geral de sentenças:

Parece-me muito estranho quando um irmão ora pedindo ajuda do Espírito Santo na pregação e em seguida põe a mão atrás dele mesmo e tira do bolso um elaborado esboço, feito de forma a poder caber no meio da sua Bíblia, e ler a partir dele sem que isso seja suspeito... Como o Espírito pode ajudá-lo se ele lê a partir de um papel que qualquer pessoa poderá ler sem auxílio do Espírito?³²

Declarou ainda: “Se o Espírito Santo tiver alguma coisa a dizer que não está no papel, como o dirá por nosso intermédio? Ele me parece bloqueado efetivamente quanto à novidade de elocução por esse método de ministério”.³³ Spurgeon confiava que o Espírito Santo guiaria seus pensamentos na pregação, levando ao coração de maneira convincente as suas palavras.

Spurgeon defendia que o Senhor dava ao ministro liberdade de expressão na pregação: “Imergido no Espírito Santo, o pregador pensará corretamente, e falará com sabedoria. Sua palavra será de poder para

aqueles que ouvem”.³⁴ Contudo, não se pode presumir a atividade do Espírito. Havia horas, acreditava, em que o Espírito misteriosamente revogava seu poder. Em tais casos, Spurgeon se sentia restringido na apresentação do evangelho. Ele recordava uma terrível experiência enquanto pregava na Escócia: “O Espírito de Deus se agradou de me abandonar: não pude pregar como geralmente fazia. Fui obrigado a dizer ao povo que as rodas da carruagem tinham sido removidas, e que a carruagem se arrastava pesadamente”.³⁵ Refletindo sobre essa falta de poder, Spurgeon comentou: “Isso me humilhou profundamente. Se eu pudesse, teria me escondido em algum canto obscuro da terra. Sentia que nunca mais poderia falar no Nome do Senhor”.³⁶ No final esta experiência teve um propósito positivo, que fez com que Spurgeon confiasse mais ainda no poder do Espírito.

FOCO INTENSO

Quinto, Spurgeon cria que o Espírito Santo lhe dava poder incomum de foco na apresentação do evangelho. Afirmou: “Às vezes o Espírito divino age sobre nós de modo a nos levar completamente para fora de nós mesmos... Esquece-se de tudo, exceto o único assunto que tudo absorve... a mente se fecha para com quaisquer influências perturbadoras”.³⁷ Ele estava convencido de que o Espírito restringia os pensamentos supérfluos de entrar em sua mente, para que pudesse proclamar o que era primário.

Spurgeon cria também que o Espírito o impedia de declarar verdades periféricas. Disse:

Necessitamos a influência divina para impedir que digamos muitas coisas que, se realmente saíssem de nossas línguas, maculariam nossa mensagem... Precisamos do Espírito de Deus para colocar freios sobre nós, impedindo que digamos o que encheria a mente de nossos ouvintes para longe de Cristo e das realidades eternas, fazendo-os em vez disso, rastejar sobre as coisas terrenas.³⁸

Tal contenção divina o mantinha focado na centralidade do evangelho. Mesmo enquanto o Espírito restringia certos pensamentos, Spurgeon acreditava que ele trazia outros pensamentos à memória. Era tão forte a atividade do Espírito no pensamento de Spurgeon que dizia que conseguia reter até oito pensamentos separados enquanto proclamava a Palavra. Explicou:

Certa vez contei oito pensamentos separados, que ocorriam em meu cérebro simultaneamente, ou pelo menos no espaço do mesmo segundo. Eu pregava o evangelho com toda minha força, mas não podia deixar de sentir por uma

senhora que evidentemente estava prestes a desmaiar, e ao mesmo tempo, procurava por um irmão que abrisse a janela para nos dar mais ar. Pensava na ilustração que havia omitido debaixo do primeiro subtítulo, lançando a forma da segunda divisão, indagando mentalmente se A sentiu minha repreensão e orando para que B recebesse conforto da observação consoladora, ao mesmo tempo em que louvava a Deus pelo prazer pessoal que eu sentia pela verdade que estava proclamando.³⁹

Em suma, Spurgeon era consciente da necessidade do Espírito Santo dar-lhe foco intenso sobre o evangelho. O Espírito tem de intensificar seus poderes de concentração, ajudando-o a focar Cristo claramente, ao mesmo tempo que auxiliá-lo em vencer quaisquer distrações. Além do mais, Spurgeon dependia do Espírito para deter as mentes de seus ouvintes e levar cada um de seus pensamentos cativos a Cristo.

PROFUNDA CONVICÇÃO

Sexto, Spurgeon acreditava que era o Espírito que conduzia ao convencimento do pecado e a iluminação dos corações dos não convertidos. Sem essa obra interna, não podia haver resposta positiva ao evangelho. Escreve Iain Murray:

Spurgeon foi a Londres convicto de que Deus estivera escondendo sua face do seu povo. O seu conhecimento da Bíblia e da história eclesiástica o convenceram de que, comparado ao que a igreja tinha garantia de esperar, o Espírito de Deus havia se retirado em grande medida, e se Deus continuasse a esconder sua face, ele declarou ao povo, não havia nada a fazer para expandir seu Reino.⁴⁰

Spurgeon entendia que somente o Espírito Santo poderia vencer a resistência de corações pecadores, levando as pessoas a voltar para a mensagem salvadora do evangelho.

Buscando o poder do Espírito, Spurgeon comentou: “Ah! Se o Espírito de Deus viesse sobre as pessoas aqui reunidas nesta noite, e sobre todas as assembleias de santos, que efeito se produziria! Não buscamos animações extraordinárias, aqueles atendentes espúrios dos avivamentos genuínos, mas buscamos, sim, o derramamento do Espírito de Deus”.⁴¹ Com frequência, instava com a congregação para orar pelo poder do Espírito: “Tudo que queremos é o Espírito de Deus. Caros amigos cristãos, ide vós para casa e orai por isso; não descansais até que o Senhor se revele a vós”.⁴² Essa oração intercessória, cria ele, foi ouvida e atendida pelo Senhor em seu ministério.

Spurgeon reconhecia que somente o Espírito Santo faz o evangelho triunfar nos corações das pessoas: “Todo vosso afeto e todas as vossas

lágrimas e descrição sincera do amor de Jesus não terão efeito contra os corações humanos, a não ser que o Espírito Eterno conduza a vós os vossos apelos”.⁴³ Ele acreditava poder apresentar o evangelho aos ouvidos de seus ouvintes, mas que o Espírito teria de levá-lo do ouvido para o coração. O Espírito soberanamente faz que a semente do evangelho germine e tome raiz nas almas. Expressando tal dependência do Espírito, Spurgeon afirmou:

Não há pastor que esteja respirando, que possa por si mesmo ganhar o coração do homem. Poderá ganhar seus ouvidos e fazê-lo escutar, pode ganhar sua atenção, mas o coração é muito escorregadio... Somente o Espírito tem poder sobre o coração humano... Não podemos alcançar a alma – mas o Espírito pode.⁴⁴

Declarou ainda: “Todo o resultado celeste da pregação é devido ao Espírito Divino enviado de cima”.⁴⁵ Spurgeon sabia que no final, somente o Espírito Santo poderia dar sucesso ao seu ministério evangélico.

TRIUNFO DO EVANGELHO

Durante todo seu ministério, Spurgeon estava consciente do poder do Espírito. Quando mudaram para o Tabernáculo Metropolitano, ele insistia com seu rebanho a orar pelo poder do Espírito sobre o seu ministério: “Que Deus envie aqui o fogo de seu Espírito, e o ministro seja cada vez mais perdido em seu Mestre. Passareis a pensar menos no pregador e mais na verdade pregada”.⁴⁶ Deus respondeu essas orações, pois Cristo foi exaltado e inúmeros pecadores foram salvos sob o ministério de Spurgeon. Por ocasião da inauguração, Spurgeon também orou: “Que Deus envie o fogo e os maiores pecadores da vizinhança se convertam. Aqueles que vivem em covis de infâmia serão transformados; os bêbados abandonarão os seus copos; o blasfemador se arrependerá de sua blasfêmia; os libertinos abandonarão suas concupiscências”.⁴⁷ Com certeza ele testemunhou a vinda do poder do Espírito, pois não há outra explicação para o sucesso que aconteceu em seguida.

Spurgeon entendia que a conversão de pecadores é devida exclusivamente ao Espírito Santo. “Os milagres da graça deverão ser selos de nosso ministério – quem os pode conceder senão o Espírito de Deus? Converter uma alma sem o Espírito de Deus! Pois, tu não podes criar nem uma mosca, quanto mais criar um novo coração e um espírito reto”?⁴⁸ Em outro lugar, ele afirmou: “Esperas ressuscitar um morto sussurrando em seu ouvido? Como esperas salvar uma alma pregando a ela, a não ser pela agência do Espírito?”⁴⁹ Somente o Espírito ressuscita corações espiritualmente mortos para crer no evangelho.

Além do mais, Spurgeon acreditava que as igrejas prosperam e crescem mediante o poder do Espírito. Disse ele: “Onde o evangelho é pregado plenamente e com poder, com o Espírito Santo enviado do céu, nossas igrejas não somente permanecem firmes, como também ganham

convertidos”.⁵⁰ Estava convencido de que tais resultados seriam esperados: “A simples pregação de Jesus, sob a mão do Espírito Santo, não pode falhar em produzir os melhores efeitos”.⁵¹ Declarou ainda:

Ele torna o indisposto pecador tão disposto que se torna impetuoso para com o evangelho. O que era obstinado agora corre para a cruz. O que ria de Jesus agora depende de sua misericórdia. Aquele que não cria foi feito a crer pelo Espírito Santo, não apenas voluntariamente, mas também com avidez. Ele é feliz, está contente em fazê-lo, se alegra no som do nome de Jesus, e se deleita em correr conforme os mandamentos de Deus. O Espírito Santo tem poder sobre a vontade [do homem].⁵²

A fé de Spurgeon na soberania da graça de Deus lhe dava confiança em uma colheita de almas bem-sucedida.

Em suma, Spurgeon acreditava que todo seu ministério estava sujeito à soberania do Espírito Santo. Toda conversão era devida ao poder do Espírito, todo sucesso à sua graça: “O vento sopra onde quer, e à vezes até os ventos se calam. Assim, se eu descanso no Espírito, não posso esperar que sempre sentirei seu poder da mesma forma. O que poderia fazer sem a sua influência celestial? A isso tudo devo”.⁵³ Ele se regozijava em dar crédito ao Espírito pelos sucessos obtidos em seu ministério.

Durante quase quatro décadas, Spurgeon testemunhou essa obra triunfal do Espírito no coração dos homens, mas permaneceu consciente de que Oo Espírito tinha mais a fazer no ministério do evangelho: “O Espírito está soprando em nossas igrejas, com seu sopro genial, mas é como uma ventania suave na noite. Ah! Que viesse um impetuoso e poderoso vento que levasse tudo à sua frente! É a falta de nossos tempos, a grande carência de nosso país. Que isso venha como uma bênção do Altíssimo!”⁵⁴ Ainda que Deus lhe dera sucesso em todo o globo, ele almejava uma obra maior do Espírito na igreja e no mundo.

Como Spurgeon, nós também devemos depender do poder do Espírito Santo em nosso trabalho de evangelização. Que ele sobrenaturalmente ilumine nossos olhos e nos conceda a sabedoria do Alto. Que acenda nosso coração com paixão incendiária pelas almas perdidas, e nos dê poder para proclamar o evangelho com chamas de zelo. E que o Espírito nos dê um foco evangélico singular, como aquele que havia em Charles Spurgeon.

Queremos novamente pessoas como Spurgeon¹

N o começo deste livro, relatei meu primeiro encontro com Charles Spurgeon há mais de trinta anos. Como resultado da leitura de seus sermões, minha vida e meu ministério foram postos em curso do qual não me desviei mais. De Spurgeon, que defendemos como o pregador mais eminente na história da igreja, aprendi que as doutrinas da graça e a paixão evangelística se cruzam na pregação e no ministério. Como na convergência de dois poderosos rios, essas verdades gêmeas se tornam em poderosa força em alcançar pecadores perdidos com o evangelho de Jesus Cristo.

Ao refletir sobre essas duas verdades, insisto que considere seriamente a Spurgeon. Eis um homem, chamado “Príncipe dos Pregadores”, que mantinha uma visão altíssima de Deus e de sua Palavra. Devido a esse compromisso, ele abraçou a soberania de Deus na salvação do homem, o que garante o sucesso do empreendimento evangélico. Como Davi indo adiante para confrontar a Golias, Spurgeon se tornou poderoso campeão das verdades da graça soberana de Deus – depravação total do homem, eleição incondicional, expiação limitada, graça irresistível, e perseverança dos santos. Em Spurgeon, tais doutrinas distintas encontraram uma voz de trombeta como nenhuma outra.

Além disso, Spurgeon estava inflamado por uma paixão por implorar aos não-regenerados que olhem para Cristo. Levava a sério o mandado bíblico de proclamar o evangelho e compeli-los as ovelhas perdidas a entrar no aprisco. Não apenas pregava o evangelho, como também implorava aos não convertidos para serem salvos. Não era um calvinista enfadonho e elitista que falava como que de uma torre de marfim. Pelo contrário, era consumido pelo poder do alto que o energizava a ganhar almas com muita persuasão do Espírito Santo e apelos insistentes aos pecadores que cressem no evangelho.

Com certeza, Spurgeon não era o único a defender a soberania divina jungida ao evangelismo apaixonado. Mas, entre pastores que labutaram em um único púlpito, com certeza, ele se destaca como o mais visível pregador evangelista de qualquer geração. Por esta razão, sua voz trovejante merece nossa grande atenção.

Que o Senhor levante uma nova geração de pastores reformados que não percam de vista a necessidade de pregar o evangelho com urgência e paixão. Que o Senhor conceda aos pregadores da atual geração mente, coração e paixão como a de Charles Spurgeon – uma mente para a verdade, um coração para o mundo, e uma paixão pela glória de Cristo. Verdadeiramente, temos necessidade de novos Spurgeons.

CAPÍTULO I

- 1 - Hughes Oliphant Old, *The Reading and Preaching of the Scriptures in the Worship of the Christian Church*, Vol 6: The Modern Age (Grand Rapids: Eerdmans, 2007), 422.
- 2 - Horton Davies, "Expository Preaching: Charles Haddon Spurgeon," *Foundations*, 6 (1963), 15.
- 3 - Curt Daniel, *The History and Theology of Calvinism* (Dallas: Scholars Press, 1993), 126.
- 4 - Lewis A. Drummond, *Spurgeon: Prince of Preachers* (Grand Rapids: Kregel, 1992), 277.
- 5 - Ernest W. Bacon, *Spurgeon: Heir of the Puritans* (Arlington Heights, Ill.: Christian Liberty Press, 1996), 77.
- 6 - Spurgeon, citado em Drummond, *Spurgeon: Prince of Preachers*, 223.
- 7 - Old, *The Reading and Preaching of the Scriptures in the Worship of the Christian Church*, Vol 6, 443.
- 8 - Charles H. Spurgeon, *The Soul-Winner: How to Lead Sinners to the Savior* (Grand Rapids: Eerdmans, 1963), 222.
- 9 - Charles H. Spurgeon, Susannah Spurgeon, and W. J. Harrauld, *C H Spurgeon's Autobiography, Vol I: 1834-1854* (Londres: Passmore and Alabaster, 1899), 233.10. Ibid., 8.
- 10 - Ibid., 98.
- 11 - Ibid., 88.
- 12 - Ibid.
- 13 - Ibid.
- 14 - Mike Nicholls, *C H Spurgeon: The Pastor Evangelist* (Didcot, Oxfordshire: Baptist Historical Society, 1992), 5.
- 15 - Spurgeon, Spurgeon e Harrauld, *C H Spurgeon's Autobiography*, Vol I, 337-338.
- 16 - Patricia Stallings Kruppa, "The Life and Times of Charles H. Spurgeon," *Christian History*, Issue 29, Vol. X, No. 1, 11.
- 17 - Charles H. Spurgeon, Susannah Spurgeon, e W. J. Harrauld, *C H Spurgeon's Autobiography*, Vol II: 1854-1860 (Londres: Passmore and Alabaster, 1899), 43.
- 18 - A Faculdade de Pastores (Pastors' College) continua hoje como *Faculdade de Spurgeon* (Spurgeon's College).
- 19 - Bacon, *Spurgeon: Heir of the Puritans*, 74.
- 20 - Ibid., 73-74.
- 21 - G. Holden Pike, *The Life and Work of Charles Haddon Spurgeon* (1894; repr., Edimburgo: Banner of Truth, 1991), citado em Iain H. Murray, *The Forgotten Spurgeon* (Edimburgo: Banner of Truth,

1966), 15.

22 - Charles H. Spurgeon, *Revival Year Sermons: Preached at the Surrey Gardens Music Hall during 1859* (Edimburgo: Banner of Truth, 2002), 96.

23 - Citado em *The Banner of Truth Magazine*, Issues 1–16, “A Hundred Years Ago,” org. Iain H. Murray (Edimburgo: Banner of Truth, 2005), 428.

24 - Charles H. Spurgeon, *Autobiography*, Vol II (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1992), 328.

25 - S. M. Houghton, *Sketches from Church History* (Edinburgh: Banner of Truth, 1980, 2001), 228.

26 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1981), 45.

27 - Charles H. Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol VI (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1981), 83.

28 - Murray, *The Forgotten Spurgeon*, 16.

29 - Tim Curnow, Eroll Hulse, David Kingdom, Geoff Thomas, *A Marvellous Ministry* (Ligonier, Pa.: Soli Deo Gloria, 1993), ii.

30 - John Piper, *A Godward Life* (Sisters, OR.: Multnomah, 1997), 263.

31 - Volumes I–VI estão contidos sob o título: *The New Park Street Pulpit*. Volumes VII–LXIII estão sob o título: *The Metropolitan Tabernacle Pulpit* (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1855–1917).

CAPÍTULO 2

1 - Drummond, *Spurgeon: Prince of Preachers*, 624.

2 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XLIV (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1976), 402.

3 - Spurgeon, Spurgeon, e Harrauld, *C H Spurgeon's Autobiography*, Vol I, 162.

4 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol X (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1976), 535.

5 - Iain H. Murray, *Heroes* (Edimburgo: Banner of Truth, 2009), 282.

6 - John Piper, “Charles Spurgeon: Preaching through Adversity,” 1995 Conferência *Bethlehem* para 7 - Pastores, 3.

8 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXIV (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1972), 487.

9 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXVIII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, n.d.), 114.

10 - Charles H. Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol I (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1981), 110.

11 - Ibid.

12 - Ibid.

13 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XLV (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1977), 21.

14 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXIV (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1974), 152.

- 15 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXIX (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1973, 1985), 602.
- 16 - Charles. H. Spurgeon, *The Treasury of the Old Testament*, Vol II (Londres e Edimburgo: Marshall, Morgan & Scott, sem data) 387.
- 17 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol LV (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1979), 242.
- 18 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol I, 111–112.
- 19 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXVI (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1974), 9.
- 20 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXV (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1974), 257.
- 21 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXVI, 167.
- 22 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol I, 112.
- 23 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol X, 535–536.
- 24 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol I, 111.
- 25 - Ibid.
- 26 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXX (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1973), 680.
- 27 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol LI (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1978), 4.
- 28 - Spurgeon, *The Soul-Winner*, 58.
- 29 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol X, 547–548.
- 30 - Charles H. Spurgeon, *Lectures to My Students, Second Series* (1875; repr., Grand Rapids: Baker, 1977), 25.
- 31 - Charles H. Spurgeon, *Lectures to My Students, First Series* (1875; repr., Grand Rapids: Baker, 1977), 195.
- 32 - Charles H. Spurgeon, Susannah Spurgeon, e W. J. Harrauld, *C H Spurgeon's Autobiography*, Vol IV: 1878–1892 (Londres: Passmore and Alabaster, 1900), 268.
- 33 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XIX (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1981), 462.
- 34 - Charles H. Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol III (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1981), 255.
- 35 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XIX, 462.
- 36 - Charles H. Spurgeon, *An All-Round Ministry* (1900; repr., Edimburgo: Banner of Truth, 1960, 1978), 236.
- 37 - Old, *The Reading and Preaching of the Scriptures in the Worship of the Christian Church*, Vol 6, 424.
- 38 - Drummond, *Spurgeon: Prince of Preachers*, 27.
- 39 - Ibid.
- 40 - Old, *The Reading and Preaching of the Scriptures in the Worship of the Christian Church*, Vol 6, 424.
- 41 - Thomas J. Nettles, *The Baptists: Key People Involved in Forming a Baptist Identity*, Vol Three: The Modern Era (Ross-shire, Escócia: Christian Focus, 2007), 13.

- 42 - Spurgeon, Spurgeon, and Harrald, *C H Spurgeon's Autobiography*, Vol I, 207.
- 43 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXIII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1974), 646.
- 44 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol X, 552.
- 45 - Charles H. Spurgeon, "Preface," *The Sword and the Trowel*, Vol IX (1888; repr., Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 2011), iii.
- 46 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol LXIII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1980), 31.

CAPÍTULO 3

- 1 - James Montgomery Boice, *The Doctrines of Grace: Rediscovering the Evangelical Gospel* (Wheaton, Ill.: Crossway, 2002), 24.
- 2 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol I, 313.
- 3 - Spurgeon, Spurgeon, e Harrald, *C H Spurgeon's Autobiography*, Vol I, 172.
- 4 - Bacon, *Spurgeon: Heir of the Puritans*, 81
- 5 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol VII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1977), 398.
- 6 - Murray, *The Banner of Truth Magazine*, Issues 1–16, "A Hundred Years Ago," 429.
- 7 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol I, 397.
- 8 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXI (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1980), 365.
- 9 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XLIX (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1977), 278.
- 10 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXVIII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1973, 1985), 33.
- 11 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXV (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1980), 373.
- 12 - Charles H. Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol IV (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1981), 139.
- 13 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol IX (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1970, 1973, 1975, 1979), 187.
- 14 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XIII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1979), 195.
- 15 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXIX (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1975), 374, 375.
- 16 - Spurgeon, Spurgeon, e Harrald, *C H Spurgeon's Autobiography*, Vol I, 167.
- 17 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol I, 318.
- 18 - Ibid., 317.
- 19 - Ibid., 318–319.
- 20 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol IV, 340.

- 21 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol III, 432.
- 22 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol X, 84.
- 23 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol LVI (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1979), 631.
- 24 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXIV, 538.
- 25 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XLIX, 39.
- 26 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol IV, 130.
- 27 - Ibid., 316.
- 28 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol X, 309.
- 29 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XLVIII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1977), 303.
- 30 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol IV, 130.
- 31 - Ibid.
- 32 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol III, 272.
- 33 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol IV, 135.
- 34 - Ibid., 70.
- 35 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol III, 34.
- 36 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XLIII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1976), 339.
- 37 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol X, 309.
- 38 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1979), 32.
- 39 - Spurgeon, Spurgeon, and Harrald, *C H Spurgeon's Autobiography*, Vol I, 167.
- 40 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol I, 304–305.
- 41 - Ibid.
- 42 - Ibid., 201.
- 43 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XVIII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1971), 347–348.
- 44 - Ibid., 348.
- 45 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol LIV (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1978), 24.
- 46 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol III, 436.
- 47 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol VI, 12.
- 48 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol LI, 454.
- 49 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol LXIII, 57.
- 50 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol I, 313.
- 51 - Charles H. Spurgeon, citado por W. J. Seaton, *The Five Points of Calvinism* (Edimburgo: Banner of Truth, 2003), 24.

CAPÍTULO 4

- 1 - Arnold Dallimore, *Spurgeon* (Chicago: Moody, 1984), 80.
- 2 - Charles H. Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol. V (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1981), 120.
- 3 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XV (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1984), 458.
- 4 - Iain H. Murray, *Spurgeon v Hyper-Calvinism: The Battle for Gospel Preaching* (Edimburgo: Banner of Truth, 1995), 69.
- 5 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol I, 264.
- 6 - Spurgeon, *The Soul-Winner*, 15.
- 7 - Charles H. Spurgeon, *Lectures to My Students*, Vol II (1875; repr., Grand Rapids: Baker, 1981), 179.
- 8 - Spurgeon, Spurgeon, e Harrald, *C H Spurgeon's Autobiography*, Vol I, 233.
- 9 - Geoff Thomas, "Spurgeon and His Gospel Invitations," in *A Marvellous Ministry*, 81.
- 10 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XLIX, 559.
- 11 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol I, 261–262.
- 12 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XLVIII, 538.
- 13 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol X, 23.
- 14 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol V, 19.
- 15 - Ibid., 433.
- 16 - Ibid., 288.
- 17 - Ibid., 436.
- 18 - Ibid., 433.
- 19 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XLIV, 55.
- 20 - Charles H. Spurgeon, *Autobiography*, Vol I (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1992), 329.
- 21 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXVIII, 653.
- 22 - Spurgeon, *The Soul-Winner*, 77.
- 23 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol V, 20.
- 24 - Ibid., 22.
- 25 - Ibid., 22–23.
- 26 - Ibid., 23.
- 27 - Ibid., 20.
- 28 - Ibid., 23.
- 29 - Ibid.
- 30 - Ibid.
- 31 - Ibid., 24.
- 32 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XLIII, 249.
- 33 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol V, 19–20.
- 34 - Ibid., 21–22.
- 35 - Ibid., 21.
- 36 - Ibid., 20.
- 37 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol IX, 532.

- 38 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol V, 20.
- 39 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol IX, 540.
- 40 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol X, 689.
- 41 - Ibid.
- 42 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol V, 22.
- 43 - Ibid., 21.
- 44 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXVI (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1980), 622
- 45 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol X, 691.
- 46 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol X, 691.
- 47 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol V, 22.
- 48 - Ibid., 20.
- 49 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol LIX (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1979), 140.
- 50 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXIV, 469.
- 51 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol VII, 221.
- 52 - Ibid., 11.
- 53 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXVI, 622.
- 54 - Ibid., 391.

CAPÍTULO 5

- 1 - Murray, *The Forgotten Spurgeon*, 40.
- 2 - Murray, *Heroes*, 279.
- 3 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol VII, 169.
- 4 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXV, 174.
- 5 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XX (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1981), 94.
- 6 - Spurgeon, cited in Charles Ray, *The Life of Charles Haddon Spurgeon* (London: Passmore and Alabaster, 1903), 196–197.
- 7 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXVII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1975), 311.
- 8 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol X, 139.
- 9 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XIV (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1970, 1976, 1982), 467.
- 10 - Ibid.
- 11 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol IX, 709.
- 12 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXX, 28.
- 13 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XIX, 104.
- 14 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XLVI (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1977), 142.

- 15 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXI (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1973), 530.
- 16 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1974), 387–388.
- 17 - Ibid., 388.
- 18 - . Ibid.
- 19 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXII, 385.
- 20 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XII, 315.
- 21 - Ibid., 292.
- 22 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XVIII, 388.
- 23 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol VII, 592.
- 24 - Ibid.
- 25 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol LIII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1978), 50.
- 26 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXII, 387.
- 27 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXIV, 81.
- 28 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol X, 230.
- 29 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXIII, 374.
- 30 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXVI, 193.
- 31 - Ibid.
- 32 - Ibid.
- 33 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol VIII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1969, 1973, 1975, 1978), 219.
- 34 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XLIII, 248.
- 35 - Ibid., 247.
- 36 - Ibid., 246.
- 37 - Ibid., 247.
- 38 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXVIII, 473.
- 39 - Ibid., 475–476.
- 40 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol LVI, 617.
- 41 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXII, 363.
- 42 - Ibid., 364.
- 43 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XLVII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1977), 570.
- 44 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol LVI, 617.
- 45 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXV, 477.
- 46 - Charles Spurgeon, *Lectures to My Students* (1875; reimpr., Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1977), 82.
- 47 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXV, 174
- 48 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXII, 130.
- 49 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol IX, 720.

- 50 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol VIII, 149.
51 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXVII, 301.

CAPÍTULO 6

- 1 - Murray, *The Forgotten Spurgeon*, 36.
2 - Spurgeon, citado por John Stott em *Between Two Worlds* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1982), 334.
3 - Spurgeon, *Lectures to My Students*, Vol II, 1.
4 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XLII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1976,), 236.
5 - Spurgeon, *Lectures to My Students*, Vol II, 3.
6 - Ibid.
7 - Ibid., 180.
8 - Ibid., 4–5.
9 - Charles H. Spurgeon, *What the Holy Spirit Does in a Believer's Life*, compilado e editado por Robert Hall (Lynnwood, Wash.: Emerald Books, 1993), 35.
10 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol I, 266
11 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XI (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1979), 286.
12 - Spurgeon, *Lectures to My Students*, Vol II, 6.
13 - Ibid.
14 - Ibid.
15 - Ibid., 7.
16 - Ibid.
17 - Ibid., 6.
18 - Ibid.
19 - Ibid., 7.
20 - Ibid.
21 - Ibid., 9.
22 - Ibid., 10.
23 - Ibid.
24 - Ibid.
25 - Charles H. Spurgeon, *Lectures to My Students* (Edimburgo: Banner of Truth, 2008).
26 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXII, 143.
27 - Spurgeon, *Lectures to My Students*, Vol II, 8.
28 - Ibid.
29 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXII, 487.
30 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol I, 264.
31 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol I, 203.

- 32 - Charles H. Spurgeon, *The Greatest Fight in the World* (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1999), 51.
- 33 - Ibid., 52.
- 34 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XXXV, 470.
- 35 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol I, 266.
- 36 - Spurgeon, Spurgeon, and Harrald, *C H Spurgeon's Autobiography*, Vol II, 110–111.
- 37 - Spurgeon, *Lectures to My Students* (Banner of Truth edition), 231.
- 38 - Spurgeon, *Lectures to My Students*, Vol II, 8.
- 39 - Ibid., 10.
- 40 - Murray, *The Forgotten Spurgeon*, 34.
- 41 - Charles H. Spurgeon, Susannah Spurgeon, W. J. Harrald, *C H Spurgeon's Autobiography*, Vol III: 1856–1878 (Londres: Passmore and Alabaster, 1899), 43.
- 42 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol III, 340. 34.
- 43 - Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol XVII (Pasadena, Texas: Pilgrim Publications, 1971, 1977, 1984), 130.
- 44 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol I, 233–234.
- 45 - Spurgeon, citado em Drummond, *Spurgeon: Prince of Preachers*, 280.
- 46 - Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit*, Vol VII, 223.
- 47 - Ibid.
- 48 - Spurgeon, *Lectures to My Students*, Vol II, 12.
- 49 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol V, 211.
- 50 - Charles H. Spurgeon, “Another Word Concerning the Down-Grade,” *The Sword and the Trowel* (August 1887), 398–399.
- 51 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol V, v–vi.
- 52 - Spurgeon, *The New Park Street Pulpit*, Vol I, 233–234.
- 53 - Spurgeon, citado em Drummond, *Spurgeon: Prince of Preachers*, 280.
- 54 - Spurgeon, Spurgeon, e Harrald, *C H Spurgeon's Autobiography*, Vol III, 43.

CONCLUSÃO

1 - Esta frase, que utilizei como título desta conclusão, foi adaptada do comentário de Spurgeon de que “Precisamos novamente de Luteranos, Calvinos, Bunyans, Whitefields – homens dignos de marcar eras, cujos nomes exalam terror nos ouvidos de nossos inimigos. Temos terrível necessidade de tais homens” (Charles H. Spurgeon, *Autobiography*, Vol 2: *The Full Harvest*, 1860–1892, compilado por Susannah Spurgeon e Joseph Harrald [Carlisle, Pa., e Edimburgo, Escócia: Banner of Truth, 1897–1900, 1987], 29).



O Ministério Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel